

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

THERESA JAYNNA DE SOUSA FEIJÃO

“GIRA GIRA CRIANCINHA”, aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI - Brasil

TERESINA
OUTUBRO- 2015

THERESA JAYNNA DE SOUSA FEIJÃO

“GIRA GIRA CRIANCINHA”, aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI - Brasil

Texto de defesa da dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante.

TERESINA

OUTUBRO– 2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

F297g Feijão, Theresa Jaynna de Sousa.
“Gira gira criancinha”, aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI – Brasil / Theresa Jaynna de Sousa Feijão. – 2015.

170 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante.

1. Santo Daime. 2. Psicoativos. 3. Crianças. 4. Aprendizagem. I. Título.

CDD 299.8

THERESA JAYNNA DE SOUSA FEIJÃO

“GIRA GIRA CRIANCINHA”, aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI - Brasil

Texto de defesa da dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante
Universidade Federal do Piauí – UFPI – PPAGNT

Prof. Dr. Alberto Groismam
Professor colaborador PPGAS
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
(Membro externo)

Prof. Dr. Robson Cruz
Universidade Federal do Piauí – UFPI - PPGANT
(Membro interno)

Dedico este trabalho especialmente às crianças daimistas.

In Memoriam

Ao meu estimado pai Edmilson Feijão e
Ao saudoso Glauco Villas Boas

Agradecimentos

Ao Divino Pai Criador.

À Rainha da Floresta professora desta escola.

Ao Mestre Raimundo Irineu Serra por ser um jardineiro no jardim de belas flores.

Ao padrinho Sebastião Mota de Melo e toda a família Mota de Melo pela consolidação e expansão da Doutrina.

Aos músicos da Doutrina

À Abraão Honório Cavalcante por ter plantado esta semente em Teresina.

À toda irmandade daimista do globo terrestre, especialmente aqueles que ainda lutam pela legalização do Santo Daime.

Aos irmãos daimistas do Nordeste e do Piauí.

À irmandade do Céu de Todos os Santos com quem divido alegrias e sofrimentos.

À minha mãe por seu apoio incondicional.

Aos meus irmãos e sobrinhos.

À minha família.

Aos inúmeros pesquisadores que abriram caminho para este trabalho.

À CAPES pelo incentivo constante à pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí.

À professora e amiga Francisca Verônica por acreditar em mim e me fazer uma pesquisadora.

À Banca de Qualificação pelas sugestões.

À Banca Examinadora pela disposição de leitura e correções que sugeriram ao trabalho.

Aos colegas da Quinta Turma, em especial Pâmela Laurentina, Cayo Cruz e Kleb Leite.

Aos amigos Daniell Rangel e Diógenes Macedo.

À todas as famílias daimistas participantes desta pesquisa, em especial à família Povo do Sol.

Ao Santo Daime pelos ensinamentos e correções na minha vida.

CIRANDA DO SANTO DAIME

O que Papai me deu
Mamãe consagrou

Gira, gira criancinha, gira
Na ciranda do amor
Gira, gira criancinha, gira
Que a Virgem Mãe mandou

O que Mamãe me disse
Papai confirmou

Gira, gira caboclinha, gira
Gira na gira do amor
Gira, gira, caboclinha, gira
Na gira que Deus mandou

O velho tempo passa
Novo tempo chegou

Novo mundo, novo povo, nova era
E um novo professor
Novo mundo, novo povo, nova era
E um novo professor

Resumo

A problematização da presente pesquisa é em torno do consumo da ayahuasca por crianças, o problema é compreender como se dá o aprendizado da doutrina do santo daime para as crianças participantes do espaço “Céu de Todos os Santos” – “CTS” em Teresina – PI - Brasil. O objetivo geral é compreender como uma criança torna-se daimista. Como objetivos específicos investigamos como se dá a inserção da criança na doutrina do Santo Daime no CTS; como aprendem a ser daimistas; e como as crianças representam-se a si mesmas e à sua religião, numa interface entre Antropologia da Religião e Antropologia da Criança. Entendemos que não há uma cisão do universo adulto com o universo infantil, portanto nossa análise leva em consideração a interação adulto/criança. Desenhos, histórias de vida e vivências são ferramentas de pesquisa, juntamente com técnicas clássicas, que nos revelam novas perspectivas do fazer antropológico.

Palavras-Chave: Santo Daime; Psicoativos; Crianças; Aprendizagem.

Abstract

The questioning of this research is around the consumption of ayahuasca of children, the problem is to understand how is the learning daime holy doctrine for the children participating in the space "Céu de Todos os Santos" - "CTS" in Teresina - PI - Brazil. The overall goal is to understand how a child becomes daimista. Specific objectives investigate how is the inclusion of children in the Santo Daime doctrine in CTS; Learn to be daimistas; and how children are represented themselves and their religion, at an interface between the Religion Anthropology and Anthropology of the Child. We understand that there is a split in the adult world with the infant universe, so my analysis takes into account the adult / child interaction. Drawings, life stories and experiences are research tools, along with classical techniques that reveal new perspectives in the anthropological do.

Keywords: Santo Daime; Children; Learning.

SUMÁRIO

1. Introdução	05
2. Ser nativa e olhar o universo do Santo Daime e de suas crianças com as lentes da Antropologia: métodos e técnicas	16
2.1. A etnografia e a privilegiada posição do antropólogo nativo	16
2.2. As Ciências Sociais e o Santo Daime	21
2.3. O que é o Santo Daime? O sacramento e a religião	24
2.4. Infância: paradigmas e métodos	33
2.5. Técnicas de pesquisa com crianças: o uso dos desenhos	43
3. Centro Livre de Força Amor e Luz Rainha da Floresta: a irmandade daimista em Teresina no “Céu de Todos os Santos”	47
3.1. Teresina e os daimistas no espaço “Céu de Todos os Santos”	47
3.2. Anos 2000 e a chegada do Santo Daime	48
3.3. Teresina e os Novos Movimentos Religiosos	52
3.4. A religião do Santo Daime em Teresina: “Céu de Todos os Santos”	55
4. “Eu sou pequenininho mas trago meus ensinós”: a visão de mundo das crianças daimistas	82
4.1. Gestaçã, parto e rituais de nascimento: a ingestã da ayahuasca por grãvidas e recém-nascidos	82
4.1.1 I Roda de Conversas sobre Ciãncias, Tradições e Espiritualidades: corpo e parto	93
4.2. Batismo, aniversãrios e fardamentos - os ritos sociais e religiosos e o aprendizado da religiã santo daime por criançãs no “Céu de Todos os Santos”	101
4.3. As criançãs do “Céu de Todos os Santos” e seus ensinós: os trabalhinhos de criançãs; feitos; significações e ressignificações	110
4.3.1 O Trabalho de criançãs	110
4.3.2. Os feitos	121
5. Considerações Finais	140
Referências Bibliográficas	142

1 Introdução

Quando uma prima me telefonou naquela tarde de sábado de um dezembro quente e tedioso do ano de 2002 dizendo-me que o beija-flor¹ havia pousado em Teresina, uma excitação curiosa apoderou-se de mim. Anna me contava sobre sua experiência com a ayahuasca e me convocava dizendo: “prima você tem que experimentar!” As muitas informações que Anna me dava eram apenas suas impressões e relatos de sua própria experiência. Tudo o que sabíamos era que a ayahuasca era o sacramento religioso de uma doutrina da floresta amazônica chamada Santo Daime. Logo lembrei uma matéria veiculada pela extinta TV Manchete sobre o tema em meados dos anos de 1980 onde o olhar de um senhor de longas barbas brancas me fitava tão profundamente que essa memória retornara como se eu o tivesse olhando naquele exato momento. Um frio percorreu-me a espinha: um pouco de medo, um pouco de adrenalina. Concluímos o telefonema com hora e lugar marcado para o meu encontro com o “beija-flor das matas”, e na sequência fui arrumar uma mochila com um casaco, rede, cobertor, frutas e algum dinheiro, já que iríamos passar a noite no sítio “O Lugar²” de propriedade de um amigo funcionário público federal e também dono de um bar frequentado por mim e Anna.

Lá chegando encontramos com outros amigos e alguns desconhecidos nossos que também estavam para participar da “sessão” com a ayahuasca. Jamais poderia imaginar que meu maior encontro seria comigo mesma naquela noite de um céu tão cheio de estrelas. Sentados no chão, em círculo e em meio a muitas conversas, risos e baseados, tomamos um copo tipo “americano”, de uma bebida de cor terrosa, cheiro muito forte e sabor amargo, que o cunhado de um dos rapazes que estava na roda havia trazido de uma viagem ao estado do Acre e que ele nos apresentou como Santo Daime.

Após a ingestão da bebida cada um sentou-se novamente na grande roda e o bate papo e risos continuaram até que o chá começou a fazer efeito. Afastei-me da

¹ Ave símbolo do Santo Daime que representa a cura, ou ainda a presença espiritual de Sebastião Mota de Melo, mentor da vertente contemporânea e responsável pela expansão das igrejas da floresta para os grandes centros. Também refere-se à própria bebida ayahuasca.

² Propriedade localizada na zona rural de Teresina, muito arborizado e que ainda preservava mata nativa da região como babaçuais (palmeira do babaçu) e tucunzeiros (palmeira de tucum).

roda e procurei um lugar onde pudesse ficar sozinha, sem que ninguém me visse, porque pude pressentir que algo muito estranho me aconteceria e que eu não queria que ninguém presenciasse. Lembro-me de ter começado a me sentir mal, tonta e com os pensamentos acelerados e desordenados: lembranças, inquietações, medos, frustrações, culpas, tudo ao mesmo tempo. Tentava respirar e acalmar-me, logo percebi que quanto mais dava vazão a tudo aquilo, mais ia ficando difícil controlar; quando respirava e procurava me acalmar, ia diminuindo, diminuindo...até que eu me angustiava novamente exatamente porque havia muitas lembranças, cobranças e culpas que insistiam em voltar como se eu tivesse que olhar muitas e muitas vezes os meus erros para que eu sentisse o quanto eu já havia sido cruel, tirana, autoritária, controladora, indiferente, preconceituosa, enfim, todas as vezes que cometi pequenos ou grande erros, as lembranças retornavam para que eu aprendesse a não mais cometê-los. Tive passagens difíceis e cheguei a pensar que não conseguiria mais voltar à consciência, cheguei a prometer, em pensamento que, se eu conseguisse retornar daquele estado, nunca mais tomaria aquela bebida novamente, tamanho era o meu sofrimento. Meu corpo todo tremia como se a carne fosse apartar dos ossos. Senti um frio que não teve cobertor capaz de me aquecer. Eu estava num confronto comigo mesma, meu positivo e negativo estavam sendo desnudados ali na minha frente e doía meu corpo inteiro e mais ainda minha mente e coração.

Não sei por quanto tempo eu fiquei nessa passagem, mas pareceu-me uma eternidade. Fiz limpeza³. Fui melhorando aos poucos e, outras sensações tão profundas e suaves ao mesmo tempo, tomaram de conta do meu ser. Leveza, amor, gratidão, conforto e, ao final eu só queria saber quando eu teria nova oportunidade de tomar ayahuasca.

Desde então passei a participar de todos os encontros, reuniões, estudos e tudo o mais que dissesse respeito ao Santo Daime em Teresina: fundação da igreja, fiscalização feminina⁴, chefe de fiscalização⁵, secretária geral⁶ da instituição e desde

³ De acordo com categoria êmica, fazer limpeza significa colocar para fora as impurezas; as doenças; sujeiras; é uma espécie de purga, e pode acontecer de variadas formas: vômitos, fezes, sudorese, choro, realizando assim uma limpeza da matéria, do aparelho, enfim, do corpo.

⁴ Nas igrejas do Santo Daime o (a) fiscal tem a função de limpar e organizar o salão para o trabalho; dar suporte durante o rito, trocando as velas dos pontos internos (mesa eucarística) e externos (cruzeiro e ponto Seu Tranca- Rua); repondo a água da mesa eucarística; posicionar os participantes

o ano de 2007, ano de meu fardamento⁷, conselheira doutrinária⁸ da casa, e, a partir de junho de 2015, com a posse da nova diretoria (biênio 2015-2017), juntamente com a psicóloga Anne Rufino e a advogada Juliana Teixeira e Góis, uma das comandantes do batalhão feminino⁹. No ano de 2013, inspirada pela presente pesquisa, venho organizando, trabalhando e coordenando um projeto de arte/educação/cultura com as crianças daimistas do CTS, que, já rendeu uma peça teatral de autoria de Daniell Rangel e minha; a produção de um CD com hinos da irmandade daimista teresinense, e, a partir de julho deste ano, iniciamos a escola dominical “Gira gira criancinha” onde são ministradas oficinas de música; artes plásticas; educação ambiental; e aulas de evangelização. Portanto, meu contato com meu objeto de estudo deu-se desde a formação da Igreja Céu de Todos os Santos em Teresina. Enfim, a convivência cotidiana com os meus sujeitos, dentre eles as crianças, acontece desde a gestação das mesmas.

Minha vida tem como divisor de águas a experiência dolorosa, forte, porém transformadora, ou seja, a primeira vez que tomei a bebida sagrada conforme descrevi anteriormente. A partir dos meus estudos com o Santo Daime, pude me conhecer e foi nesse processo de autoconhecimento que descobri meu interesse e

em seus lugares no início da sessão; além de prestar auxílio às pessoas em passagens (categoria êmica utilizada para descrever as situações em que sob o efeito da bebida sagrada choram, defecam, vomitam e por vezes desmaiam).

⁵ Chefe de fiscalização nas igrejas do santo daime tem como função treinar e coordenar os fiscais e estabelecer as escalas dos fiscais responsáveis por cada trabalho da igreja.

⁶ Secretário (a) geral nas igrejas do Santo Daime tem como função cuidar da documentação da igreja, tais como: o registro das assembleias, que são ocasiões em que os membros das igrejas se reúnem para a tomada de decisão de qualquer assunto pertinente a irmandade; O (a) secretário (a) geral também é responsável por guardar as e registrar as atas em cartório.

⁷ Fardamento é o nome utilizado pelos adeptos do Santo Daime para classificar as pessoas que convertem-se à referida religião. Oportunamente voltarei a esse tema neste texto.

⁸ Conselho Doutrinário é um dos três órgãos [a) Assembleia Geral, b) Conselho Doutrinário e c) Diretoria Administrativa] que compõem a administração da Igreja “Céu de Todos os Santos”, é composto por sete membros indicados pelo presidente e tem como competência aprovar os planos, programas e projetos, orçamento e regimento interno do CTS; aprovar ou reprová-la a admissão ou exclusão de sócios efetivos e beneméritos; fazer recomendações a respeito da política e da missão do CTS; zelar pelo Regimento Interno (Documento que rege a vida espiritual e comunitária dos associados do CTS); Órgão de aconselhamento, fiscalização e aplicação das sanções previstas no Regimento Interno.

⁹ Comandante do batalhão feminino na religião do Santo Daime significa a autoridade feminina da igreja. É responsável pela igreja no que diz respeito à orientação das mulheres; recepção das neófitas; coordenar núcleos de estudos femininos. Vale pontuar que para cada função aqui descrita há um equivalente do gênero masculino. A exceção no que se refere às funções para o feminino e o masculino, diz respeito ao papel desempenhado pelo Secretário (a) Geral, isto é, quando um dos gêneros assume a função não há equivalente.

ligação com a Antropologia. No ano do meu fardamento¹⁰, passei por outra forte experiência ocasião em que resolvi sair do emprego (graduada em Administração de Empresas, trabalhava numa grande empresa federal com cargo comissionado); viajar para conhecer outras igrejas e no retorno para Teresina recomeçar a vida acadêmica iniciando graduação em Ciências Sociais, no ano de 2008, na Universidade Federal do Piauí.

Em minha trajetória acadêmica tenho me dedicado a investigar as relações entre religiosidades e cura. As pesquisas PIBIC 2009-2010 e PIBIC 2010-2011 “Práticas terapêuticas mediúnicas e o saber acadêmico nos centros espíritas em Teresina” e PIBIC 2011-2012 “O Santo Daime no ‘Céu de Todos os Santos’: uma experiência novaerista em Teresina”, o estágio obrigatório da graduação e da produção do projeto e execução da pesquisa e do relatório realizado em 2012 cujo título é: “Um olhar antropológico sobre as crianças do Santo Daime” me trouxeram um diálogo profundo com esse campo empírico para além de uma adepta, instigando-me a aprofundar essas temáticas.

Dentre o vasto campo que investiga as relações entre religiosidade e cura, no caso da religião do santo daime coloca-se como questão central o uso da bebida sagrada, no caso, o consumo da ayahuasca. Esse é um assunto recorrente na agenda política contemporânea que envolve a discussão em torno do “uso de drogas”. Acordos e tratados internacionais estabelecem quais substâncias são “drogas” ou não, o que gera políticas proibicionistas em relação às mesmas (REGINATO, 2010). Portanto, o que entendemos por drogas é fruto de um contexto político, histórico, social e cultural.

É importante pontuar que, desde o início dos anos de 1980, a regulamentação e o uso da ayahuasca no Brasil, vem sendo estudado, e discutido multidisciplinarmente por antropólogos, psiquiatras, psicólogos, representantes da divisão de narcóticos da polícia federal, teólogos, entre outros (LEMOS & POLARI, 2003) e é pioneiro no que diz respeito ao tema.

¹⁰ Fardamento é a cerimônia em que o adepto torna-se um daimista, ou seja, cerimônia de conversão à religião santo daime.

A Resolução 05/04 do CONAD (Conselho Nacional Antidrogas) reconhece a legitimidade jurídica do uso inclusive por mulheres grávidas e crianças, no entanto, essa é uma das matérias mais controversa do uso da ayahuasca no Brasil (LABATE, 2008).

A Resolução Nº 4-CONAD, de 4 de novembro de 2004, postula:

“CONSIDERANDO que a participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro;”

O Relatório final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho – GMT Ayahuasca – do Conad, apresentado em 23.11.2006, afirma:

“IV.VIII – USO DA AYAHUASCA POR MENORES E GRÁVIDAS”.

35. Tendo em vista a inexistência de suficientes evidências científicas e levando em conta a utilização secular da Ayahuasca, que não demonstrou efeitos danosos à saúde, e os termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, o uso da Ayahuasca por menores de 18 (dezoito) anos deve permanecer como objeto de deliberação dos pais ou responsáveis, no adequado exercício do poder familiar (art. 1634 do CC); e quanto às grávidas, cabe a elas a responsabilidade pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, a preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro.” (LABATE, 2008).

Em se tratando da ingestão da bebida por adeptos, dentre eles, grávidas e crianças lembramos que o respeito à diversidade e liberdade religiosa é garantido pela Constituição Federal, bem como é importante destacar que não há nenhuma prova científica ou empírica de malefícios no uso por esses grupos, posto que o seu uso é regulamentado e só é permitido dentro de um contexto religioso, ou seja, permeado por um conjunto de práticas e por um sistema cultural compartilhado muito particulares que norteiam e exercem um controle social sobre o indivíduo e os grupos¹¹.

Pode-se afirmar que a religião do Santo Daime é marcada por uma “nova” maneira de lidar com a saúde e a doença e se expressa na ingestão da bebida sagrada e na relação corpo-mente-espírito, que se manifesta nos corpos dos adeptos e das crianças participantes. Tal manifestação é alvo de minha investigação

¹¹ FEIJÃO e CAVALCANTE. Crianças e psicoativos: a ingestão e a relação corpo saúde nos rituais do Santo Daime. Comunicação apresentada no I Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2013, São Paulo. Diversidades e (In) Tolerâncias Religiosas, 2013.

uma vez que a não separação corpo-mente-espírito e a relação indissociável com a natureza, faz com que o adepto dessa doutrina encontre na bebida sagrada a cura para os seus males e uma retroalimentação dos conceitos que lhes são caros: autoconhecimento, relação de parceria com a natureza e experiências místicas. Portanto, adentramos aqui no universo das terapias ditas no passado alternativas e hoje conhecidas como integrativas e complementares e inclusive como cuidados paliativos pela Organização Mundial de Saúde¹².

Diante da relação religiosidade e cura no santo daime elenco como um dos principais pontos a problematização do consumo da ayahuasca por crianças a partir desse entendimento da ingestão da bebida como uma busca de cura para os adultos e adeptos da doutrina daimista e me dedico neste estudo em compreender como se dá o aprendizado dessa religião para as crianças participantes do espaço “Céu de Todos os Santos” – “CTS” em Teresina-PI.

Meu objetivo geral é compreender como uma criança torna-se daimista no espaço religioso Céu de Todos os Santos e, como objetivos específicos, procuro investigar como se dá a inserção da criança na doutrina do Santo Daime no CTS; como aprendem a ser daimistas; e como as crianças representam-se a si mesmas e à sua religião.

Adotei uma pesquisa de cunho qualitativo e para uma melhor observação e compreensão dos dados utilizei a técnica da observação participante, com minha presença em campo desde os trabalhos espirituais como no dia-a-dia do universo daimista, participando integralmente de várias atividades desenvolvidas no espaço daimista Céu de Todos os Santos tais como ensaios¹³, mutirões¹⁴, entre outras, ou seja, minha presença em campo não se deu com interesses exclusivos na pesquisa.

O fato de ser uma adepta das mais antigas e uma pesquisadora já conhecida no espaço facilitou o estabelecimento de uma relação de confiança e intimidade com os adeptos do Santo Daime em Teresina, isto é, os frequentadores do Céu de Todos os Santos, em particular com as crianças um entrosamento, uma rede de sociabilidade que permite aos adeptos e as referidas crianças me revelarem as suas

¹² A respeito ver CAVALCANTE (2013).

¹³ Por ser uma doutrina musical, semanalmente há ensaios musicais para aperfeiçoamento do canto e dos músicos.

¹⁴ Sistema de trabalho comunitário para limpeza, cuidado e zelo do espaço da igreja.

maneiras de ser no que respeita a sua espiritualidade, as suas visões de mundo, as maneiras como se percebem enquanto indivíduo, ser social e grupo religioso.

Produzi um caderno de campo onde anotei diálogos informais, impressões e vivências com as crianças (participam desta pesquisa 21 crianças com idades entre 0 a 8 anos) e os adultos, com os quais fiz uso da técnica de história de vida (num total de 06 entrevistas: 01 homem e 05 mulheres com idades entre 55 e 25 anos)¹⁵ do Céu de Todos os Santos¹⁶; analisei e interpretei alguns dos hinos/hinários¹⁷ no que diz respeito ao conceito e significado de criança e infância entendido nesta religião, a exemplo do título deste trabalho: “GIRA GIRA CRIANCINHA” que é retirado do hino “Ciranda do Santo Daime”, segundo hino do hinário “Nova Dimensão” do atual dirigente espiritual do ICEFLU, Alfredo Gregório de Melo; desenvolvi oficinas de desenhos com as crianças no espaço “CTS”, além do recolhimento de desenhos feitos em outras ocasiões que não as oficinas, mas que contemplam questões relativas aos objetivos da presente pesquisa.

A perspectiva adotada nesta pesquisa toma a criança como um sujeito social. Neste sentido, entendo que a ação das crianças do espaço religioso daimista não está separada ou deslocada do contexto social e cultural em que estão inseridas, portanto, as crianças frequentadoras do espaço religioso ‘Céu de Todos os Santos’ não são como seres incompletos a serem formados e socializados, mas, sim, sujeitos sociais. Como nos lembra Cohn:

[...] a criança não é apenas alocada em um sistema de relações que é anterior a ela e reproduzido eternamente, mas atua para o estabelecimento e a efetivação de algumas das relações sociais dentre aquelas que o sistema lhes abre e possibilita (COHN, 2005, 28)

Assim, para entender a ingestão da bebida sagrada por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos e o que é ser um daimista para elas, é necessário compreender, primeiro, o seu contexto social e cultural, isto é, os

¹⁵ No capítulo um descreveremos detalhadamente sobre cada um dos sujeitos pesquisados.

¹⁶ Fundado em 2005, atualmente está localizado na Taboca do Pau Ferrado, localidade Capim Duro, S/N, zona rural da cidade de Teresina, é um lugar holístico, que compreende um espaço religioso onde acontecem rituais, vivências, experiências místicas, a ingestão da ayahuasca, é o recinto de culto do santo daime, a igreja; casa de feitiço (local onde faz-se o preparo da bebida sagrada); secretaria; e o entorno de casas onde moram alguns dos adeptos (hoje 08 famílias residem no referente espaço, e mais 05 possuem terrenos). Descreveremos mais detalhadamente no segundo capítulo.

¹⁷ Por ser o santo daime uma doutrina musical, e por, serem os hinos, o conhecimento e, ao mesmo tempo, a forma de transmissão desse conhecimento (OLIVEIRA, 2007).

significados atribuídos pelos adeptos que são “imitados” (MAUSS, 2003) por estas crianças sem que isso implique não elegê-las como sujeitos sociais, isto é, sem que a sua voz, seus desenhos, enfim, suas expressões e manifestações não sejam privilegiadas, mas, tão somente, para enfatizar a importância dessa relação cura-espiritualidade enquanto uma técnica aprendida a partir dos adultos. Considero que a ingestão da bebida é imitada por crianças a partir de uma autoridade prestigiosa que é exercida pelos adultos do CTS em relação a elas, e, portanto, aprendem essa prática, esse ritual que é construído social e culturalmente no espaço CTS. Isto posto, considero de suma importância o ponto de vista das crianças e dos adeptos deste espaço religioso estudado.

Toren (2013) entende que as crianças não são receptoras passivas dos valores e atributos sociais, as crianças possuem capacidades cognitivas, apenas qualitativamente diferentes da dos adultos. No presente estudo, as crianças me explicam como estão aprendendo a religião do santo daime à medida que me relatam sobre o que conhecem a respeito das experiências místicas, do que é ser daimista.

A pesquisa [...] com crianças permite ao antropólogo descobrir os processos de conhecimento que dão origem aos conceitos que os adultos usam para descrever a si mesmos e o mundo (TOREN, 2013. p. 174-175).

Corroboro com a autora que nos mostra em seus estudos que o cognitivo, ou seja, o aprendizado, parte da interação dos seres humanos e é determinado biológica e historicamente, pois o sistema nervoso constrói-se de acordo com o uso cultural (TOREN, 2013). O estudo das crianças permitirá uma maior compreensão das culturas, já que o que se tem produzido é uma visão adultocêntrica das mesmas. Observando as crianças participantes dessa pesquisa durante vários dias de convivência em espaços de sociabilidades como a igreja Céu de Todos os Santos, por ocasião de aniversários, batizados, entre outros momentos, foi possível perceber as maneiras de pensar, a forma de compreender delas, não só sobre a religião, bem como sobre ser criança como veremos ao longo desse estudo.

Sobre o pensamento infantil Levi-Strauss admite:

É o pensamento infantil, que fornece, em todas as culturas, um fundo comum e indiferenciado de estruturas mentais e de esquemas de sociabilidade, do qual cada uma retira os elementos que lhe permitirão construir seu modelo particular. (LEVI-STRAUSS, 1982. P. 124)

Os estudos com interfaces entre religiosidade e infância são muito incipientes. Pires (2005) afirma que nos primeiros anos de vida as crianças parecem não separar o religioso do cotidiano. Não por que sejam desprovidas de sentimentos religiosos, mas porque no cotidiano das crianças parece não haver separação entre o ordinário e extraordinário, ou seja, entre o sagrado e o profano, embora desde muito pequenas estejam inseridas no contexto religioso. Porém “se as crianças não dialogam com a religião, a religião, por sua vez, dialoga com elas” (PIRES 2005, p 05).

A natureza estabelecida pelas crianças com a religião se dá através do processo de inserção das crianças na mesma. Segundo Pires (2005) hábitos como rezar, pedir a benção, ir à igreja contam primordialmente com o papel da família, é através das práticas familiares que a criança se insere no universo religioso.

Neste estudo observo que através dos ensinamentos da doutrina do Santo Daime no espaço CTS as crianças aprendem a valorizar virtudes que são enfatizadas nos hinos e na convivência cotidiana. Assim, para os adeptos as crianças representam a garantia da continuidade desta religião e seus valores sociais, culturais, enfim, da visão de mundo de seus familiares que adeptos a doutrina ingerem a bebida sagrada e tais conhecimentos se apresentam neste estudo enquanto marcas identitárias que constroem uma relação saúde-doença-cura diferenciada, para além da biomedicina, investindo em uma interrelação corpo-mente-espírito que preserva e se sente parte da natureza, do cosmos.

Para adentrar ao universo do contexto infantil, ou seja, para tratar das culturas infantis (COUTINHO, 2001), tomo como pressupostos nesta reflexão as contribuições das abordagens antropológicas clássicas e modernas em diálogo com o campo historiográfico que permitiram a construção desse novo campo da antropologia da criança, e de seus paradigmas, os quais dão maior visibilidade às crianças, aparecendo como categoria central de análise e a infância compreendida como experiência cultural e contextual; além disso, a criança é vista como um ser social, indivíduo que pertence a um grupo, que é membro de uma família e participa de rituais da religião do santo daime, e, que é, ao mesmo tempo, produto e produtora de cultura.

A constituição da Modernidade conformou a hegemonia da associação entre a noção de “criança” e de “infância”, tomada como uma fase da vida

socialmente distinta e fundamentalmente associada à noção de desenvolvimento e incompletude. No entanto, estudos etnográficos – atentos à variabilidade de cenários e a diversidade das configurações e sentidos dados para a “criança” e para a “infância” – têm mostrado o quanto é possível haver diferentes dinâmicas de produção das crianças e de seu protagonismo, as quais não se circunscrevem à percepção da “infância” como incompletude e desenvolvimento (FONSECA ET AL, 2013, p. 206).

Tratarei das particularidades das culturas infantis, já que plurais¹⁸, é necessário admitir que existem diferenças, e que os contextos, os valores e os significados produzem diferentes infâncias. Neste estudo, é possível identificar valores e significados próprios ao universo infantil daimista e também que entre as crianças pesquisadas existem diferentes maneiras de aprender e apreender como ser criança e pertencente à religião do santo daime.

Dialogo com autores como Macrae (1992); Mauss (2003); Labate (2002; 2004; 2008); Pires (2005); Cohn (2005); Cavalcante (2009); Le Breton (2011), entre outros. O diálogo teórico com meu campo contempla autores que tratam de religiosidade nova era, corpo, infância, cura e ritual numa interface entre a Antropologia da Religião e Antropologia da Infância.

Este trabalho se estruturará em três capítulos: no primeiro capítulo trago uma discussão sobre o método etnográfico e as tensões e privilégios de ser uma antropóloga ayahuasqueira. Descrevo as técnicas utilizadas na pesquisa; como a pesquisa foi realizada; como os dados foram construídos; também faço um breve estado da arte das pesquisas antropológicas sobre o santo daime e da Antropologia da Infância.

No segundo capítulo apresento a cidade de Teresina evidenciando os aspectos mais fundamentais que dizem respeito à presente pesquisa, como o estabelecimento da relação entre religião, doença, cura, saúde, lazer, e evidenciando os anos 2000 e o contexto político e cultural em que o Santo Daime chega e se estabelece na cidade. Apresento o que é a doutrina do Santo Daime, quem são os seus adeptos em Teresina a partir do recorte idade, sexo, cor, classe econômica e profissão, além de uma linha cronológica com todos os nascimentos de crianças participantes da igreja Céu de Todos os Santos ano a ano.

¹⁸ A pluralidade das culturas infantis se dá em razão da diversidade de contextos, não necessariamente apenas relativos aos da infância, em que são produzidas (COUTINHO, 2001).

No terceiro capítulo apresento uma interpretação sobre a visão de mundo das crianças sobre o Santo Daime no espaço religioso “Céu de Todos os Santos” estabelecendo uma comparação da visão destas entre si, bem como com a visão dos adultos; desenvolvo uma discussão sobre maternidade, corpo, religiosidade, rituais de parto e nascimento e a ingestão da bebida sagrada por gestantes e crianças. Intento, dessa forma, trazer a tona o ponto de vista dos sujeitos.

2 Ser nativa e olhar o universo do Santo Daime e de suas crianças com as lentes da Antropologia: métodos e técnicas

“Estudo fino, estudo fino, que é preciso conhecer, para ser bom professor, apresentar o seu saber”. Hinário O Cruzeiro, Mestre Irineu.

Neste primeiro capítulo discutirei sobre o método etnográfico e o processo de estranhamento e reconhecimento ao qual uma antropóloga ayahuasqueira necessita passar, bem como descrevo as técnicas utilizadas na pesquisa; a realização da pesquisa; a construção dos dados; além de fazer, também, um breve estado da arte das pesquisas antropológicas sobre o santo daime e da Antropologia da Infância.

2.1 A etnografia e a privilegiada posição do antropólogo nativo.

Segundo Geertz (1978) para sabermos o que é determinada ciência é necessário observar o que os praticantes dessa ciência fazem. A etnografia é o fazer antropológico por excelência. Desde as teorias clássicas de Malinowski, com sua observação participante, que privilegiava o contato direto com a cultura pesquisada - em oposição à antropologia de gabinete que se fizera até então – recomendava a aprendizagem da língua nativa, interação direta com os nativos ao tempo em que mantém certo distanciamento, inclusive por se tratar de uma cultura exótica à sua própria; passando por Radcliffe-Brown que considerou a ação social envolta em teias de estruturas, funções e papéis a desempenhar; por Gluckman que percebeu a tensão entre a ação e a estrutura; a Franz Boaz – praticante da antropologia dos quatro campos (linguística, antropologia física, arqueologia e antropologia cultural) – que recomendava a catalogação de signos e conjunto de signo; na construção da disciplina antropológica, o que foi fundamental, inclusive para seu instrumental metodológico, foram os significados diversos do conceito de cultura. No caso desta pesquisa, o método etnográfico, juntamente com a sua técnica central, que é a observação participante, foram fundamentais para a realização do trabalho de campo e para a construção dos dados aqui analisados.

No fazer antropológico colonialista empirista britânico, a seleção dos dados deveria desprezar aspectos capazes de “manchar” a legítima prática científica. No

entanto, “a Antropologia, como uma disciplina de caráter pragmático, onde o trabalho de campo recebe atenção e incentivo, precisa contemplar a experiência do pesquisador” (ARAÚJO, 2011, p. 03). Como adepta e participante da igreja “Céu de Todos os Santos”, e, por entendermos também, que o fazer antropológico é uma prática reflexiva, não há como desenvolver um trabalho de campo sem levar em consideração a experiência como pesquisadora e também como religiosa.

A partir dos anos de 1960 com um conceito semiótico da cultura, a Antropologia assume um caráter interpretativista, ou seja, a Antropologia pós-moderna é autocrítica e reflexiva: a etnografia é a interpretação do antropólogo sobre a interpretação de seus interlocutores, posicionar-se é fundamental: a pesquisa etnográfica é também uma experiência pessoal. Cai por terra o mito de ausência e imparcialidade do autor na etnografia.

Situar-nos, um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. (GEERTZ, 1978, p. 23).

O método etnográfico é um método qualitativo de pesquisa social e, como tal, objetiva “apreender”, o que há de mais particular (é imprescindível que o pesquisador tenha familiaridade com os sujeitos para compreender suas experiências, os sentidos atribuídos e compartilhados, a visão de mundo, o ponto de vista nativo); requer uma descrição minuciosa, detalhada, densa (GEERTZ, 1978) de um campo e só pode ser assim realizado quando esse campo é visto de dentro, quando se observa o cotidiano dos sujeitos que o compõe, como no caso em questão, em que sou pesquisadora e religiosa, essa familiaridade foi construída antes e para além dos objetivos da presente pesquisa.

É numa inter-relação entre pesquisador e pesquisado que se constrói o conhecimento antropológico, e é no refinamento descritivo com que o antropólogo descortina o universo pesquisado que reside a análise antropológica, e é exatamente nessa relação de proximidade com os sujeitos que reside a originalidade das pesquisas antropológicas (LABURTHE_TOLRA, 1997).

Procurei construir uma etnografia sobre o Céu de Todos os Santos que constrói-se no “entrelhares” exigindo do pesquisador o pressuposto inicial da

disciplina antropológica: a alteridade. É necessário que o antropólogo seja capaz de se inserir no universo pesquisado de forma a capturar os sentidos e significados próprios da realidade investigada.

A prática da etnografia se torna mais profunda e se constitui como uma forma do (a) antropólogo (a) pesquisar, na vida social, os valores éticos e morais, os códigos de emoções, as intenções e as motivações que orientam a conformação de uma determinada sociedade. (ECKERT E ROCHA, 2008, p. 03)

Nesse contexto, o lugar do pesquisador no campo na Antropologia pós-moderna não mais poderia ser um local distanciado, sendo que invariavelmente o pesquisador é parte fundamental da pesquisa, ou seja, tornou-se imprescindível que este lugar fosse de reflexão: como ele se posiciona no campo? Quem é ele? De que lugar ele fala? Como e quanto ele é afetado pelo campo? Afinal a compreensão dos sentidos e significados dependeria fundamentalmente destas reflexões e esta etnografia se pretende nesta perspectiva, um olhar por dentro, um olhar de uma pesquisadora e religiosa, mas que faz o exercício de pôr as lentes da antropologia na construção dessa etnografia.

Ao contrário do pensamento cientificista positivista que buscava uma objetividade através do distanciamento entre pesquisador e objeto, as transformações sociais e tecnológicas no século XX, somadas a estas necessidades reflexivas (relativizadoras) do pensamento etnográfico, ancorando as concepções pós-modernas da Antropologia, num diálogo polifônico, faz surgir um lugar privilegiado: o do pesquisador nativo. Privilegiado pela possibilidade excepcional dos mesmos compreenderem de forma nativa as teias de significância próprias do objeto estudado. Revelar com clareza o seu lugar no grupo estudado, ou seja, revelar o modo como ele apreende e aprende sobre esse determinado grupo, contribui em demasia para os estudos etnográficos.

A década de 1960 é marcada também, por importantes processos no interior da disciplina antropológica; é o momento de surgimento de um novo interesse de pesquisa: a antropologia dedicada à ayahuasca. Nos anos 1960 e 1970 os antropólogos começaram beber ayahuasca e a produzir as primeiras pesquisas sobre o tema que contemplavam a experiência em primeira mão (LABATE, 2004).

Com mais de três décadas de pesquisa, a antropologia da ayahuasca vem constituindo-se como um campo de interesse internacional; é uma antropologia engajada, visto que legitima o discurso antiproibicionista, posto que há um lento e complexo processo de aceitação e assimilação de tais práticas através do século XX, e, mesmo as pesquisas que não se enquadram nessa categoria, acabam de alguma maneira contribuindo para a sua legitimidade (ARAÚJO, 2011).

A situação nativa do caso da antropologia ayahuasqueira, gera uma desconfiança, posto que seria o pesquisador “incapaz” do estranhamento necessário, ou seja, impossível anular-se, posto que a experiência com o chá é tão profundo que é impossível não afetar-se de alguma maneira. Há, ainda os preconceitos que permeiam os outros saberes não científicos (numa academia cientificista positivista): como um cientista poderia ser também um religioso? Além do mais, a ingestão de uma bebida provocadora de visões é assunto recorrente na agenda política contemporânea que envolve a discussão em torno do “uso de drogas”. No entanto, para nós neste estudo e para além dele, entendemos que existem vários tipos de controle social sob os adeptos, a ingestão da ayahuasca é uma “forma de vida”, que envolve valores, sentimentos, emoções, educação e dá sentido às suas vidas, não podendo ser, portanto, comparado ao uso de substância entorpecente.

Para ARAÚJO (2001) a posição privilegiada do nativo daimista está na possibilidade de ao invés de estranhar, reconhecer.

Ao invés do estranhamento, o pesquisador da ayahuasca que comunga de seus efeitos percorre um caminho inverso, de reconhecimento. Quando esse pesquisador é um antropólogo, a inversão aparentemente “herética” não destoa dos objetivos científicos, senão contribui para o acesso intenso a conhecimentos culturalmente partilhados. (ARAÚJO, 2011, p. 04)

Dito isto, é necessário esclarecer que, municiada das teorias antropológicas referentes ao meu objeto de estudo, as quais me permitirão interpretar meus interlocutores, me valerei também, de todo o conforto, nem sempre tão confortável assim, pois: “o processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico” (VELHO, 2013, p. 74) e privilégio de ser uma pesquisadora nativa daimista; pois além de uma crença nativa de que só se conhece o daime, tomando-o, porque pra conhecer a doutrina do Santo Daime, como diz o hino do Mestre Irineu, é um estudo

fino, profundo, de repetidas experiências, que inicia-se de dentro pra fora, pois para conhecer o que está fora, é necessário conhecer o que está dentro, se autoconhecer, e assim, entender mais do que teórica, ou metaforicamente, mas de forma prática, a doutrina e seus ensinamentos.

Eu, enquanto nativa, conheço o campo desde o início de sua formação, conforme já relatei na introdução: da chegada da ayahuasca na cidade; à constituição e fundação da igreja; à formação de cada família; até o nascimento de cada criança que hoje se constituem sujeitos desta pesquisa. Então este lugar privilegiado de observar o campo e ao mesmo tempo pertencer a ele, permite-me não só acesso maior ou mais fácil à determinadas informações; como também a apreensão de conceitos, significados, sentidos e significâncias tão próprias que outros pesquisadores que não têm nenhuma ligação com o campo, dificilmente apreenderia; como também um adepto que naturaliza sua cultura sem pensar, sem refletir sobre ela. Acreditamos que esta dupla pertença só alarga o espectro de visão, porque, ao mesmo tempo em que olho como antropóloga, olho como uma nativa. Corroboramos com Oliveira (2008) quando nos diz:

Este espaço liminar pode trazer para o interior da pesquisa uma visão múltipla do objeto e ora o pesquisador pode elucidar aspectos da observação a partir do estatuto da ciência, ora o observador pode traduzir melhor elementos da construção do rito que quiçá possam ser melhor percebidos pelo adepto. (OLIVEIRA, 2008, p. 27).

A etnografia que aqui apresentamos é de grande importância, visto que diferentemente de outros trabalhos a pesquisa de campo foi realizada em diversas oportunidades; além disso, por ser também adepta do espaço não ia ao campo com interesse exclusivo na pesquisa. Só para completar e deixar ainda mais transparente o lugar de onde falo e dos privilégios metodológicos dessa posição, registro aqui que enquanto escrevo estes parágrafos, recebo em minha casa a visita de uma “irmã¹⁹”, tia de Arthur (5a), que me traz um desenho pintado por ele, para que eu o utilize como material de pesquisa; estou certa de que essa atenção se deve à relação de proximidade e confiança que construí com cada um dos sujeitos pesquisados e com todas as famílias que compõe o espaço religioso em questão.

¹⁹ Na religião santo daime nos cumprimentamos como irmãos e, efetivamente, buscamos viver em irmandade.

2.2 As Ciências Sociais e o Santo Daime

Como já antecipamos desde a década de 1960 os trabalhos sobre as religiões ayahuasqueiras²⁰ vêm sendo escritos em primeira mão; muito foram os antropólogos que passaram a ingerir a bebida, e, escrever sobre União do Vegetal²¹, Barquinha²² e Santo Daime (LABATE, 2004), este último, é o que mais despertou interesses de pesquisas, conforme veremos.

O pioneiro é a dissertação de mestrado de Clodomir Monteiro: *O Palácio de Juramidam - Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*, defendida em 1983 pela Universidade Federal de Pernambuco. O autor estrutura o seu trabalho em três partes onde procura descrever o processo histórico de formação dos grupos daimistas; as simbologias e estrutura social dos grupos e por fim trata das partes centrais dos rituais. Monteiro (1983) defende que o Santo Daime, é uma formação cultural intermediária por trazer em sua formação elementos caboclos e urbanizados; nomeia as linhas ayahuasqueiras originadas a partir de Raimundo Irineu Serra, como sistemas de Juramidam²³ e coloca como problema central que o culto ao Santo Daime seria um vasto ritual de transcendência e despoluição relacionando os ritos com um possível projeto de ordem como tentativa de explicação funcional/estrutural. Para ele os rituais seriam fenômenos coletivos, extraordinários, traumatizantes de mudanças; mas, também seriam respostas adaptativas dos grupos; compreende os ritos como uma complexa rede de relações entre o natural, o cultural, o biológico e o psicológico.

Oliveira (2008), em sua tese de doutorado “SANTO DAIME – O PROFESSOR DOS PROFESSORES: a transmissão do conhecimento através dos hinos” faz uma abordagem diacrônica do Santo Daime, compreendendo-o sob a ótica do ecletismo

²⁰ Movimentos religiosos brasileiros que se baseiam no uso ritualístico da ayahuasca (LABATE, ROSE E SANTOS, 2008).

²¹ Fundada em 1961 em Porto Velho, Rondônia por José Gabriel da Costa, baiano, que assim como Mestre Irineu foi seringueiro, chegando a Amazônia no início dos anos quarenta. A UDV é um dos movimentos religiosos que utiliza a ayahuasca de forma ritualizada. É a que mais se expandiu nacional e internacionalmente das três religiões ayahuasqueiras.

²² Fundada em Rio Branco, Acre, pelo também maranhense Daniel Pereira de Matos que foi discípulo de Mestre Irineu, mas que acabou por fundar a Barquinha, linha que, além de consagrar ayahuasca em contexto ritualístico, tem o transe de incorporação como característica de seu culto, diferentemente do santo daime e da UDV.

²³ Entidade espiritual representada por Mestre Irineu. General comandante do batalhão da Rainha da Floresta.

evolutivo, ou seja, a cultura daimista absorve elementos de diversas outras culturas sem perder o sentido das origens de sua fundação; analisa a relação entre xamanismo e ayahuasca como uma fonte de conhecimento, e como tal, uma noção de pedagogia.

Entre as várias maneiras possíveis de transmissão desses conhecimentos, o autor elege o canto como principal condutor da experiência visionária, já que a doutrina do Santo Daime é uma doutrina musical; Oliveira (2008) compreende que os hinos da doutrina são elementos possuidores de determinados conhecimentos, que é, ao mesmo tempo, fundamento e sustentáculo da religião sendo esses hinos o mecanismo pelo qual esse conhecimento é transmitido e o próprio conhecimento em si. Defende que a religião se funda na noção de trabalho, espiritual e material; e ainda que a relação da transmissão do conhecimento é fundamental para a coesão do grupo. Ressalta a função pedagógica dos trabalhos espirituais a qual perpassa todas as instâncias da vida do adepto. É também um dos pioneiros a descrever como se deu o desenvolvimento da doutrina no Nordeste do País. Oliveira (2008) traz ainda a categoria êmica de “memória divina”, desdobramento do processo de autoconhecimento que o adepto inicia ao converter-se à doutrina e que significa “lembrar” quem se é, de onde vem, “afirmar sua verdade”, identificar-se como pertencente a esta irmandade, fazendo da memória social um importante elemento de coesão grupal. É possível identificar em nossa pesquisa, assim como Oliveira (2008), que os hinos contêm os ensinamentos e, são, ao mesmo tempo, a maneira como esse conhecimento é transmitido aos adeptos. No grupo pesquisado por mim, também pude identificar a importância de um pertencimento material e espiritual ao grupo, ou seja, a memória social como elemento de coesão grupal. No entanto, observei que não só os trabalhos espirituais, como os não espirituais (como mutirões e ensaios, por exemplo), também são processos de ensino/aprendizagem e que irão refletir sobre todos os aspectos da vida do adepto.

Assis (2013), em sua dissertação defende com muita categoria que as religiões enteógenas, ou seja, as que têm como caráter central a ingestão de substâncias psicoativas exigem do pesquisador uma “imersão mínima” nos ritos, para que este possa compartilhar o mesmo “repertório simbólico e sensorial” (ASSIS, 2013, p. 106) dos sujeitos. Seu argumento é de que para apreender o sentido do que é essencial à vida do grupo estudado - e no caso das religiões

ayahuasqueiras é a comunhão da ayahuasca -, posto que é o compartilhamento da “viagem xamânica” que produz a intersubjetividade do grupo, a apreensão desses sentidos ficaria comprometida sem a experiência da comunhão da bebida sagrada. Ancorado nos referenciais do interacionismo simbólico, na Sociologia da Religião e utilizando uma metodologia qualitativa de pesquisa, o autor busca compreender como, do ponto de vista grupal, o Santo Daime se constitui e se posiciona enquanto religião; como dialoga com outros grupos religiosos e a sociedade secular; e como se insere nos contextos estudados.

Ainda é Assis (2013) que nos mostra que compreende que a expansão do Santo Daime para os grandes centros urbanos está vinculada a um contexto social e religioso global, inserindo-se nos Novos Movimentos Religiosos (NMR's) – aqueles oriundos do movimento da contracultura; também o compreende sob a ótica do ecletismo religioso; e possuindo “afinidades eletivas” com o “espírito da Nova Era”. O Santo Daime seria uma religião de peregrinos (já que verificou um grande número de visitantes e participantes não regulares nos cultos) e convertidos, este último o autor denominou de “convertido eclético”, já que os adeptos se definem como daimista ao mesmo tempo em que possuem a liberdade de “sincretismo e bricolagem” num *continuum* religioso. Corroboro com as ideias de Assis (2013) no que diz respeito aos Novos Movimentos Religiosos e a expansão do santo daime; abordo o santo daime numa perspectiva novaerista, ao mesmo tempo em que também observei esse *continuum* religioso no meu campo, como demonstrarei mais adiante no capítulo três.

Assis (2013) ainda defende três hipóteses para a legitimação da ayahuasca nas classes médias urbanas: a relação entre o Daime e o cristianismo; a origem amazônica e uma visão idílica de uma expressão autêntica da cultura nacional; além dos processos de cura. Discute ainda, o dissenso entre os adeptos sobre o Santo daime ser sincrético ou eclético: varia de igreja, para igreja e é utilizada como estratégia de legitimação e de propagação de discursos de tolerância e compreensão da alteridade bem como de tentativas de afastamento frente aos usos “profanos” da ayahuasca. Traz o conceito de congregacionalização, ou seja, reconhece que existe uma dependência espiritual dos núcleos/centros com a matriz, mas não há uma ligação financeira, institucional ou burocrática. E considera que:

Contudo, sua inserção, expansão e legitimação na sociedade ocidental moderna mais ampla e seu diálogo com outras religiosidades questionam inclusive essa questão, mostrando que o Daime, ao mesmo tempo em que molda a visão de seus fiéis e estrutura o self de seus adeptos inclusive em um cenário urbano e transnacional, não está imune a interferências do meio social e também é “desencantado” e transformado na sociedade racionalizada contemporânea. Em suma, o Daime encanta a sociedade e a sociedade desencanta o daime, em um processo dialético de rumo incerto. (ASSIS, 2013, p. 101)

Em “Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da umbanda no santo daime” dissertação em Ciências da Religião de Alves Júnior (2007) trata da união Santo Daime e Umbanda. O autor verifica que a umbanda como parte integrante nos ritos e preceitos na religião fundada por Mestre Irineu, consolidou-se a partir da vertente fundada por Sebastião Mota de Melo, devido ao movimento expansionista que Padrinho Sebastião inaugura dentro do santo daime e à abertura deste para adesão de novas práticas e elementos culturais. No caso do campo em que pesquisa, esse encontro acontece no ano de 2007, através do então dirigente, Wilson Fernando, fato que será melhor detalhado no segundo capítulo deste trabalho.

A presença da Umbanda dentro do Santo Daime, verificada no conjunto de preceitos e ritos que compõem a cosmovisão daimista, adquiriu visibilidade a partir dos anos oitenta, no bojo da expansão que levou esta religião para fora dos limites da floresta amazônica. Sob o comando de Sebastião Mota de Melo, o Santo Daime testemunhou o crescimento da importância da Umbanda em sua constelação doutrinária, a ponto de distinguir-se por ela no conjunto das religiões ayahuasqueiras, entre as quais aquelas derivadas da criação do Mestre Irineu.

(...) Os anos finais do Padrinho Sebastião foram concomitantes ao grande crescimento do Santo Daime, particularmente na cidade do Rio de Janeiro. Impregnados pelas perspectivas da cultura alternativa, que parecia fazer o elo entre a religião da mítica floresta e a exótica Umbanda, encontraram-se a Umbanda e o Santo Daime nas pessoas de seu padrinho e de uma mãe-de-santo carioca, à frente de um grupo de discípulos que se aproximava do Santo Daime. (ALVES JÚNIOR, 2007, p. 06)

2.3 O que é o Santo Daime? o sacramento e a religião.

“Eu tomo daime e considero este vinho, o mesmo vinho que Jesus deu pra tomar aos seus apóstolos e disse: Em minha memória que é para sempre esta luz nunca faltar.” Hinário O Livrinho do apocalipse, Valdete Gregório de Melo.

“O Daime é o Daime, o professor dos professores.” Hinário O Cruzeiroiro, Alfredo Gregório de Melo.

“O Daime é
 O Daime é luz
 Para quem quer se enxergar
 O Daime é
 Daime é amor
 Para quem sabe amar
 O Daime é
 Um ser de cura
 Para quem quer se curar
 O Daime é
 Força do sol, clarão da lua
 É o amanhecer do dia.” Hinário Guia Mestre, Baixinha.

A religião do Santo Daime é uma religião que se utiliza de elementos de várias tradições religiosas e escolas esotéricas: desde o catolicismo popular como a Festa do Divino Espírito Santo, o Baile de São Gonçalo, as religiões afro-brasileiras, a cultura dos seringueiros da Amazônia, a pajelança maranhense, até o vegetalismo ayahuasqueiro; elementos esses que vão desde as vestes ou indumentárias até à cosmologia e expressões utilizadas nos hinos, bem como o próprio sacramento utilizado pela religião que vem das tradições indígenas da Amazônia peruana ressignificado sob a luz do cristianismo (MACRAE, 1992, GOULART, 1996 e LABATE E PACHECO, 2005).

Fundada por Raimundo Irineu Serra por volta do ano de 1930 (DIAS JÚNIOR, 1991, MACRAE, 1992, OLIVEIRA, 2008) é uma religião brasileira originária da Amazônia e baseia seus rituais na ingestão do chá da Ayahuasca, que na língua quéchua significa “Vinho das Almas” e que é feito a partir da cocção do cipó jagube (*banisteriopsis caapi*) - que representa o princípio masculino, segundo os adeptos é o cipó que é responsável pela força - e da folha Rainha ou chacrona (*Psychotria viridis*) – que representa o princípio feminino e que traz a luz, miração ou o conforto - e no canto de uma série de hinos, que por vezes também são dançados/bailados.

É uma religião cosmocentrista: o cosmos, o universo é a própria manifestação de Deus, e Este está presente em todas as coisas, inclusive dentro de nós mesmos; além de resgatar e valorizar intensamente os estados alterados de consciência (chamados pelos adeptos de “miração” – categoria êmica largamente utilizada por adeptos) como forma de alcançar a iluminação espiritual, não só por meio da ingestão do chá (também conhecido como Daime, yagé, ayahuasca, Vegetal, caapi), mas também pelo canto repetitivo de hinos, pois é uma doutrina musical, os hinários

(conjunto de hinos) são ditados diretamente do mundo astral, e contém ensinamentos, poder de cura e revelação, constituem para os daimistas como “um novo testamento” (OLIVEIRA, 2008).

São hinos de cura, disciplina, louvação e aconselhamento, frequentemente voltados para o momento específico vivido pela comunidade ou por certos indivíduos. Formam um vasto corpo, difícil de sistematizar, mas onde se distingue a tendência a considerar o aspecto material da vida como secundário e ilusório, valorizando a vida espiritual e os princípios básicos de harmonia, amor, verdade e justiça. Tornam-se, assim, o substrato ético que norteia o dia-a-dia dos seguidores da doutrina. (MACRAE, 1992. p. 68)

A doutrina do Santo Daime é uma religião revelada, posto que a própria Virgem Nossa Senhora da Conceição, através das mirações revelou a Raimundo Irineu Serra os fundamentos e dogmas da nova doutrina que ele deveria fundar.

A bebida tem íntima relação com a cura de enfermidades físicas, mentais e espirituais: “tomar *ayahuasca*, que também é conhecida como *la purga*, é concebido como uma maneira de “pôr para fora” as doenças, estados de espíritos negativos e outras fontes de problemas e infortúnios” (MACRAE, 1992. p. 54). Raimundo Irineu Serra, Mestre Irineu, como ficou posteriormente conhecido, tornou-se um grande curador (MACRAE, 1992, GOULART, 1996, RAMOS 2002). O nome “Daime” significa a invocação espiritual que deve ser feita pelo fiel ao comungar com a bebida: dai-me amor, dai-me força, dai-me luz (MACRAE, 1992, GOULART, 1996).

Mestre Irineu passou a ter mirações, onde uma figura feminina identificada como a Rainha da Floresta ou Nossa Senhora da Conceição lhe fazia uma série de revelações. Foi assim que aprendeu a chamar a bebida de Daime, relacionando-a ao verbo dar e às invocações “Dai-me amor”, “Dai-me luz” e “Dai-me força”, que seriam características da doutrina que surgia. [...] Assim como a Rainha da Floresta se identificava com a lua, também outros astros, o sol, e as estrelas seriam manifestações de seres divinos. O próprio Daime seria o sol ou Deus. (MACRAE, 1992. p. 67).

O corpo é onde habita o espírito, é a casa, o trono, é o aparelho onde o superior (espírito) se materializa e se transforma através da relação saúde-doença-cura:

Além de seu corpo ou “aparelho”, todo ser humano é composto de um Eu Inferior e um Eu Superior. O primeiro seria relacionado à matéria e teria natureza transitória, sendo, porém, importante para o aperfeiçoamento da sua outra metade, seu duplo. [...] As doenças, consideradas como marca de transgressão da ordem divina, proporcionam, através da possibilidade de sua expiação, uma oportunidade para a reconquista do equilíbrio. (MACRAE, 1992. p. 70).

O ano litúrgico daimista é extenso e se compõe dos trabalhos de Concentração (dias 15 e 30 de cada mês); os Bailados ou Festivais, seguem algumas datas do calendário católico como Dia de Reis, os santos juninos, Nossa

Senhora da Conceição, são nessas ocasiões que acontecem os ritos sociais: casamentos, batizados e as cerimônias de fardamento – ritual de iniciação do adepto, momento em que o iniciado recebe sua estrela, e passa a ser “um soldado da Rainha da Floresta” ou ainda um “aluno da escola da Rainha”, já que a doutrina também é tida como uma escola espiritual ou um exército, onde os adeptos são soldados do “Batalhão da Rainha da Floresta”; as Missas são trabalhos dedicados aos mortos e, é “o mais solene dos ritos” (MACRAE, 1992), realiza-se à primeira segunda feira de cada mês; por fim, os Feitios – momento em que se realiza a feitura da bebida sacramental e “o mais fundamental” dos ritos daimistas (MACRAE, 1992). Podem acontecer também trabalhos extraoficiais, os chamados trabalhos de cura ou de estrela que não têm datas específicas, acontecendo de acordo com a conveniência de cada centro. Em todos estes trabalhos espirituais se comunga a bebida sacramental e cantam-se hinos de acordo com o trabalho a ser realizado.

As indumentárias ritualísticas, também chamadas pelos adeptos de farda, são de dois tipos e devem ser usadas de acordo com o trabalho a ser realizado: para os trabalhos de serviço: concentrações, trabalhos de cura ou trabalhos de estrela usa-se a farda azul: saia azul marinho plissada na altura dos tornozelos, blusa branca e gravata borboleta da mesma cor da saia para as mulheres; calça azul marinho, camisa de mangas compridas e gravata, também azul marinho para os homens; para os Trabalhos de Bailados ou Festejos em que cantam-se os hinários oficiais, usa-se a farda branca: vestido ou conjunto de saia e blusa brancas com um saio verde bandeira, e fitas coloridas que caem do ombro esquerdo, chamadas de alegrias, além de uma coroa no alto da cabeça, para as mulheres; para os homens: calça, camisa e paletó branco com gravata azul marinho.

A doutrina é marcada por uma visível separação de gênero. A construção do que é masculino e feminino se faz desde as plantas que compõem o sacramento; às indumentárias; tarefas; além da disposição dos adeptos no salão de serviços que obedece a uma ordem que, segundo os membros, visa buscar um equilíbrio de forças. O salão tem o formato de uma mandala de seis lados e divide-se em duas tríades dispostas do lado esquerdo e direito do salão. Ao centro localiza-se a mesa eucarística, que tem o formato de uma estrela de seis pontas e ao redor da qual sentam-se doze pessoas, seis homens e seis mulheres. Do lado direito do salão ficam as mulheres, à esquerda, sentam-se os homens.

Nesses relacionamentos enfatiza-se também o princípio da dualidade manifestado pelos pares sol/lua, pai/mãe, Deus/Nossa Senhora, homem/mulher e o cipó jagube/folha chacrona (componentes da *ayahuasca*). Mais que a Trindade Cristã (embora esta não seja totalmente ignorada), esse dualismo serve como o eixo em torno do qual gravitam as principais ideias e ritos do culto do Santo Daime. Assim, considera-se que durante os trabalhos circula entre os participantes uma “energia” dotada de polaridade masculina e feminina, suscetível a alterações em sua força ou em seu fluxo, dependendo do estado de equilíbrio existente entre a parcela masculina e feminina do grupo presente. Coerente com essa visão há uma tendência a estimular a adoção dos papéis de gênero tradicionais, enfatizando-se a responsabilidade das mulheres por atividades como cozinhar, costurar, cuidar de crianças, enquanto cabe aos homens os trabalhos que exigem mais força física e grande parte das posições de maior poder de decisão e prestígio. (MACRAE, 1992. p. 69-70).

Os rituais de feitiço são, por excelência, o momento onde as práticas ritualísticas são mais fortemente marcadas por esta separação de gênero, conforme MacRae (1992) “O feitiço ou preparo, por sua dificuldade, é necessariamente comunitário, envolvendo divisão dos papéis de gênero e cerimônias especiais de alto valor simbólico”: em espaços separados, as mulheres lidam exclusivamente com a cozinha no preparo dos alimentos de todos os participantes do ritual e no salão da igreja, separadamente dos homens, com as folhas “rainha”, princípio feminino da bebida, responsáveis pela colheita, separação e limpeza destas. Os homens no espaço denominado “casa de feitiço”, um espaço eminentemente masculino, eles lidam com o cipó, princípio masculino da bebida, sendo responsáveis pela: raspagem (raspagem do cipó para retirada de impurezas), bateção (maceração do cipó com marretas que pesam em torno de 7 quilos: processo ritmado pelo canto de hinos e o som das marretas e que pode durar horas), fonalha (alimentação do fogo com lenha) e panelas (principalmente no que diz respeito à manipulação e deslocamento das mesmas, que montadas [com folhas, cipó e água] pesam cerca de 100kg). É importante ressaltar que tais atividades demandam muita força física.

Conforme já disse, existe uma tendência a reforçar os papéis de gênero tradicionais, cujas diferenças são sacramentadas no ritual. Às mulheres cabe, por exemplo, o cuidado com as folhas da *Psychotria viridis*; os homens ficam com a coleta, a limpeza e a macetação do cipó, assim como o preparo, o armazenamento e a distribuição da bebida (MACRAE, 1992. p. 76).

Irineu teve alguns seguidores que merecem destaque dentro do contexto do Santo Daime. Um deles, Sebastião Mota de Melo, ou padrinho Sebastião, dizia ter visões, e dizia realizar viagens astrais, ou seja, experiências fora do corpo. Desde novinho dedicava-se à cura de quem o procurasse através de rezas, tornando-se um rezador. Além disso, desenvolveu no espiritismo kardecista e trabalhou em mesa

branca com os espíritos dos médicos Dr. Bezerra de Meneses e Dr. Antônio Jorge. Mudou-se para Rio Branco em 1957 e foi residir num loteamento conhecido como “Colônia 5.000” - pelo fato de os lotes serem vendidos por 5.000 cruzeiros cada -, seringal onde residia a família de sua esposa: pais, irmãos (as), cunhados (as) e sobrinhos (as). Em meados da década de 60, já polarizava um pequeno aglomerado de irmãos, recebendo amorosamente quem o buscava para cura espiritual (MACRAE, 1992).

Em busca de cura para um problema estomacal que o afligia, Sebastião foi ter com Mestre Irineu, e torna-se um de seus seguidores, vindo a ser um dos principais fatores de daime da sede de serviços dirigida por Mestre Irineu. Quando Irineu falece no ano de 1971, Sebastião se retira com um grupo de aproximadamente 100 pessoas e constrói uma igreja nas terras da Colônia 5.000 e funda o CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal “Raimundo Irineu Serra” hoje, Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Patrono Sebastião Mota de Melo (ICEFLU). O grupo era formado em grande parte pela família de sua esposa Rita Gregório de Melo e alguns outros seguidores de Mestre Irineu (SILVA, 1983; MACRAE, 1992; RAMOS, 2002; LEMOS E POLARI, 2003; ASSIS, 2013).

O Padrinho Sebastião, por sua vez, incrementa a esta nova linha ayahuasqueira um ideal de comunidade, que tem como pano de fundo a doutrina, e que hoje congrega cerca de 500 (quinhentas) famílias. A “Vila Céu do Mapiá” é “uma vila que reúne características muito especiais [...] uma síntese espiritual, cultural e social” (LEMOS E POLARI, 2003), (ou seja, uma comunidade espiritual!). No processo de formação dessa nova linha e desse novo ideal comunitário foi de imprescindível importância o envolvimento das famílias na constituição do pensamento daimista que se firmou.

O conceito de família é múltiplo dentro da doutrina daimista. Além dos núcleos formados pelos cônjuges e seus filhos, os adeptos formam entre si uma grande família espiritual, denominada irmandade, onde o padrinho é a figura central. Além disso, os adeptos buscam seus companheiros dentro de seu próprio contexto, já que para seus religiosos o Santo Daime, não se trata apenas de uma religião da qual faz

parte o extraordinário do seu cotidiano, o “daime é uma forma de vida”²⁴, o que os impele a buscar parceiros que comunguem da mesma visão de mundo.

O sistema se apoia também sobre a ideologia do parentesco, repetindo-se frequentemente os termos referentes a pai, mãe, filho. O conjunto dos adeptos é visto como uma irmandade, e um parentesco simbólico é estendido aos elementos da natureza e a seres espirituais da floresta e das águas, assim como ao sol, à lua e às estrelas. (MACRAE, 1992. p. 68)

E família pra ser completa tem que ter crianças! As crianças, na cultura do Santo Daime, são vistas como seres portadores de sabedoria e pureza. Ser criança para os daimistas não é apenas uma fase biológica, mas é também ter um espírito limpo, puro, inocente, bondoso, assim como é possível confirmar nos trechos dos hinos a seguir:

Eu sou pequenininho
Mas trago meus ensinoss²⁵

Criancinha
Mas uma vez eu vou dizer
Que Jesus Cristo está certo
O espírito é forte, Vós meu Pai
Mas a carne também é a terra

Daí só o santo perdão
Para totalmente ficar perto
Para totalmente ter firmeza
É preciso totalmente ficar certo

Como Santo Filho de Maria
Inocência de uma criancinha
Sois bondade, sois beleza, Vós meu Pai
Minha Mãe, Vós sois pureza e sois Rainha²⁶

²⁴ Trecho de um dos hinos que compõem a doutrina daimista

²⁵ DAMIÃO, Maria. **Hinário: O mensageiro.**

²⁶ GREGÓRIO, Alfredo. **Hinário: Nova Era.**

A visão daimista sobre o conceito de criança e infância na doutrina, como nos aponta Teixeira (2004), é de que as crianças são a continuidade da tradição daimista, e são seres dotados de grande força espiritual por conta de sua pureza:

[...] as crianças dessa doutrina compartilham o caminho da espiritualidade. Padrinho Sebastião acreditava na força espiritual das crianças, e também são elas que vão dar continuidade a essa tradição religiosa, desenvolvendo-se nesse aprendizado quando participam dos Trabalhos Espirituais. (TEIXEIRA, 2004. p. 164)

Ainda sobre a grande importância atribuída à participação das crianças nos trabalhos espirituais pelo próprio Padrinho Sebastião, Teixeira (2004) afirma:

Padrinho Sebastião acreditava na grande força espiritual das crianças e realizava Trabalhos Espirituais com as crianças praticamente toda semana. Conta Vera Gall, nas suas memórias sobre o Padrinho, que certo dia ele chegou à Escola Cruzeiro do Céu para convidar as crianças a participarem de um Trabalho Espiritual, e falava assim: Olha crianças, vai chegar umas pessoas doentes lá do rio Purus, lá pra baixo do igarapé. E as crianças tem muita pureza, muita força espiritual para trabalhar com a cura, então eu quero fazer um trabalho de cura com esses doentes na presença das crianças, por isso estou convidando vocês para participarem. (Vera Gall apud TEIXEIRA, 2004. p. 182)

As crianças participam ativamente da vida social e religiosa daimista, nos trabalhos, especialmente nos bailados, a presença das crianças é estimulada, elas consagram a bebida de acordo com sua vontade, ou seja, não são, como os adultos, que uma vez no salão para participar do trabalho devem ingerir a bebida de acordo com a quantidade oferecida pelo despachante²⁷; às crianças é dada a opção de escolha, caso não queiram, não precisam tomar, mas se optarem por tomar, a dosagem ofertada é em quantidade bem inferior à dos adultos e elas se movimentam livremente pelo salão, não havendo o compromisso de “firmarem seu ponto²⁸” – exigência feita aos outros participantes da sessão, também não se exige das crianças que elas concluam a sessão iniciada, elas podem se retirar logo que sintam vontade, suas especificidades são respeitadas.

As crianças estão integradas nas práticas rituais da doutrina. Esse processo é educativo na troca de experiências, na construção dos ensinamentos no campo da espiritualidade. Entretanto, não há rigidez na participação das

²⁷ Pessoa que serve, distribui, despacha a bebida nos rituais.

²⁸ A doutrina do Santo Daime em inúmeros hinos utiliza a expressão “firmar o ponto” para se referir a uma disciplina corporal exigida durante os trabalhos: manter-se em seu lugar, evitar gestos bruscos, manter coluna ereta; perfilar-se.

crianças, mas respeito as suas especificidades. (TEIXEIRA, 2004. p. 186-187)

No início da década de 70 a doutrina do Santo Daime ganha notoriedade com o Padrinho Sebastião, especialmente por que a Colônia 5.000 tornou-se lugar de peregrinação de mochileiros, em sua maioria jovens de classe média, que, impulsionados pelo movimento da contracultura, experimentações psicodélicas, ideais libertários e também pelo movimento Nova Era passam a visitar e até a constituir moradia na comunidade espiritual fundada por Sebastião.

Artistas globais e até de renome internacional como o cantor inglês Sting, à época vocalista da banda The Police, estiveram de alguma forma ligados e “divulgando” o Santo Daime na mídia, o que chamou a atenção das autoridades, até que, em 1982 a Colônia 5.000 recebe uma comissão chefiada por um coronel do Exército, enviada pelo Ministério da Justiça para inspecionar a comunidade e o uso do Daime. Acompanhavam a comissão, três estudiosos: o psicólogo Paulo Roberto Silva e Sousa, o antropólogo Fernando La Rocque e o escritor Alex Polari de Alverga – que acabaram inaugurando em seus locais de origem, entre 1982 e 1983, as primeiras igrejas do Santo Daime fora da Amazônia: respectivamente, Rio de Janeiro - RJ (Céu do Mar), Brasília - DF (Céu do Planalto) e Visconde de Mauá – RJ (Céu da Montanha). A partir daí o Santo Daime deixa de ser restrito aos povos da floresta e inicia-se a expansão da doutrina para os grandes centros urbanos. As igrejas inauguradas fora da Amazônia, foram, em sua maioria, fundadas por esses mesmos mochileiros que chegavam em número cada vez mais crescente à comunidade de Padrinho Sebastião.

Segundo Oliveira (2008) o nordeste, região originária do seu Mestre fundador e de alguns dos primeiros adeptos, só conhece a cultura daimista na década de noventa.

A primeira igreja fundada no Nordeste foi o Céu da Campina, em Campina Grande, Paraíba. Em 1993 em um evento realizado nessa cidade, o Encontro da Nova Consciência, Alex Polari (natural de Campina Grande, mas residente em Mauá, onde já dirigia a igreja Céu da Montanha, participava do encontro como palestrante sobre o Santo Daime) acompanhado da esposa e da filha, Sônia e Joana Palhares, convida Rômulo Azevedo, jornalista local e mais um grupo de quase cinquenta pessoas para realizarem um trabalho que aconteceu no distrito de Queimadas, a 18 quilômetros de Campina Grande, na segunda-feira de carnaval. Do grupo original apenas três pessoas seguiram estudando e

realizando trabalhos juntos e um ano depois, em 11 de outubro de 1994 (data do aniversário do Padrinho Alex, patrono da igreja) inauguraram oficialmente o Céu da Campina, com sede no município de Lagoa Seca, vizinho a Campina Grande, na propriedade de Roberto Luis Figueredo, remanescente do primeiro trabalho, a poucos quilômetros de Campina Grande. Em 2002 transferiram-se para o sítio de Fábio e Mércia Xavier, onde permaneceram até 2006, data da mudança definitiva para a sede própria. (OLIVEIRA, 2008, p. 44)

O Céu da Campina, primeira igreja do Santo Daime no nordeste, passa a ser referência e apoio institucional às outras igrejas que surgem na região, além de ser o centro produtor e distribuidor da bebida na região. Muitos dos membros que fundaram pontos em outros estados da região saíram de lá, como é o caso do Céu de São Lourenço da Mata (PE).

No Recife começaram a acontecer trabalhos esporádicos a partir de 1995, até que, a partir do ano 2000, Javan Paiva e Marcio Galindo se fardaram no Céu da Campina e junto com um grupo de 15 pessoas começaram a fazer os trabalhos de concentração com regularidade até inaugurarem, em março de 2001, o Núcleo de Instrução Céu da Aldeia. Em 2002, o grupo dividiu-se formando o Céu das Matas, que em 2003 passa a se chamar Céu de São Lourenço da Mata, localidade da região metropolitana do Recife que abriga a igreja atualmente. (OLIVEIRA, 2008, p. 45).

Ocorre que em todas as igrejas do Santo Daime fundadas fora da Amazônia, os seus fundadores foram até a floresta, ou outra igreja já reconhecida, conheceram a doutrina, seus fundamentos, fardaram-se (expressão usada para indicar a conversão ou adesão ao Santo Daime) e voltaram para seu lugar de origem com a missão de abrir um centro do Santo Daime, de maneira que, os que procuraram esses centros, conheceram a ayahuasca juntamente com a doutrina Santo Daime.

Em Teresina, o contato com a cultura daimista se dá no início dos anos 2000, e de uma maneira bem diferenciada da maioria das igrejas fundadas fora da floresta: não houvera um contato anterior por parte de algum integrante do grupo com a cultura, e a doutrina do Santo Daime, ou seja, nenhum conhecimento prévio de como a bebida deveria ser utilizada e administrada. O início e formação desse campo será descrito mais detalhadamente no segundo capítulo dessa dissertação.

2.4 Infância: paradigmas e métodos.

Historicamente, na literatura antropológica, as crianças raramente apareciam como categoria central nas investigações. Eram estudadas em uma perspectiva em que eram compreendidas como um ser em devir, uma espécie de *tabula rasa*, uma

folha em branco, na qual se deveria “escrever” para que se tornassem um indivíduo, já que do ponto de vista físico e moral, não eram vistas como tal.

Segundo Buss-Simão (2009) as abordagens clássicas inspiradas na Escola de Cultura e Personalidade, que teve como principais representantes a antropóloga Margaret Mead; o antropólogo Clyde Kluckhohn; e Ruth Benedict; e nos Estudos sobre Socialização, que, procurando entender o que significava ser criança em diversas sociedades, mostrou que a infância é uma construção social; trouxe grandes contribuições ao estudo das infâncias por dar ênfase na formação das personalidades a partir de contextos culturais; na visibilidade dada às crianças; bem como nos métodos e temas de observação; porém, ainda tratava a criança como um ser inacabado, e o adulto como sendo o fim último.

Os Estudos sobre Socialização fortemente influenciados pela ciência positivista de Durkheim preocupavam-se com as práticas e processos de socialização, os padrões a serem seguidos perpetuariam a sociedade e, as crianças, parecem que eram vistas como meros reprodutores desses padrões. Assim, as crianças eram entendidas como depósitos em que as funções de reprodução dos padrões vigentes a época na sociedade significavam os papéis a ser desempenhado por elas. Esses estudos trouxeram maior contribuição concernente aos métodos, mais sociológicos e menos psicológicos. No entanto, negavam às crianças um papel ativo na definição de seus lugares na sociedade (BUSS-SIMÃO, 2009).

Berger et al (1983) em “Socialização: como ser um membro da sociedade”, coloca a infância como condição primeira da experiência humana; esta condição envolve componentes não sociais (processos fisiológicos e todas as experiências corporais, ambientais) e componentes sociais os quais permeiam indissolavelmente, modificam e controlam os não sociais; além disso, a experiência social é a chave para toda a experiência humana. Suas relações mais próximas seguem um padrão estabelecido pelo macrocosmo que envolve seu microcosmo, ou seja, sua mãe, sua família, a educará seguindo um padrão determinado pela sociedade e pela classe social à qual pertence, produzindo diferentes experiências infantis relativas aos diferentes contextos. Afirmou ainda que um mecanismo fundamental para que tenha continuidade o processo de socialização é quando a criança aprende a “desempenhar o papel do outro”. Berger et al (1983) usa o termo “interiorização”

para afirmar que o mundo social é absorvido, interiorizado pela consciência da criança sem que ela tenha nenhum papel ativo.

No contexto da historiografia as crianças vão surgir como interesse de investigação a partir do século XVIII na França, em “História Social da Criança e da Família”, Philippe Ariés (1981) busca interpretar as sociedades tradicionais em comparação com a sociedade industrial a partir do novo lugar assumido pela família, em especial a criança, nessa última. Para Ariés (1981), a sociedade tradicional via mal a criança; a família não tinha função afetiva e muito menos assegurava ou era responsável pela transmissão de valores e conhecimentos: a criança aprendia as coisas as quais deveria saber, fazendo-as juntamente com os adultos. Apenas ao fim do século XVII, a partir de duas perspectivas distintas e complementares: a escolarização, que Ariés (1981) compara ao enclausuramento dos loucos; pobres e prostitutas; e o afeto/amor familiar, posto que “essa afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação” (ARIÉS, 1981. p. 11); criaram os valores necessários para que as famílias e as crianças assumissem esse novo lugar nas sociedades industrializadas. Para o autor havia um “sentimento superficial da criança” (ARIÉS, 1981, p. 10) nas sociedades tradicionais, e, no fim do século XVII para início do XVIII, surge o que Ariés (1981) denominou de “privatização da vida familiar” (ARIÉS, 1981, p. 23), fenômeno que acabou por aproximar os membros de uma mesma família, especialmente as mulheres e as crianças, e fez surgir um novo sentimento: o sentimento de família. As sociedades complexas trouxeram um grau de tecnicidade que passou a exigir uma noção até então despercebida: a noção de idade.

Nos séculos XVI e XVII as “idades da” vida tornam-se tema importante nos registros de família, como em fotos e diários; na iconografia; nos textos e tratados pseudocientíficos da idade média. Ariés (1981) aponta que até o século XVII não havia na língua francesa palavra para designar as crianças bem pequenas e que só no século XIX essa insuficiência teria sido sanada. A partir da iconografia religiosa e leiga; da literatura; de efígies funerárias, Ariés (1981) vai mostrando os diversos sentimentos de infância representados. O autor pontua que a arte da Idade Média desconhecia a infância: numa arte sacra otôniana²⁹ do século XI, em cena que

²⁹ Arte sacra do Império Romano-Germânico nos séculos X ao XI.

reproduzia a passagem bíblica em que Jesus dizia “Deixai vir a mim as criancinhas”, as crianças representadas eram homens em miniaturas, sem nenhuma alusão às características da infância; esse tipo de representação da “infância” na iconografia seguiu-se até o século XIII, onde surgiram três tipos característicos de criança: o anjo (já não era mais o homem em miniatura, embora não fosse uma criança que o representasse, e sim um jovem com aparência de recém-saído da infância); a representação que Ariès considerou a ancestral de todas as crianças pequenas da arte: o menino Jesus, que permitiu um encantamento pelas crianças bem pequenas, mas limitado à sua figura, até o século XIV; e um terceiro tipo de criança que surgiu na fase gótica: a criança nua.

A nudez infantil veio com a representação da alma e da morte: “a alma era representada por uma criancinha nua e em geral assexuada” (Ariès, 1981, p. 54). Um momento importante na “história dos sentimentos” (Ariès, 1981, p. 58) apontados pelo autor foram os retratos de crianças mortas no século XIV, pois apesar de pouca possibilidade de sobrevivência, as crianças saíam do anonimato, com este novo gosto. No entanto, as crianças nunca eram o personagem central, ou único desses retratos que eram efígies funerárias, sempre estavam acompanhadas de seus pais. Apenas no século XVII as crianças foram representadas sozinhas e por elas mesmas: as famílias passaram a querer retratos de seus filhos na idade em que eles eram ainda crianças, e esse costume mesmo que substituído pela fotografia do século XIX, perdura até hoje. Para Ariès (1981):

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e da iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p. 65).

Badinter (1985) afirma que a partir do início do século XVIII os adultos mudaram a sua concepção da infância. A autora aponta a figura de Santo Agostinho, dentro da teologia cristã, que elabora uma imagem dramática da infância: o testemunho de uma condenação lançada sobre a humanidade, onde a natureza humana corrompida se precipita pelo mal. A consequência desta teoria foi uma educação repressiva e contrária ao desejo das crianças. Reinava na pedagogia um pensamento que ensinava sobre a frieza em relação aos filhos, devido a sua malignidade natural. Carícias e ternuras eram vistas como frouxidão e pecado,

criticando inclusive a amamentação, dando-lhe uma conotação sexual, fonte de uma má educação. A filosofia cartesiana afirmava, por sua vez, que a infância era uma fraqueza do espírito, não tendo, a criança, outros pensamentos senão as impressões suscitadas pelo corpo. Era preciso livrar-se da infância como a um mal. Abandono e infanticídio foram soluções para o problema. Foi neste contexto que se criou o hábito de contratar amas de leite, com agências de amas datando do século XVIII. A vida urbana gerava uma alienação econômica e, o filho chegava a ser uma ameaça à própria sobrevivência dos pais haja vista as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que o processo de industrialização provocou na Europa. A autora observa como persistiu um desprezo pela criança, que era representada usualmente como um brinquedo ou uma máquina, sendo fácil moldar-lhe os princípios, fazendo isso através da medicina e da educação.

Existia porem uma ausência de medicina infantil, pela simples razão de que estes não podiam explicar os seus sintomas, muitas vezes, parecendo a primeiro ponto desenvolverem doenças mais complexas. Por fim, a ausência da criança na literatura, a insensibilidade em relação à criança, destacava uma visão trágica e pessimista da infância, sendo antes de um mal, um nada insignificante ou um quase nada. A morte da criança era consequência extremamente natural; assim como natural era desenvolver maior afetividade pelo filho que representaria a família, no caso, o primogênito; por fim, a amamentação vista como um incômodo que atrapalhava a vida social da mulher.

Em seguida, a autora prossegue seu raciocínio trazendo a tona “as explicações das mulheres”, evidenciando porque o pensamento burguês instalou na sociedade o “sentimento” de que ações como amamentar e criar um bebê poderia ser ruim, considerando que o pensamento social de que amamentar era confissão de não pertencimento a alta sociedade até o asco pela convivência com uma criança que chora e suja: um verdadeiro antídoto contra o amor. Em suma, o prazer da mulher elegante residia essencialmente na vida mundana. Não se devia perder precioso tempo a cuidar dos filhos. As transformações sociais conduziram, entre os séculos XVIII e XIX, a “emancipação das mulheres”. As tarefas maternas não eram objeto de atenção social. Não havia registros de mulheres, conquistando nenhuma glória sendo mães. Aos poucos houve uma ressignificação pelos novos encontros e

culturas. Bem da verdade, este crescimento feminista, como ressalta Badinter (1986), foi em detrimento de seus filhos.

A obra *A Polícia das Famílias*, do historiador francês Jacques Donzelot (1986) inserido numa escola conhecida como História Nova, que propõem uma nova abordagem e novos paradigmas para a historiografia tradicional a qual dialoga diretamente com a Antropologia; utiliza novos métodos e temas de pesquisa que tiravam do foco os grandes “heróis” das histórias e olhava o cotidiano de homens comuns; toma cartas, fotos, diários entre outros como documentos de pesquisa, tem como objeto central a investigação de como se deu a intervenção estatal na construção de uma ordem social na França dos séculos XVII ao XX. No capítulo dois: A conservação das crianças, o autor trata de como a instituição família modificou-se histórica, social e economicamente na França entre meados do século XVIII e início do século XIX. O autor faz um apanhado do debate suscitado por médicos, administradores e militares que criticavam os costumes educativos através de três práticas comuns à época: a prática dos hospícios de menores abandonados, a criação dos filhos confiada a outras mulheres, geralmente de classe social inferior, e, à educação “frívola³⁰” das crianças burguesas.

Donzelot (1986) costura o tema mostrando como essas três práticas engendravam problemas de ordem social e econômica para o Estado. O abandono de menores entregues às nutrizes, costume das mães, tanto as ricas, como as operárias, suscitavam malefícios à formação moral, além de uma educação corporal, que suscitava um uso perdulário do corpo. Ademais, a educação reclusa das adolescentes, que não eram preparadas para a maternidade, reproduziria o círculo vicioso da necessidade das serviçais. Era preciso economizar. O autor aponta que a solução encontrada à época marcava uma diferença de classes: nas camadas populares tratava-se de uma “*economia social*”; nas classes burguesas perpassava uma “*economia do corpo*”: a conservação das crianças significava pôr fim às nutrizes e criar novas condições de educação que visavam combater a perniciosidade da criação das crianças pelas mesmas, além de evitar a educação das crianças pelo Estado.

³⁰ As criadas eram as responsáveis pela iniciação das crianças em diversas dimensões da vida social e às crianças, eram ensinadas coisas fúteis e perdulárias que o autor exemplifica com o uso das cintas que apertavam o corpo e as tornavam inaptas para a maternidade.

Jacques Donzelot (1986) mostra como os discursos que estavam ancorados na medicina praticada à época (teoria dos fluidos) e na teoria econômica fisiocrata redefinem o papel das famílias e especificamente como o papel das mulheres é revalorado nestes diferentes contextos sociais: através da medicina doméstica nas classes burguesas, e da filantropia para as classes populares. Nas classes burguesas, a aliança medicina e família se deu através da construção de um sentimento de maternidade e às mães burguesas é dado um “novo poder na esfera doméstica” que abalou a autoridade paterna. Apenas na segunda metade do século XVIII a medicina se interessou pelas crianças e pelas mulheres, contrapondo-se ao um saber que era tradicionalmente partilhado pelas mesmas.

Os manuais médicos dos séculos XVIII e XIX cuidavam de uma educação corporal das crianças através da amamentação, do vestuário, dos jogos infantis e nas historinhas contadas às crianças: o objetivo era cuidar para o bom desenvolvimento de suas forças físicas e protege-las dos perigos externos. As moradias familiares também são repensadas a fim de promover esse desenvolvimento físico das crianças e ao mesmo tempo essa vigilância por parte dos pais, mais claramente a mãe. Esse movimento de proteção da infância na intimidade do lar é também transposto para a esfera pública através da melhora nos internatos, fim dos castigos corporais, uma educação física através da ginástica e a vigilância nas proximidades dos espaços destinados às crianças a fim de coibir exibicionistas, prostitutas, ou seja, uma proteção não só corporal, mas também moral dessas crianças.

O autor mostra ainda como se dá essa conservação das crianças nas classes populares, trata-se de uma *economia social*: no caso não se trata de vigiar discretamente as crianças e estimular seu desenvolvimento físico pleno pelas famílias, mas exercer uma vigilância direta no que diz respeito ao abandono das crianças, como também nos costumes morais, ou na falta deles no caso das uniões livres e concubinatos e à procriação desenfreada pelas classes populares. O valor da família nuclear é ressaltado, a aliança família e Estado, nas classes operárias, engendrou uma rede de coerção e banimento social dos menores abandonados, celibatários e dos que não se enquadravam à família nuclear. O historiador dá destaque ao surgimento da roda, uma instituição que dizia preocupar-se com o respeito à vida e à honra familiar, e onde as mulheres poderiam colocar suas

crianças anonimamente. O autor chama a atenção ao excessivo abandono de menores, o que suscitou debates a favor e contra a roda: o grupo partidário propunha vários aparatos jurídicos que revaloravam o peso jurídico da família como: busca da paternidade e taxaço do celibato; o grupo que se posicionava contra a roda, os “homens de filantropia esclarecida”, propunham uma racionalização da assistência pública, o desenvolvimento da adoção e a conservação dos indivíduos e não dos direitos do sangue.

O autor pontua que às sociedades patronais coube a função de exercer um controle sobre a moral da família e oferecer uma assistência médica e financeira às mulheres mais pobres. Surge assim o salário família no início do século XIX, além do controle médico sobre as crianças das classes populares: mães solteiras eram constantemente vigiadas pelos fiscais da prefeitura e recebiam orientações sobre uma educação corporal e a higiene das crianças.

A mãe de família popular é o elo entre família e patronato que, para revalorar o papel dessas mulheres, disseminam uma ideologia que revaloriza o trabalho doméstico, elevando à mãe e dona de casa a uma profissional do lar, resolvendo também o problema da mão de obra masculina industrial, pois com a colocação das mulheres no mercado de trabalho havia uma desvalorização da mão de obra masculina, já que as mulheres recebiam salários abaixo do dos homens, que, aproveitavam-se da situação para explorar suas mulheres e crianças, abusando assim do poder patriarcal. Nesse contexto, as instituições que se dedicavam às instruções femininas são reavaliadas e lhes é cobrado uma educação para a vida, para o lar, dando-lhes atividades profissionais que fossem uma extensão das atividades domésticas. Por fim, surge então, um importante instrumento de familiarização das camadas populares: a habitação social que emerge no fim do século XIX.

Essas moradias eram uma forma que o patronato e as entidades filantrópicas encontraram para exercer um forte controle sobre as famílias populares, criando um novo padrão de habitação, onde não havia espaço para o estranho, pois apenas a família nuclear poderia habitar; uma nova moralidade, já que também separavam os sexos no interior das habitações. Estado e a medicina foram fundamentais para a modificação dos costumes, e, especialmente pelo desenvolvimento, entre as famílias

ricas e pobres de “sentimentos” que suscitaram novos valores e cuidados com a infância, desnaturalizando as noções de amor materno, infância e crianças.

No que diz respeito à história da criança no Brasil, na obra “A Polícia das famílias” do psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, Jurandir Freire Costa, editada pela primeira vez em 1979, o autor descreve um momento histórico brasileiro em que a medicina higienista (movimento burguês) normatizou os padrões e costumes familiares, enfraquecendo a autoridade paterna colonial que concorria diretamente com os interesses do Estado burguês e que dialoga diretamente com o texto de Donzelot (1986), o mesmo processo estatal e higienista que aconteceu na França do século XVIII ocorreu no Brasil no período de transição entre colônia e república. A situação familiar da criança só pode ser entendida, segundo Freire (1979), se entendermos “o valor da propriedade, do saber tradicional e da ética religiosa”. Até meados do século XVIII persistiu uma instituição jurídica chamada de morgadio na qual o chefe de família, visando à preservação de seu patrimônio e a sucessão de seus bens, tornava apenas o primogênito homem seu único herdeiro legal. Num contexto onde tradição e experiência eram valores extremamente importantes não havia espaço para aqueles a quem ainda não compreendia o passado e não respeitava a experiência, caso das crianças. Havia ainda a moral religiosa que transformava as crianças em castigo dos pais desregrados, e, na melhor das hipóteses, eram encaradas apenas como meio da propagação do gênero humano. A religião desprezava as crianças enquanto ser, e seu valor vinha de sua função espiritual. Uma forte representação da criança foi a criança anjo, a criança, que, pura, ingênua e inocente morre e transforma-se em anjo.

Esses três fatos engendram uma representação da infância como um momento biológico insignificante na vida social e familiar à época. A partir de uma política médico higienista que lançou-se como reação às altas taxas de mortalidade infantil, alardeada como consequência da negligência dos pais e do afrouxamento dos laços afetivos entre estes e seus filhos, o Estado numa aliança com a classe médica, entra definitivamente nos lares. Denunciando uma prática instituída para “salvaguardar” a honra e a vida das crianças abandonadas a Roda, a Casa dos Enjeitados, ou a Casa dos Expostos foram na verdade um subterfúgio às transgressões sexuais cometidas à época.

A filantropia higienista critica o comportamento sexual do patriarca, já que este prostituía suas escravas engravidando-as e estas, por sua vez, matavam ou abandonavam essas crianças nas rodas; além disso, criticavam também a “estrutura sócio econômica das famílias, o papel da mulher na casa e a atitude do casal diante da vida do filho” esses três pontos implicavam no “abandono disfarçado” das crianças que eram entregues aos cuidados de uma ama de leite, e que estas, através do seu leite, transmitiriam a essas crianças uma baixa moral, além de tratá-la com desprezo e crueldade como forma de vingança às elites. Para solucionar tudo isso era preciso destronar o pai colonial e dar à mulher (mãe burguesa) um novo papel, com mais autonomia e autoridade no espaço doméstico familiar, ou seja, o pai proveria e a mãe educaria, assim, a criança preparar-se-ia física, intelectual e moralmente para servir à “humanidade”.

Surge o que o autor chama de família higiênica, àquela que se entrega à intervenção médica, intervenção que se dá diretamente na educação das crianças, uma educação que se dá através da criação de hábitos especialmente em relação à alimentação e aos cuidados com o corpo, em outras palavras: disciplina e domesticação do corpo. A criança, portanto torna-se objeto de instrumento do poder estatal. O que estava em jogo era um movimento político-alimentar que permitiria transformar crianças em adultos fortes e viris aptos a servirem o Estado.

A partir da década de 1960, novos debates acerca dos conceitos centrais antropológicos possibilitou um novo olhar sobre as crianças (BUSS-SIMÃO, 2009). A cultura passa a ser vista como um sistema simbólico acionado pelos atores sociais, os quais são produtores de relações e interações. Na apreensão deste novo paradigma os estudos sobre cognição, raciocínio e linguagem trazem em comum a noção da capacidade infantil de aprendizagem, questionando e criticando a regulação das crianças. Na antropologia um dos autores que se destacam é Geertz (1978) que assim conceitua cultura:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1978, p. 15)

Alguns procedimentos técnicos são próprios da pesquisa etnográfica: entrevistas, diálogos formais ou informais, observação direta, ou seja, é preciso que

se estabeleça um “diálogo”, uma relação de confiança, uma comunicação de qualidade entre pesquisador e pesquisado para que a pesquisa reivindique o título de antropológica (LABURTHE_TOLRA, 1997).

A Antropologia é uma disciplina por excelência interdisciplinar, e o método etnográfico prescinde de procedimentos outros que tanto incluem dados quantitativos, afinal todas as sociedades ou grupos pesquisados possuem um perfil demográfico, sociográfico, e que não devem ser ignorados, como também outras técnicas de coleta de informações que permitam refletir sobre o universo pesquisado de uma maneira mais complexa, mais ampla: a seleção de informantes (qualquer pessoa disposta a dialogar com o pesquisador e que possa fornecer informações a respeito do cotidiano, de sua experiência como membro daquela sociedade ou grupo, dos saberes e das práticas); as genealogias; os relatos de vida que podem ser recolhidos através do registro sonoro (uso do gravador) não só das falas dos sujeitos pesquisados como também de músicas; documentação visual que compreende os vídeos, desenhos, fotografias, filmes, mapas, etc. A combinação desses dados quantitativos e qualitativos confere à pesquisa antropológica amplitude e profundidade.

2.5 Técnicas de pesquisa com crianças: o uso dos desenhos

Agora que se reconhece as crianças como sujeitos produtores de cultura e relações (COUTINHO, 2001; NUNES, 2003; TEIXEIRA, 2004; CONH, 2005; CODONHO, 2007; TASSINARI, 2007; BUSS-SIMÃO, 2009; PIRES, 2009, 2010a, 2010b, 2010c; FALCÃO, 2010; TOREN, 2013; FONSECA ET AL, 2013) é necessário que o referencial teórico-metodológico também seja consoante com este novo papel desempenhado pelas crianças no campo das ciências sociais. É necessário que as conheçamos a partir de suas peculiaridades em ser e estar no mundo.

Historicamente uma visão adultocêntrica foi guia para os paradigmas epistemológicos e teórico-metodológicos, que até então fundou e alicerçou as ciências humanas e sociais. Se reconhecemos que as crianças são sujeitos com potencialidades, se faz mister desenvolver maneiras para que elas, através de suas próprias lógicas e formas de interagir, nos transportem ao seu universo. Reconheço no meu campo a agência; as especificidades e as potencialidades dos meus sujeitos

e procuro um diálogo a partir das experiências vividas com eles, observando como se comportam, o que dizem através das palavras, dos desenhos, dos olhares e gestos. Elenco a observação participante; o uso dos desenhos, ancorada nas ideias de Cohn (2005); Pires (2007; 2008b); Barbosa e Martins Filho (2009) e Tragante (2014), juntamente com imagens fotográficas e fílmicas as maneiras, pelas quais, desvelarei o universo infantil da mística no CTS.

Acredito que uma antropologia contemporânea, dedicada cada vez mais aos sons, aos sentimentos e afetos de seus sujeitos de pesquisa, pode tomar das pesquisas com crianças a lição de uma ciência antropológica sensível aos modos de dizer do outro (SOUSA, 2015, P. 152)

É importante destacar a necessidade de empoderamento desse grupo geracional com o desenvolvimento de métodos e técnicas que nos dê, a nós adultos, capacidade de nos aproximarmos, de criarmos uma interação horizontal, onde consigamos acessar o seu “mundo” e dialogar de maneira que nos revelem suas especificidades.

[...] há que se desenvolver uma dimensão nos processos de pesquisas em que as crianças podem ser reconhecidas e se envolver como atores competentes para falar de si próprios; também no que concerne a definição de métodos de coleta dos dados, temos que desenvolver alguns níveis de participação das crianças, sem deixar de respeitar os padrões éticos em pesquisas. (BARBOSA & MARTINS FILHO, 2009. p. 03)

Nessa perspectiva, o uso da técnica do desenho nas pesquisas com e sobre crianças é uma alternativa que nos parece bem razoável. Utilizados por diversos campos de saberes, o desenho infantil, pode ser uma importante forma de interagir e conhecer as crianças a partir de suas próprias culturas. Em minha pesquisa, o desenho foi de suma importância na elaboração dos dados, pois que serviu como forma de interação com as crianças, e, por ser o desenho um passatempo próprios das crianças, ou seja, é uma atividade que as crianças praticam de forma lúdica.

O uso do desenho não é novidade em pesquisas com crianças. Disciplinas como a pedagogia, a psicologia e a psicanálise utilizam-se do desenho numa perspectiva que entende a criança como um ser em devir, e os desenhos servem para tipificá-las a partir das regularidades que apresentam (TRAGANTE, 2014).

A partir das contribuições socioantropológicas (COUTINHO, 2001; NUNES, 2003; COHN, 2005; TASSINARI, 2007; PIRES 2007, 2008a, 2008b, 2009, 2010;

BUSS-SIMÃO, 2009; TOREN, 2013) da criança e da infância, que as entende como agentes produtores de cultura e, portanto, portadores de conhecimento apenas qualitativamente diferente do adulto, o desenho passa a ser uma técnica que dialoga e procura entender as crianças a partir de suas peculiaridades, já que muito particular as maneiras que as crianças interagem entendem, vivenciam e experienciam o mundo que as cerca.

Entretanto, apesar de ser frequente o uso da técnica do desenho com crianças, há ainda, maneiras diversas no que diz respeito à coleta e interpretação desses desenhos. Alguns autores destacam a importância de registrar o momento da produção do desenho, conjugando ação (desenho) e verbalização (relato) sobre o mesmo, o que permitiria ao pesquisador identificar se o que a criança está representando é algo geral ou específico.

Para Duarte (2009) o uso do desenho e como ele será coletado também dependem do que o pesquisador pretende investigar, para responder questões do tipo: “como desenham” ou “porque desenham” é imprescindível que o pesquisador acompanhe individualmente cada criança, porém se o que o pesquisador pretende responder é “o que” as crianças desenham, não há necessidade de um controle, de um acompanhamento, podendo ser desenhos livres, sem o acompanhamento direto do pesquisador.

Em sua tese de doutorado sobre religiosidade e infância no semiárido nordestino, Pires (2007) trabalhou com crianças de 03 a 13 anos, e fez uso da técnica do desenho conjugado com outros métodos não convencionais e auxiliares como redações, imagens filmicas, diários, entre outros, dando preferência a observá-las longe do ambiente familiar a fim de coibir um “olhar disciplinador do adulto” (PIRES, 2007. p. 229). A autora trabalhou com o que chamou de desenhos livres, aqueles em que as crianças desenharam livremente sem nenhuma sugestão de tema por parte da pesquisadora; desenhos temáticos, aqueles em que foi sugerido às crianças temas relacionados aos desenhos produzidos livremente por elas; e, por fim, o que a autora chamou de temático controlado, onde ela aprofundou os temas específicos de sua pesquisa.

Independentemente da forma como são coletados, os desenhos são de grande contribuição para desvelar o universo infantil. No caso da presente pesquisa,

os desenhos foram coletados em diversos momentos: como oficinas de desenhos livres; desenhos temáticos, com temas relacionados aos objetivos da pesquisa; e, também desenhos produzidos pelas crianças em seu cotidiano, nos seus momentos de lazer, sem que seguisse orientações para desenhar e, que me foram cedidos pelas famílias para que fossem usados neste trabalho.

Parece-me que a questão não é decidir se uma pesquisa em antropologia ganharia mais se tratasse desenhos de crianças produzidos em um ambiente mais ou menos controlado. Ao contrário, parece-me que as experiências já realizadas permitem concluir que todas essas possibilidades – inclusive aquela em que professores “impõem” um tema e os meios de sua realização – podem ser reveladoras ao antropólogo do modo como a criança elabora e concebe o seu mundo. (COHN, 2005).

Os desenhos utilizados aqui foram produzidos de duas maneiras e em momentos distintos: Oficinas de desenhos, que chamei de I Oficina de desenhos livres, realizada como parte das atividades desenvolvidas com as crianças no dia doze de outubro de 2014 em comemoração ao dia da criança; I Oficina de desenhos temáticos, desenvolvida durante um feitiço no dia dezoito de outubro de 2014; e, II Oficina de desenhos temáticos realizada em cinco de julho de 2015; bem como, utilizo também, desenhos feitos por crianças daimistas em outros momentos de seu cotidiano familiar que não as oficinas propostas por mim, e que me foram cedidos pelas famílias por se tratarem de expressões e influências da religiosidade santo daime na vida dessas crianças. Recolhemos ao todo 44 desenhos e rabiscos (das crianças bem pequenas, que ainda não dominam a coordenação motora, mas que fazem parte do campo pesquisado, bem como também constituem-se sujeitos da presente pesquisa), dentre os quais elenquei 12 para análise. Detalharemos sobre as oficinas e o recolhimento dos desenhos, bem como a análise dos mesmos no terceiro capítulo.

3 Centro Livre de Força Amor e Luz Rainha da Floresta: a irmandade daimista em Teresina no “Céu de Todos os Santos”.

Importante se faz contextualizar os informantes da pesquisa em questão: as crianças e os seus familiares do Santo Daime, que participam do espaço “Céu de Todos os Santos”, em Teresina-PI. Neste capítulo delinearei um panorama sobre a trajetória que permitiu, inicialmente, a chegada e, posteriormente, o estabelecimento da doutrina do Santo Daime na cidade e, por conseguinte, criou condições para o encontro e formação das famílias, que hoje compõe esse agrupamento, específico e peculiar, ao qual pertencem os meus sujeitos e pontuarei, ano a ano, os nascimentos das crianças participantes desta pesquisa.

Essas peculiares características dos sujeitos estão intrinsecamente relacionados à prática da doutrina religiosa do Santo Daime, uma religião novaerista que tem por sacramento o chá conhecido por Ayahuasca (“Vinho das Almas”, na linguagem Quéchuá), cuja concepção espiritual da ingestão da bebida sacramental é capaz de estabelecer uma nova visão sobre as relações de corpo, saúde, doença e cura.

Sabe-se que a Nova Era não é uma religião, no caso dos novaeristas eles têm como propósito a busca do autoconhecimento e da transformação, uma intensificação da espiritualidade, que faz com que estabeleçam uma relação homem-natureza diferenciada da ideia de dominação, predominantemente no pensamento iluminista. Tal visão apresenta como característica uma nova forma de lidar com a espiritualidade em que não se observa uma separação entre corpo-mente-espírito, provocando uma nova postura em relação à dimensão do sagrado e aos cuidados com a saúde. A partir dessa visão de mundo, eles têm desenvolvido determinadas práticas que envolvem filosofias, técnicas, tradições e rituais, desencadeando a emergência de um novo mercado e abrindo uma forte concorrência com a medicina alopática e a psicologia convencional. No campo da religiosidade, os novaeristas têm provocado mudanças nas formas de lidar com o sagrado. (CAVALCANTE, 2009. pg. 17)

Contextualizarei o universo de minha pesquisa apresentando características da cidade e como o fenômeno Nova Era permitiu o surgimento da religião do Santo Daime e de outras formas de vivenciar a espiritualidade em Teresina.

3.1 Teresina e os daimistas no espaço “Céu de Todos os Santos”

Teresina é uma capital diferenciada das outras capitais nordestinas por ser a única que não possui mar. Situada ao centro norte do Piauí, a 366 km do litoral, foi fundada, em 1852, como a primeira capital planejada do Brasil. É importante destacar que, desde o princípio, essa característica geográfica, da distância ao mar e da posição estratégica em relação às outras cidades do Piauí e Estados vizinhos, foi marcante para a compreensão do contexto teresinense, seja porque essa era uma das causas para o estabelecimento da cidade como capital, ou seja, para compreender as consequências, inclusive sociais e culturais, provocadas por esta composição espacial.

Atualmente, na cidade, residem 836.475 habitantes e toda a sua região metropolitana (que engloba os municípios de Altos, Beneditinos, Coivaras, Currálinhos, Demerval Lobão, José de Freitas, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Pau D'Arco do Piauí, Teresina, União e Timon) somam, juntas, em torno de 1.182.970 habitantes. Importante destacar, também, que a maior parte da sua população encontra-se na zona urbana da cidade (91,76%) e que o contingente populacional entre 0-9 anos é de 120.551 crianças (o que representa que uma em cada oito pessoas da cidade é uma criança!). Ademais, Teresina apresenta IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,751, ocupando a 20ª posição no ranking das capitais (dentre os 26 Estados) - (IBGE, 2010).

3.2 Anos 2000 e a chegada do Santo Daime

Como já explicado Teresina é uma cidade não litorânea e de clima quente, com temperaturas que chegam a mais de 40° nas épocas mais calorosas, por estar localizada próximo à linha do Equador.

[...] a implantação da cidade impôs um aspecto negativo à sua malha urbana em termos de conforto térmico. As coordenadas geográficas da cidade – latitude 05° 05' 21" Sul e longitude 42° 48' 07" Oeste – indicam que a mesma está próxima do equador e, portanto, tem um clima quente. (BRAZ e SILVA, 2012, p. 220)

Parece que, em função desta condição de altas temperaturas, Teresina tornou-se uma cidade de hábitos noturnos. Pensando a classe média teresinense na quase virada do século, as melhores opções de lazer estavam restritas aos bares, restaurantes e boates e, ainda assim, buscando atrair o público pertencente às classes média e alta, concentravam-se na região leste da cidade, onde, favorecida

pela modernização implementada tornou-se a região onde habita a parcela mais abastada da sociedade teresinense.

No ano de 2005, entretanto, motivados pelo discurso de que tal medida implicaria na diminuição da violência urbana, a Secretaria de Segurança Pública do Estado baixou a portaria n. 17/2005, que ficou conhecida como “Boa Noite Teresina” (após algumas reviravoltas jurídicas, posteriormente endossadas pelo artigo 197 da LC n.3.610/2007 que dá nova redação ao Código Municipal de Posturas), que regulava o horário de funcionamento de estabelecimentos que comercializavam bebidas alcóolicas, já que por essa época, havia se tornado prática criminosa comum os arrastões em bares e restaurantes da cidade.

Entretanto, mais do que coibir as ações criminosas que se organizavam na capital, a determinação do fechamento dos bares, restaurantes e boates afetaram, sobremaneira, a vida cultural da cidade. A portaria, ao contrário, foi vista por muitos dos cidadãos de forma negativa, tolhendo-os do seu direito de liberdade, gerando posteriormente, inclusive discussões na esfera jurídica.

Desde que entrou em vigor, em 2005, O Boa Noite Teresina dividiu opiniões. O programa de segurança, que procurava reduzir os índices de violência agindo diretamente no horário de funcionamento dos bares e boates durante a madrugada, foi considerado uma medida polêmica na época. O boa noite Teresina começou com uma resolução da Secretaria de Segurança Pública. Inicialmente, o horário máximo para funcionamento era diferenciado para os empresários, isso de acordo com a natureza do negócio. Para proprietários de trailers e ambulantes, o encerramento das atividades se dava às 22h no domingo e à 1h de segunda a sábado; para bares, restaurantes e similares, o fechamento não poderia ultrapassar à 1h da manhã nos dias de domingo a quinta e às 2h, na sexta e no sábado. Causadora de muita polêmica, a medida a ser julgada no tribunal de Justiça do estado sob acusação de inconstitucionalidade, por ferir o direito à liberdade do cidadão. (RIBEIRO JR; MARANHÃO, 2010).

Era evidente, no discurso político instituído à época pelas autoridades competentes, mais do que uma luta contra a violência que progredia no centro urbano. Havia também, uma tentativa inegável de controle social, de radicalismo político, que não fora bem aceito pela juventude da cidade. Pode-se notar pelo trecho da entrevista realizada pelo Portal do Governo ao então secretário de segurança à época, a linha de atuação da segurança pública e o tratamento dispensado aos jovens atraídos pelas novidades que preenchiam o entretenimento noturno da capital.

Portal do Governo – Como o senhor avalia o projeto Boa Noite Teresina, que tem a sua marca, que hoje é Lei municipal?

Robert Rios – Teresina não poderia continuar a ser aquela grande farra a céu aberto. Acho que tem a hora do lazer e a hora do trabalho. O lazer até as 3 horas da manhã é o suficiente. A pessoa precisa recuperar o sono e a vitalidade, para que no dia seguinte o jovem possa estudar e o adulto trabalhar. (PORTAL DO GOVERNO, 2007).

Sob vigília constante das polícias militar e civil, que davam suporte aos fiscais da prefeitura, a cidade foi se tornando cada vez mais opressora para essa juventude que buscava lazer nas noites teresinenses. Bares, boates e restaurantes que não cumpriam a determinação da portaria eram fechados por policiais fortemente armados, prontos para mostrar tanto aos frequentadores, como aos proprietários, a força do Estado.

Diante desse cenário, o jovem teresinense, em busca de alternativas que permitissem o seu lazer, inclusive em busca, muitas vezes, de burlar a ordem estabelecida, começou a modificar significativamente o cenário noturno da cidade. Interessante notar, porém, que, resultado da segregação estabelecida pela própria configuração espacial da cidade (onde a classe menos favorecida residia nas zonas sul e sudeste, enquanto a classe média e alta refugiava-se na zona leste) houveram, pelo menos, duas formas distintas de sociabilidades que merecem ser discutidas a priori: nas zonas Sul e Sudeste, pôde-se perceber que os jovens começaram a se reunir em postos de combustíveis, após o horário de fechamento dos bares e boates; na Zona Leste, motivados pelo conceito inovador das festas raves que já aconteciam em espaços urbanos brasileiros e internacionais, e, muitas vezes, elitizados, uma parcela considerável dos jovens foi atraída pela possibilidade oferecida por essas mesmas festas que passaram a acontecer nos espaços rurais próximos a capital piauiense.

Como explicitado, outras formas de sociabilidades também surgiram na tentativa dos jovens teresinenses em busca de lazer, mediante as estipulações de horários de funcionamentos de bares e boates impostos pelos programas governamentais que instituíam limites à sociedade sob o discurso de garantir a segurança do município.

Os jovens principalmente da zona sul, sem opções acessíveis de lazer e com as restrições impostas pelo fechamento dos bares e restaurantes nas madrugadas, encontraram nos postos de gasolina da cidade outra opção de entretenimento. Começaram a se reunir nestes locais, em torno de carros de sons, levando consigo

a sua própria bebida para consumo (afinal, a proibição alcançava a venda da bebida após os horários determinados e não a sua ingestão).

Essa tentativa de burlar os efeitos da referida portaria se ampliou para outras zonas da cidade e encontrou, porém, diversas resistências. Com o fechamento dos estabelecimentos apropriados para este tipo de lazer e a permanência dos jovens nas ruas em busca de diversão, lotando os postos com bebidas e carros com som em elevado volume, gerou-se diversas ocorrências referentes ao incômodo provocado na população vizinha aos postos, geralmente bairros residenciais.

Não por menos, para tentar coibir esta nova tentativa “incômoda” de lazer dos jovens, o Município sanciona a Lei 3. 508, mais conhecida como a Lei do Silêncio que estabelecia níveis e horários de permissão de emissão de sons urbanos, e que segundo o vereador autor do referido projeto de Lei, a mesma visa garantir qualidade de vida, segurança e bem estar público. De acordo com os jornais da época, é possível perceber a intenção explícita de controle social sob essa nova forma de lazer dos jovens das zonas Sul e Sudeste de Teresina:

Com a Lei do Silêncio, sancionada recentemente pela prefeitura de Teresina, a polícia têm garantia legal de coibir excessos de barulho. “Estamos recebendo muitas ligações de moradores reclamando que jovens estão com o som do carro muito alto em postos ou na frente de residências”, disse uma atendente do “190”, salientando que as denúncias são registradas de todas as zonas de Teresina. “Mas a maioria está concentrada nas zonas Sul e Sudeste da cidade”. (RUFINO, 2006).

Na Zona Leste, uma parcela dos jovens, ávidos pela modernização e todas as novidades das grandes metrópoles, passam a frequentar as famosas festas raves. Raves são festas que ocorrem ao som da música eletrônica, acontecem preferencialmente em espaços abertos, fora do perímetro urbano das cidades ou em galpões abandonados das periferias. As primeiras festas foram organizadas no final dos anos 1980 na Inglaterra e ficaram conhecidas como *acid house party*. Mais que uma festa, as raves agregavam um conceito inovador e atraente para a juventude interessada em transgredir e sentir novas sensações. Os ambientes psicodélicos, a música repetitiva e o consumo de drogas como o ecstasy e o LSD (ácido lisérgico) tornaram-se parte desse novo conceito de festas. Importante destacar, entretanto, que tais conceitos foram oriundos da influência das festas europeias, norte americanas e, principalmente, da influência indiana, com muita cor e música nos festejos de Goa, na Índia:

O trance para alguns é um modo de vida. Se você morar na Índia por seis meses, já começa a agregar toda aquela cultura. Tem um determinado dia

no ano, que os indianos saem na rua jogando tinta colorida uns nos outros. São muitas pessoas coloridas correndo, cantando e dançando. As cores das festas raves vieram desta cultura, os Deuses coloridos, sem contar a espiritualidade do povo e a própria música indiana. Tudo foi transferido para o trance.³¹

No Brasil, as festas raves surgem no início dos anos 1990 em São Paulo e, em Teresina, no final da década de noventa. Em 1999, a DJ Ayahuasca produz a primeira festa eletrônica da cidade que foi batizada de “Scroc” e aconteceu no clube da OAB. As festas raves passaram a atrair um público cada vez maior, e a partir de 2005, possivelmente por causa do “Boa Noite Teresina”, parece que um crescente número de jovens é levado a buscar alternativas fora das “vistas policiais” para sua diversão e lazer.

Localizado dentro de uma pequena reserva ambiental na zona leste da capital, próximo à Universidade Federal do Piauí, havia um bar bem diferenciado: com muitas árvores e plantas; pouca luz; músicas regionais e um incipiente clube de vinil; o local reunia os jovens frequentadores do cenário eletrônico da cidade (raves), além de outras tribos, que não frequentavam festas raves, e que eram adeptos de uma proposta mais *nature*³²: ouviam reggae, música popular brasileira e faziam uso da *Cannabis sativa*. É neste estabelecimento que se dá o encontro dessas tribos, que poderia parecer à primeira vista tão distintos, mas que, no entanto, buscavam novas dimensões de lazer, sensações e transgressões naquela Teresina dos anos 2000.

É neste contexto econômico, político, social e cultural que chega à cidade o Santo Daime, que tem em comum com o estabelecimento citado e as festas raves a contemporaneidade e o mesmo “público”.

3.3 Teresina e os Novos Movimentos Religiosos.

O Piauí possui 87,93% de sua população autodeclarada católica, sendo, portanto, o estado mais católico do país, seguido pelo Ceará, 81,08% e Paraíba,

³¹ Pan Papason – grego, considerado pioneiro do movimento e da música psicodélica no Brasil e no mundo. Em <http://www.psynation.com/historia-das-raves>.

³² Palavra derivada da expressão latina “in natura” que significa que está no estado natural, ou seja, que não sofreu nenhuma transformação industrial; expressão utilizada entre o grupo pesquisado como forma de diferenciarem-se dos grupos que utilizam químicos como: LSD, Exctasy, cocaína, entre outros.

80,25% (NERI, 2011)³³. Podemos, então, inferir que a Capital do Estado do Piauí é, também, um espaço majoritariamente católico, mas essa é uma realidade quem vem se alterando. Em Teresina, segundo dados do censo 2010, 642.822 pessoas eram católicas (78,94%) enquanto apenas 17.314 pessoas eram de outras religiões (2,12%), o que inferimos serem parte dos Novos Movimentos Religiosos, visto não fazerem parte das religiões elencadas pelo IBGE quando do levantamento censitário. Especialmente a partir da década de oitenta vem surgindo em Teresina o que denominou-se de Novos Movimentos Religiosos oriundos do fenômeno Nova Era, que não se trata de uma religião, mas de uma forma diferenciada de vivenciar a espiritualidade, onde existe uma relação muito íntima entre saúde e religiosidade, cuidar do bem estar do corpo é cuidar da alma e vice-versa.

A contemporaneidade é marcada por incertezas, inquietações, quebra de paradigmas. Em tempos de globalização o mundo se torna cada vez menor, sob o mito da aldeia global e as culturas se misturam e se mesclam tornando cada vez mais volátil as suas fronteiras. No fenômeno religioso não é diferente: as religiões tradicionais são misturadas a práticas esotéricas, ocultismo, e por vezes relidas ou ressignificadas.

Nesse contexto de construção de uma nova realidade a percepção do sagrado também é reconstruída. Produto da miscelânea de diversas culturas e tradições, o fenômeno Nova Era emerge calcado na intenção de proporcionar uma integração holística do homem, proporcionando experiências capazes de transformar o indivíduo que será capaz de transformar sua realidade e do universo como um todo.

O fenômeno Nova Era, conforme Cavalcante (2009), origina-se a partir do movimento da contracultura nas classes médias norte americana que se contrapunha ao individualismo utilitarista do *american way* e que entra em contato com as filosofias religiosas esotéricas orientais; com os ideais românticos; as psicologias humanistas; Gestalt; transpessoal e jungiana. As correntes basilares do fenômeno novaerista buscavam um diálogo que conduzisse o homem a um estudo do seu próprio eu, construindo um ser cada vez mais capaz de se entender como

³³ NERI, Marcelo. **Novo Mapa das Religiões.** In: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf, Acesso em: 05.07.14. FGV, 2011. p. 32.

um ser transformador e modificador, tanto do seu próprio eu, como do meio em que dialoga.

Em Teresina, segundo Cavalcante (2009), o fenômeno Nova Era brota no início dos anos 80 com a implementação de grupos e associações de estudos esotéricos, ufológicos, academias de yoga etc:

[...] o fenômeno Nova Era floresce nos anos 80, data da mesma época o seu surgimento em Teresina. Na capital piauiense foram implementados: o Grupo de Estudos Ufológicos Alnilan (1982); Associação de Estudos Ufológicos Órion (1983); a Associação Piauiense de Grupos de Estudos Ufológicos (1983); a Fundação de Antroposofia (1983); a Escola de Biodança do Piauí (1985); Consultório de Astropsicologia (1986); Centro Espírita Lar de Jesus (1987); Restaurante Natural Raio de Sol (1988); Instituto Narayama de Yoga e Massagem Oriental (1987); Academia de Yoga De Rose (1988). Com a fundação desses grupos e a implementação desses espaços começaram a acontecer os eventos de divulgação da temática New Age na capital piauiense. (CAVALCANTE. 2009. pg. 63).

Seguindo esse fluxo, surgem ainda outros espaços que contemplam o que chamamos aqui de religiosidades novaeristas como União de Vegetal (2002), Vale do Amanhecer (2003), bem como o Santo Daime (2005).

É importante destacar que, em se tratando do campo espiritual Nova Era, e particularmente, a religião do Santo Daime, a questão da espiritualidade é fundamentalmente voltada para o autoconhecimento, experiência mística ou extática (miração [categoria êmica]) e o compromisso com a questão ecológica.

Um dos principais elementos da chamada cultura Nova Era é a possibilidade de experiências transcendentais caracterizadas por estados alterados ou expandidos de consciência, um “conhecimento experimental direto do divino” (LEWIS, 1971). Como parte de uma dimensão fundamental da experiência humana são encontrados em todas as culturas e frequentemente relatados em tradições religiosas e espirituais. Os transe “são usados terapêuticamente para liberar o poder do espírito no corpo humano na luta contra as forças do mal que causam a doença e para curar a doença dos aflitos” (LEWIS, 1971, p. 55).

No Santo daime, “ao tomar a bebida, eles sentem que rompem barreiras físicas normais e conseguem acesso a outros níveis de realidade” (MACRAE, 1992).

Também conhecida como êxtase religioso, transe ou possessão:

As experiências transcendentais podem ser provocadas pela ingestão de medicamentos que alteram a mente, substâncias naturais com impacto neuroquímico, práticas xamânicas, meditação, hipnose, e experiências de quase morte (EQM). São também decorrentes de práticas religiosas/espirituais regulares e, além disso, podem ocorrer sem nenhuma razão aparente. Tais experiências, muitas vezes, levam a profundas

mudanças dos sistemas de crenças, da visão de mundo e transformam atitudes e comportamentos diários, assim como as relações interpessoais e a autopercepção da identidade.³⁴

3.4 A religião Santo Daime em Teresina: “Céu de Todos os Santos”

Em outubro de 2002, Abraão Honório Cavalcante, 54 anos, branco, advogado de formação, designer e artista plástico, mestre na arte com buriti, ex presidente do PRODART – Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Piauí, e que goza de grande prestígio na sociedade teresinense, foi convidado pelo SEBRAE para ministrar um curso e ensinar sua técnica na cidade de Rio Branco no Acre. A viagem que tinha de início a pretensão de durar 15 dias, durou 60. Abraão entra em contato com a cultura do Santo Daime, já que uma parte considerável de seus alunos pertenciam à referida doutrina, posto que, naquela região o número de adeptos é bastante considerável e com o prolongamento de sua estadia, foi possível fazer amizade com os nativos e por eles foi convidado a conhecer o Santo Daime, vindo, inclusive, a participar de feitos³⁵ na Colônia 5.000.

Abraão volta pra Teresina trazendo na bagagem muito mais que a experiência do curso e o contato com a cultura daimista. Trouxe consigo, ofertado por Maurílio, atual dirigente da Colônia 5.000, e, esposo de uma das filhas do Padrinho Sebastião, quatro litros da bebida sacramental ayahuasca³⁶, um enteógeno³⁷ que provoca alterações de consciência muito parecidas com as do LSD, mas que há mais de 14.000 anos é usada por povos tradicionais ameríndios como sacramento e veículo de condução ao divino, posto que o significado em quéchua, língua desses povos, quer dizer “vinho das almas” nos remetendo a uma ligação espiritual, no Santo Daime é o sacramento, o vinho eucarístico servido nos rituais, mas que também é usado como remédio para curas diversas pelos vegetelistas amazônicos. Para o artista plástico, ele estava transportando um remédio para a continuação de um tratamento iniciado na floresta de uma doença que o acometia.

³⁴<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/56/cerebro-mente-e-experiencias-transcendentais-a-acuracia-de-varios-relatos-182030-1.asp>.

³⁵ Feitos são os trabalhos de feitura ou o preparo da bebida sacramental Ayahuasca.

³⁶ Bebida feita de cocção do cipó Banisteriopsis Caapi (conhecido popularmente como jagube) e da folha do arbusto Psicotrya Viridis (Rainha).

³⁷ Cf Macrae (1992) derivada da palavra grega entheos que significa “deus dentro”, descreve a experiência de possuir o divino dentro de si. Escolho usar esse termo por ser o que melhor descreve as experiências descritas pelos adeptos ao comungar da ayahuasca.

Obviamente, aquela bebida de origem indígena, promotora de curas e experiências de expansão de consciência despertara curiosidade de pessoas ligadas a ele, que passaram a procurá-lo insistentemente em busca de conhecer a tal bebida.

O artista plástico, que é uma pessoa extremamente abnegada e generosa, cedeu um pouco da bebida aos curiosos que se reuniram com outros amigos, também ávidos por experienciarem a viagem astral proporcionada pelo tal chá. Cientes da ligação da bebida com a floresta passaram a se reunir num sítio localizado na estrada da Taboca do Pau Ferrado³⁸, pertencente a um funcionário público federal, também empresário do ramo de entretenimento e que possuía um bar temático que ficava dentro de uma pequena reserva ambiental, um parque de caneleiros, localizado próximo à Universidade Federal do Piauí, zona nobre da capital, por onde circulava muita gente, especialmente jovens da classe média de Teresina que gostavam do ambiente de floresta, e de outras coisas ligadas a esses ambientes.

Dessa primeira reunião para a ingestão da Ayahuasca em Teresina, encontravam-se presentes além do artista plástico, a jornalista Andréa Alcântara de F. Rêgo, o publicitário Wilson Fernando de F. Rêgo Filho (cunhado do artista plástico), o estudante Claudio Montenegro Rocha Filho, o empresário e funcionário público dono do sítio, local da reunião, e um amigo do empresário, o também empresário, senhor Manoel de Oliveira Barros Filho, 52 anos, casado com a senhora Conceição Soares Barros, pai de 3 filhos e dono de uma padaria na zona sudeste de Teresina e que viria a ser a figura principal do núcleo ou ponto, como se chama na doutrina as igrejas em seu início.

A notícia se espalhou boca a boca na cidade, entre amigos dos amigos e clientes do bar localizado na floresta de caneleiros, então, logo o número de curiosos aumentou. Passaram a se reunir aos finais de semana e em todas as reuniões a quantidade de pessoas que ali estavam para conhecer a ayahuasca era cada vez maior. Em dezembro de 2002 me uno ao grupo, através de uma prima,

³⁸ O sítio localiza-se na zona rural de Teresina a 20 km da rotatória (balão) localizado na Av. João XXIII, saída para o norte do estado, na localidade Capim Duro, SN; é uma área com poucas residências, característica por propriedades como chácaras e sítios e por possuir uma pequena floresta de palmeiras como tucum e babaçu.

também frequentadora do já citado bar, que havia tomado ayahuasca e me convidou para o próximo encontro, que não tinha momento certo para acontecer, geralmente, nos encontrávamos no bar, e de lá, sem nenhuma programação anterior, íamos para o sítio e em meio a bate papos, fogueiras, violões, tomávamos o chá.

Com a amizade firmada em Rio Branco entre Abraão e o senhor Feliciano, antigo morador da Colônia 5.000 e principal feitor de daime da região, foi possível ao grupo trazer mais litros daquela bebida que, segundo Mestre Irineu em seu hinário³⁹ “O Cruzeiro”, “tem poder inacreditável”.

De início, éramos na maioria jovens, frequentadores do estabelecimento já citado e do cenário eletrônico da cidade, as famosas raves. A busca não era pelos benefícios de cura e expansão espiritual, mas das “viagens” que a bebida ancestral poderia provocar. Porém, mesmo sem ter conhecimento da doutrina e seus ensinamentos, fomos nos sentindo cada vez mais atraídos pela espiritualidade e passamos a pesquisar em revistas especializadas e sites na internet sobre a cultura do Santo Daime.

Em dezembro de 2003, o estudante Claudio Montenegro e o empresário dono do tal bar, resolveram ir até o Acre, na colônia 5.000, conhecer in locus a doutrina e a cultura do Santo Daime. Lá, conheceram um fardado por nome de Altemir Freitas, mais conhecido entre os teresinenses por “flecha”, casado com uma norte-americana, Patrícia Anne MacGovern que, logo após chegar em Teresina, descobre que está gestante. Altemir tinha à época idade entre 35 e 38 anos, e era do tipo rebelde: cabelão comprido e cheio de “marra”. Logo houve uma identificação e os jovens piauienses convidaram Altemir para vir à Teresina ensinar um pouco sobre a doutrina aos que aqui ficaram.

Nesse ínterim, o senhor Manoel Barros, que passou a frequentar essas reuniões levava seu filho mais velho, que era dependente químico. Ocorre que o rapaz, passado algum tempo em contato com a bebida indígena e com o tal caboclo acreano, sofre um processo de cura e livra-se do vício das drogas. Além disso, seu Manoel também livra-se do hábito de beber bebida alcóolica, desejo que seu Manoel

³⁹ Conjunto de hinos que são “recebidos” do alto astral e onde contém os ensinamentos da doutrina, considerado pelos adeptos como o Terceiro Testamento.

dissera ter antes mesmo de conhecer o Santo Daime e então passa a dar ainda mais valor e respeito à doutrina do Santo Daime abraçando-a juntamente com toda a família: esposa, filhos, e nora, além de alguns sobrinhos do casal.

Em entrevista realizada em junho de 2011 com o senhor Manoel de Oliveira Barros Filho em sua residência que à época residia na Taboca do Pau Ferrado, na chácara onde se localiza a igreja, é possível destacar em sua fala a importância atribuída ao santo daime na cura de dependentes químicos e uso abusivo de álcool:

O Flecha começou a estar contando como é que era, e aí a gente começou a entender das curas assim que aconteciam lá em Rio Branco, pessoas que, especialmente as pessoas drogadas, que faziam uso de substâncias químicas. Foi também a época em que meu filho passou separado com ele lá. Ele (Flecha) pediu: você quer deixar seu filho aqui comigo? Aí meu filho ficou lá. E eu, quero assim dizer, que daí logo eu comecei a ter um entendimento, assim, positivo do Santo Daime. Eu comecei a entender as coisas, a fazer um resgate da família muito profundo mesmo e eu combinei com o Flecha de meu filho passar um tempo lá. Ele passou e serviu muito. Ele passava o dia todo tomando daime. De vez em quando ele “metia” daime nele. Ele ficou lá o tempo inteiro, não saía nem pra ir à cidade. Nós temos a padaria lá e fizemos o sacrifício de ficar sem a mão-de-obra. Mas serviu, foi muito importante assim o período que ele esteve lá. O que eu senti foi assim: a questão da bebida. Eu bebia, nunca fui de perder um dia de serviço. Fui muito responsável por onde eu trabalhei de empregado, mas era muito difícil. Eu pedia muito a Deus pra me tirar daquela história ali, daquela bebida ali. Eu tinha muita fé, mas não conseguia. Agradeço muito ao Santo Daime ter saído da bebida. Aí foi que eu comecei a dar mais valor assim, a acreditar porque eu comecei a sentir que não sentia mais vontade de beber.

Em 30 de janeiro de 2004 realiza-se o primeiro trabalho do Santo Daime em Teresina, conhecido no calendário daimista⁴⁰, como Trabalho de Concentração.

⁴⁰ O calendário daimista tem início com o Hinário ao dia 07 de janeiro em comemoração ao aniversário do atual presidente do ICEFLU, Alfredo Gregório de Melo onde se canta seu hinário, segue com os trabalhos de concentração que ocorrem aos dias 15 e 30 de cada mês, as missas, ou santa missa, que ocorrem na primeira segunda-feira de cada mês, os bailados dos dias 19 de janeiro – São Sebastião, 18 de março – São José, 5ª feira da Semana Santa, 2º domingo de maio – dia das Mães, 12 de junho – Santo Antônio, 23 de junho – São João, 25 de junho – aniversário da matriarca da doutrina, Madrinha Rita Gregório de Melo, 28 de junho – São Pedro, 06 de julho – aniversário de falecimento do Mestre Irineu, 2º domingo de agosto – dia dos pais, 06 de outubro – aniversário do Pd. Sebastião, 01 de novembro – dia dos finados, 07 de dezembro – Nossa Senhora da Conceição, 14 de

Altemir era o dirigente e sua esposa foi a primeira violeira e cantora do centro que se iniciava. Ainda não se esboçava a fundação de uma igreja, mesmo entusiasmados com tantas descobertas e aprendizagens espirituais, estávamos receosos e cientes de que iniciávamos um estudo que não sabíamos aonde iria nos levar. Mesmo assim, as reuniões chamadas de trabalho de concentração passam a acontecer todos os dias 15 e 30 dos meses que se seguiram. Em junho do mesmo ano, registram-se dois trabalhos além das concentrações: um no dia 09 em comemoração ao aniversário de um membro da casa e da D. Conceição, esposa do senhor Manoel e um trabalho no dia 23, dia de São João Batista, segundo o calendário oficial daimista canta-se o hinário do fundador Mestre Irineu, porém não foi possível realiza-lo de acordo com o calendário, visto que o grupo ainda não dispunha de elementos e conhecimentos musicais suficientes para realizar tal trabalho, cantando apenas os hinos já conhecidos dos trabalhos de concentração.



dezembro – aniversário de nascimento do Mestre Irineu, 31 de dezembro – passagem de ano e finaliza no dia 06 de janeiro com o dia de Reis.



Fotos cedidas pela família Batista Teixeira. Trabalho realizado no sítio “O Lugar” em 09.06.2004.

Ainda em junho do ano de 2004, o empresário dono do bar e do sítio onde nos reuníamos, desencanta-se com o daime e passa a frequentar uma igreja evangélica. A partir do mês de julho do mesmo ano, os trabalhos passam a acontecer em terreno cedido pelo senhor Manoel, também localizado na Taboca do Pau Ferrado, quase em frente ao sítio onde nos reuníamos até então. Lá começa a construção de um local específico para os rituais do santo daime, no entanto, ainda não era a igreja oficialmente, posto que localizava-se em propriedade da família do senhor Manoel. Também se iniciam as primeiras reuniões para tratar da abertura e fundação de uma igreja do Santo Daime em Teresina e o nome Céu de Todos os Santos (CTS) é sugerido em uma das reuniões pelo acreano Altemir, em alusão a um bairro da cidade que fica próximo da localidade da futura igreja.





Construção do primeiro local destinado aos trabalhos do santo daime em Teresina (julho/2004).

Em agosto de 2004 nasce o primeiro filho do casal Altemir e Patrícia, Elohim, sendo o primeiro bebê daimista a nascer em Teresina, no entanto o casal, logo em seguida ao nascimento do bebê, decide voltar ao Acre. Assim que o casal parte, Abraão, que não participava de todos os encontros e reuniões para tomar o chá, sempre foi uma voz presente e respeitada, sendo consultado sempre que havia a necessidade de tomar alguma decisão, reúne o grupo e pergunta quem se acha em condições de dirigir os trabalhos dali pra frente. Leonardo Soares, o filho mais velho do senhor Manoel se apresenta e é ele quem dirige o primeiro trabalho após a partida de Altemir, porém no trabalho seguinte, já é o estudante Claudio Montenegro quem passa a ser o dirigente do Céu de Todos os Santos permanecendo até abril de 2007.

Em maio de 2005, Claudio Montenegro juntamente com o bancário Gustavo Teixeira e a microempresária Fernanda Sá, que posteriormente viria a se tornar a senhora Claudio Montenegro, viajam ao Céu de Belém em Belém (PA) para participarem de um feitio, essa foi a primeira vez que saiu um grupo de pessoas de Teresina para conhecer e trabalhar em um feitio, e lá conhecem o empresário

Chester Gontijo feitor de daime, dirigente da igreja Céu das Águas em Manaus (AM), e responsável pelas igrejas que compõem a regional-Norte⁴¹ e falam com ele sobre o centro que se iniciava em Teresina Ihe fazendo um convite para o mesmo vir conhecer. Trazem de lá alguns litros da bebida e as primeiras mudas de jagube, o cipó utilizado no feitio do Santo Daime.

Em 15 de abril de 2005 o CTS recebe pela primeira vez a visita de uma fardada do Céu do Mapiá - igreja matriz da vertente fundada pelo Padrinho Sebastião e da qual o Céu de Todos os Santos segue signatária - a senhora Rita Lessa e suas filhas Bartira e Tuíra. Rita estava de passagem para Parnaíba, local de moradia do pai de suas filhas, e, foi nessa passagem por lá, que Rita encontra-se com seu Manoel Sousa de Oliveira, dono de um bar na praia de Pedra do Sal, ocasião em que Rita apresenta a seu Manoel a bebida sagrada Ayahuasca, plantando assim a semente que mais tarde germinaria e que viria a ser o ponto “Céu da Pedra do Sal”.

O terreno cedido pelo senhor Manoel fica dentro de um loteamento comprado por ele juntamente com familiares numa área de 4 hectares, divididos em 65 lotes. Organizados desde o princípio sem a ajuda de nenhuma outra igreja, patrono ou outra entidade, passamos a “economizar” dinheiro, a partir de doações e contribuições recebidas (ainda hoje funciona assim), - pois o daime não tem um valor, mas tem um custo e é a partir dessas contribuições e doações que vem o sustento dos centros -, e, seu Manoel mesmo sem ser o responsável pela administração sempre foi quem esteve à frente mobilizando e contribuindo com maior quantia, além de seu tempo e disponibilidade pra tocar a compra de um lote e a construção da igreja propriamente dita. Então, em 16 de setembro de 2005, o Céu de Todos os Santos inaugura sua sede, num evento em que o antropólogo e dirigente espiritual do Céu do Planalto (Brasília/DF), Fernando La Rocque Couto, foi convidado a vir dirigir o trabalho e a proferir uma palestra sobre a doutrina do Santo Daime dentro de um evento realizado pelo centro, através de seu presidente Claudio Montenegro com inscrições abertas ao público em geral, que visava, entre outros objetivos, proporcionar uma vivência de contato com a natureza e a discussão de

⁴¹ Centro produtor e distribuidor da bebida na região Norte do País e que compreende as igrejas do Amazonas e Pará.

assuntos ligados à espiritualidade nova era; a taxa de inscrição seria revertida para a construção da nova igreja.



I trabalho realizado em terreno onde seria construída a igreja "Céu de Todos os Santos" (agosto/2005).



Trabalho de concentração e inauguração da sede do CTS (setembro/2005).





Centro Livre de Força, Amor e Luz Rainha da Floresta

Teresina • Piauí • Brasil



Abraços, olhares, gestos, energia, emoção, amor,
e é claro, a certeza de Deus em cada sorriso de uma criança.

DIA DAS CRIANÇAS
COMUNIDADE RAINHA DA FLORESTA

2005

Contamos com você

Sugestões de doações:	Contato para inscrição:
• Brinquedos	• Wilson Fernando Filho - 3233.2261/9482.6148
• Livros	• Cláudio Montenegro - 943.022
• Foneças	• Francisco Eugênio - 3238 e 3231 / 9482.6148
• Indumentárias	• Alara Design - 9987.3783
• Doces	
• Brinqu	
• Carnês	
• Anos	



Teresina • Piauí • Brasil

Estadão da Torcida do Paul Fernando s/n. Localidade: Capim Branco
Teresina - Piauí - Brasil

I SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO E PLANEJAMENTO

COMUNIDADE RAINHA DA FLORESTA
Teresina-PI

16, 17 e 18 de setembro de 2005

APRESENTAÇÃO	PROGRAMAÇÃO	Ficha de Inscrição
<p>Com pouco mais de um ano de existência, a Comunidade Rainha da Floresta já se constituiu como um eminente espaço de integração em nível pessoal, espiritual e comunitário. A proposta de atividades voltadas para o "cuidar do ser", as experiências ecumênicas, além da vivência comunitária é uma tarefa desafiadora em meio a esta crise que estamos vivenciando na modernidade.</p> <p>Essa árdua e gratificante caminhada traz consigo experiências que necessitam serem refletidas, planejadas e avaliadas. É com este intuito que estamos convidando os irmãos e irmãs para um amplo debate em torno da Comunidade Rainha da Floresta.</p> <p style="text-align: center;">OBJETIVO</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Conhecer, discutir e aprofundar as dimensões religiosas, comunitárias e sociais que envolvem a Comunidade Rainha da Floresta; ■ Construir um espaço de formação e diálogo entre os frequentadores da entidade; ■ Socializar e intercambiar os limites e possibilidades de sustentabilidade da experiência comunitária; ■ Planejar estrategicamente as prioridades emergenciais e estruturais da Comunidade Rainha da Floresta. ■ Dar visibilidade e legitimidade social as atividades desenvolvidas na Comunidade. <p style="text-align: center;">ASSESSORES CONVIDADOS</p> <p>Fernando de La Roque Couto (Céu de Planalto- Brasília), Elizete Lima (Oficial PM), Fred Maia, Carlos Eugênio, Willian Tito, Anna Carolina, Ana Rufino.</p>	<p style="text-align: center;">16/09 (Sexta-feira)</p> <p>20:00 h - Acaridade 21:00 h - Apresentação da Entidade Rainha da Floresta - Catequese - Encaminhamento - Carninhada</p> <p>22:00h - Trabalho de Concentração</p> <p style="text-align: center;">17/09 (Sábado)</p> <p>07:00 h - Despertar 08:00 h - Meditação 09:30 h - Café da Manhã 09:30 h - O xamanismo no contexto religioso e antropológico. Facilitador: Fernando de La Roque Couto - Lanche 10:30 h - A legalidade e o uso das plantas embérgenas. Facilitadores: Ton, Elvete, Willian Tito, Ana Carolina e Ana Rufino. 11:30 h - Religiosidade da Doutrina do Santo Dierre Facilitador: Fernando de La Roque Couto 13:00 h - Almoço 14:30 h - O desafio social e auto-sustentável da Comunidade Céu de Todos os Santos Responsáveis: Fred Maia e Carlos Eugênio 16:00 h - Lanche 16:30 h - Continuação da oficina 17:30 h - Intervalo 19:00 h - Jantar 22:00 h - Espaço Cultural</p> <p style="text-align: center;">18/09 (Domingo)</p> <p>06:00 h - Despertar 07:00 h - Meditação 07:30 h - Café da Manhã 08:30 h - Testemunhos 09:30 h - Planejamento Participativo da Comunidade Céu de Todos os Santos 10:30 h - Lanche 10:50 h - Encaminhamentos 12:30 h - Celebração de Encerramento / Almoço</p>	<p style="text-align: center;">Ficha de Inscrição</p> <p>DATA DE INSCRIÇÃO: até dia 15 de setembro (quinta-feira)</p> <p>CONTATOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Wilson Fernando Filho - 3233.2261/9482.6148 • Francisco Eugênio - 3237.3786/3232.1816/9482.6480 • Alara Design - Centro de Artesato - 9987.3783 <p>VALOR TAXA ALIMENTAÇÃO: R\$ 20,00</p> <p>INSCRIÇÕES PESSOAIS:</p> <p>Nome: <input type="text"/></p> <p>Identificação: <input type="text"/> CPF: <input type="text"/></p> <p>Data de Nascimento: <input type="text"/></p> <p>Endereço: <input type="text"/></p> <p>Fone: <input type="text"/> Cel: <input type="text"/></p> <p>E-mail: <input type="text"/></p> <p>Profissão: <input type="text"/></p> <p style="text-align: center;">Dicas</p> <p>O local contará com: rede para camping.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Laveira, cafeteria, banheiros de camping, sacos de lixo • Traga todos os seus fios de cabelo. Nunca deixe fios soltos no chão. • Não use fogo dentro ou muito perto das barracas. O fogo é um possível inimigo do cabelo. Não fume dentro de barracas e deixe todos os barracos e barracas longe de fogo traseiros. • Planeje a integração com a natureza • Não mantenha café que se queimou dentro de copos dentro de suas barracas ou recipientes que tenham penetrado de lado de fora de barracas.

I Seminário de formação e planejamento "Comunidade Rainha da Floresta". (setembro/2005).

Em 1º de outubro do ano de 2005 é assinada a Ata de fundação do Centro Livre de Força Amor e Luz Rainha da Floresta – Céu de Todos os Santos, constando de 21 assinaturas, entre elas: o estudante Cláudio Montenegro Rocha Filho, que em ato contínuo foi eleito o presidente da instituição, o publicitário Wilson

Fernando de F. Rêgo Filho, eleito vice-presidente, o bancário Francisco Gustavo Carvalho Batista Teixeira, secretário geral, o senhor Manoel de Oliveira Barros Filho, secretário de articulação, além das assinaturas de Maria da Conceição Soares Barros (esposa de senhor Manoel), Leonardo Soares Barros, Marcones Soares Barros e Monaliza Soares Barros (filhos do senhor Manoel), o artista plástico Abraão Honório Cavalcante, a jornalista Andréa Alcântara de F. Rêgo, a jornalista Adriana Gonçalves Veras, a assistente administrativa Ticiane Alcântara de Figueiredo Rêgo, o psicólogo Anderson Monteiro de Carvalho, eu, Theresa Jaynna de Sousa Feijão, a psicóloga Anna Carolina Carvalho Batista Teixeira e a microempresária Fernanda de Carvalho Sá Freitas.

No mês de novembro do ano de 2005 o centro recebe a visita da primeira comitiva⁴² de Chester Gontijo e seu Daniel Serra - sobrinho de Mestre Irineu que o seguiu para o Acre e juntou-se ao tio também na doutrina que este fundara - que estavam em viagem pelo Brasil para arrecadação de fundos para a construção de uma igreja na cidade de São Luís (MA) sob o comando de seu Daniel Serra. Foram realizados dois trabalhos, um trabalho de cura no dia 12 e no dia seguinte um bailado não oficial, ou seja, que não consta do calendário oficial e no qual não se usa a farda branca⁴³ onde os primeiros adeptos do Céu de Todos os Santos recebem suas estrelas das mãos do próprio Daniel Serra, entre eles estavam: seu Manoel Barros, Monalisa Barros, Adriana Veras e Fernanda Sá. Antes, Monalisa Barros, seu irmão Leonardo Barros e Claudio Montenegro já haviam colocado a farda azul, porém ainda não tinham recebido a estrela que simboliza o fardamento, a conversão.

⁴² Grupo formado por um dirigente de uma igreja maior e mais antiga do Santo Daime, alguns músicos e pessoas mais antigas e experientes que saem em viagem por outras igrejas menores para realizar trabalhos espirituais e feitos.

⁴³ Farda que é utilizada apenas nos bailados de hinários oficiais. É a farda de festa ou de gala.



Visita da comitiva de Chester e Daniel Serra (novembro/2005)

Em março de 2006 realizam o trabalho de São José onde cantam o hinário do Mestre Irineu, e realiza-se a primeira cerimônia de fardamento coletivo do Céu de Todos os Santos: cerca de 20 pessoas colocam a farda branca e recebem suas estrelas.

No mês de abril de 2006 Chester Gontijo volta pelo Piauí, dessa vez, além de realizar trabalho no Céu de Todos os Santos, levou uma comitiva formada em grande parte por fardados do CTS, para a realização de um trabalho no litoral, na cidade de Luís Correia, para dar apoio ao pequeno ponto plantado por Rita Lessa no ano anterior, o “Céu da Pedra do Sal”. Chester, desde a primeira passagem por Teresina observava a tudo ao seu redor, e nesta ocasião chegou a comentar com um rapaz integrante de sua comitiva que o ideal seria que seu Manoel assumisse o comando, já que é um pai de família, além de ser o mais velho e experiente, dentro do grupo. Segue viagem, porém essa ideia fica martelando em sua cabeça...

Em sua terceira passagem pelo Piauí, em setembro de 2006, Chester Gontijo vinha de viagem por Belém do Pará e veio acompanhado de uma comitiva composta por fardados do Céu de Belém e pessoas importantes do Céu do Mapiá: o psicólogo Luis Fernando Nobre secretário geral do ICEFLU e sua esposa Luzenir Alves uma das “puxadoras”⁴⁴ oficiais do Céu do Mapiá, sua sobrinha Teresinha Sousa e José Gregório de Melo, mais conhecido como Zé Mota, filho caçula do Padrinho Sebastião. Na ocasião foi realizado um trabalho de cura e após o trabalho, Zé Mota apresentou à irmandade teresinense uma medicina da floresta amazônica: pela primeira vez se utiliza em Teresina o kambô, ou vacina do sapo. O kambô (*phyllomedusa bicolor*) é um sapo que produz uma secreção muito utilizada pelos índios da Amazônia para combater a panema, ou preguiça e tornarem-se bons de caça, além de curar diversos males. Segundo Labate e Lima (2007), o kambô é muito difundido nos centros urbanos pelos índios Katukina e também bastante associado ao uso da ayahuasca, já que uma boa parte dos consumidores do kambô é também um ayahuasqueiro.

Nesta mesma oportunidade realiza-se, no dia 06 de agosto de 2006, os dois primeiros casamentos do Céu de Todos os Santos: Seu Manoel e D. Conceição e o filho Marcones e sua esposa Xênia Bia; ambos os casais já eram casados no civil e realizam o sonho de casar-se na igreja com a presença da comitiva mapiense.

A comitiva segue viagem para Fortaleza (CE) e seu Manoel os acompanha em sua primeira viagem para uma igreja já consolidada para participar de um hinário. A

⁴⁴ Como é chamado na cultura daimista as cantoras dos hinários.

viagem dura dois dias e a amizade entre Chester e seu Manoel se fortalece e Chester o convida para participar de um feito que aconteceria em janeiro do ano seguinte em Belém (PA).

No final do ano de 2006, por conta de alguns conflitos gerados por causa do uso, por grande parte dos frequentadores do Santo Daime, da *Cannabis sativa* e por carestia da bebida, Claudio Montenegro, na figura de presidente e dirigente espiritual do CTS propõe suspender os trabalhos espirituais com o Santo Daime, medida essa que gera alguns conflitos e desentendimentos. Durante os meses de novembro e dezembro do ano de 2006, não houveram trabalhos, sendo retomados na passagem do ano, em 31 de dezembro de 2006. Seu Manoel não concorda com a decisão, mas a acata, já que a mesma já estava tomada pelo então presidente com o apoio de alguns outros participantes.

Em janeiro de 2007, seu Manoel, contrariado com a decisão de suspender os trabalhos e por conta da falta de daime em Teresina, viaja ao Céu de Belém para seu primeiro feito, na companhia de mais 13 pessoas: os filhos Leonardo e Monalisa, o então presidente e dirigente do CTS, Claudio Montenegro, o vice-presidente Wilson Fernando, o historiador Paulino Brandim, que mais tarde viria a ser o feitor do Céu de Todos os Santos, além de mais sete pessoas. Foi uma viagem cheia de situações e tensões, amizades foram abaladas, outras foram se consolidando, muitas coisas foram se revelando e se resolvendo, de uma maneira ou de outra. Nessa ocasião, Chester, que por sugestão e convite de Claudio Montenegro tornara-se o patrono do CTS – o que explica a ligação direta da igreja de Teresina com a regional Norte e não a Regional Nordeste, o que seria o lógico, já que a igreja está localizada nesta região do país – convoca uma reunião com o grupo presente e relata as observações feitas desde sua primeira passagem por Teresina e se diz disposto a ajudar e sugere que coloquem seu Manoel como presidente da igreja. O então presidente, Claudio Montenegro não se fizera presente a essa reunião. Foi uma reunião tensa, mas saíram de lá combinados de que quando voltassem a Teresina providenciariam novas eleições com seu Manoel como presidente. Durante a estadia em Belém, Leonardo Soares recebe a notícia de que a namorada que ele conhecera através do Santo Daime, estava grávida de seu primeiro filho, e ele resolve voltar para Teresina imediatamente. Seu Manoel e Wilson Fernando eram muito amigos, mas se desentendem e seu Manoel fica

abalado, sente-se esmorecido com a decisão de Leonardo em abandonar a viagem e, desconfortável com o desentendimento entre ele e Wilson, também pensa em voltar para Teresina. Quando já estava arrumando as coisas pra viajar de volta à Teresina, Chester chega correndo e quase chorando lhe pede que não fizesse aquilo. Seu Manoel o abraça e naquele momento desiste de voltar e vai até a casa de feitio. Lá estava um senhor alto, lavando umas folhas de chacrona que o pergunta se ele não gostaria de ajuda-lo, era Vaídes Borges, presidente do Céu do Cerrado, em Palmas (TO) e maior produtor e distribuidor da folha chacrona no país. Seu Manoel passa a tomar gosto e fica cada vez mais interessado na doutrina do Santo Daime. Ainda nesta viagem, seu Manoel conhece o feitor responsável pelo feitio em questão, Nilton Caparelli, dirigente da igreja Jardim Praia da Beira Mar no Rio de Janeiro RJ, feitor oficial do Padrinho Alfredo e secretário internacional do ICEFLU, ou seja, a pessoa responsável pelo abastecimento das igrejas do Santo Daime na Europa. Aliás, era com essa finalidade que esse feitio estava sendo realizado: o Céu de Belém, através do senhor Nilton Caparelli, era o centro produtor e distribuidor do daime que abastecia as igrejas da Europa. Ainda nesta ocasião, Chester convida Seu Manoel e Seu Vaídes para uma viagem ao Céu do Mapiá a se realizar em junho do mesmo ano, onde aconteceria o XI Encontro Internacional das igrejas.

Seu Manoel, mesmo sem ser o responsável legal pelo CTS, fica na responsabilidade de trazer a bebida e volta pra Teresina trazendo 80 litros de daime. Essa foi a maior quantidade de daime trazida até então para Teresina.

O ano de 2007 é o ano de nascimento das primeiras crianças daimistas teresinenses: em março nasce o primeiro casal de gêmeos do CTS: Miguel e Samuel, filhos de Claudio e Fernanda; no mês de maio, nasce Namíbia, filha do artista plástico Abraão com a jovem Osmarina - que não frequenta o daime, mas a criança, anos depois, passa a ser moradora, juntamente com o pai, da comunidade daimista; em junho nasce João Yago (que viria a ser a primeira criança a fardar-se no CTS), gêmeo de João Yuri (natimorto), segundo casal de gêmeos do CTS e filhos dos jovens João Lúcio Maciel e Joana Pires (também pais de Joana Clara que nasceu em do corrente ano); e, ainda em setembro de 2007, nasce Manoel Neto, filho do primogênito de seu Manoel, Leonardo com a estudante Bárbara Talita.

Considero, para a presente pesquisa, as primeiras crianças nascidas no contexto daimista em Teresina.

No dia 14 de abril de 2007 é convocada assembleia geral para escolha da nova diretoria do CTS. A chapa, que foi eleita por aclamação, teve Manoel Barros de Oliveira Filho como presidente, Francisco Gustavo Teixeira como vice-presidente, Wilson Fernando tesoureiro, eu como secretária de comunicação e como secretário geral, Paulino Brandin. Como Claudio Montenegro que era então o presidente e dirigente não compunha a referida chapa, seu Manoel decide convidá-lo a permanecer na direção dos trabalhos. No dia seguinte, 15 de abril, antes do início do trabalho de concentração, por motivos desconhecidos, Claudio não aceita o convite, que é então, extenso a Wilson Fernando, que a partir daquela data, assume a direção dos trabalhos, tornando-se o novo dirigente do Céu de Todos os Santos. Claudio e a companheira Fernanda Sá afastam-se por tempo indeterminado das atividades da igreja.

Logo em seguida, ainda em abril de 2007, seu Manoel, já presidente do CTS, juntamente com a filha Monalisa, a convite de Chester, viaja para Manaus (AM) para conhecer a igreja a qual ele preside e participar de um feitio, do qual trouxera 60 litros de daime. Em maio do mesmo ano, seu Manoel vai acompanhado da esposa, D. Conceição a outro feitio, desta vez em Palmas (TO), na igreja de seu Vaídes Borges. Como havia um grande interesse em garantir alguns litros da bebida, seu Manoel envia um sobrinho de D. Conceição que já frequentava o santo daime em Teresina para ajudar nos trabalhos que antecedem um feitio: colheita das folhas, limpeza da casinha de feitio, etc. Desta vez voltam pra Teresina com 120 litros da bebida e mais 230 mudas de folha chacrona na bagagem. Iniciava-se assim o reinado⁴⁵ do Céu de Todos os Santos.

Paralelamente a tudo isso, ocorre o encontro do Santo Daime com a Umbanda em Teresina. Uma fardada do CTS, Ticiano Rego, que é irmã do dirigente Wilson Fernando Rego, começa a namorar um rapaz que é umbandista. A daimista, então, passa então a frequentar o terreiro do qual seu namorado faz parte. Nessa

⁴⁵ A folha chacrona é também conhecida como rainha, e o seu local de plantio é chamado de reinado na cultura daimista.

troca de experiências e informações a mãe-de-santo do referido terreiro se interessa e chega a participar de alguns trabalhos do Santo Daime no Céu de Todos os Santos juntamente com alguns de seus filhos-de-santo. Além disso, alguns outros fardados do CTS, entre eles, Wilson Fernando, se interessam pela umbanda e os dois grupos passam a fazer um estudo, daimistas iam aos trabalhos no terreiro de umbanda e umbandistas vinham aos trabalhos do CTS. Foram realizados alguns trabalhos do Santo Daime no terreiro sob a direção de Wilson Fernando e com a participação do grupo do CTS que estava em estudo na umbanda. Eram cerca de 20 pessoas. Esses estudos não eram muito bem vistos entre o restante da irmandade, já que os daimistas que lá estavam começaram a faltar aos estudos do Santo Daime. O horário de reunião do grupo de estudo umbandista chocava com o horário dos ensaios na igreja. Chegaram a mudar o horário dos ensaios com apoio do presidente, seu Manoel em função do grupo de estudo da umbanda. Isso foi causando certo mal-estar entre os outros daimistas que não faziam parte do grupo e surgiram muitos comentários sobre o tal terreiro, de que lá não seria um bom lugar e que essa influência seria ruim para o CTS. Seu Manoel resolve conferir o tal terreiro de umbanda. Não encontra nada que justificasse os boatos.

À época também estavam acontecendo muitos roubos na igreja, já que não havia moradores ou alguém que pudesse fazer a vigília. De uma só vez foram roubadas 50 cadeiras e toda a fiação elétrica. Ao saber dos fatos, a tal mãe-de-santo explica que deveria ser feito um trabalho, uma oferenda ao Exú Tranca- Rua para garantir a segurança do lugar. Wilson procura seu Manoel e diz exatamente o que a mãe-de-santo lhe dissera. Seu Manoel ouve tudo atentamente, e avisa que haveria pessoas que não iriam gostar, no entanto concorda e autoriza que façam o trabalho oferecendo seu terreno para o tal despacho. O trabalho é feito em segredo e seu Manoel não comunica a ninguém, apenas D. Conceição, sua esposa tomou conhecimento do fato por achar que não seria necessário e que ninguém encontraria o tal despacho.

Seu Manoel, logo após o trabalho de São João, realizado no dia 23 de junho de 2007 viaja para Manaus (AM), para encontrar-se com seu Vaídes e Chester e juntos, os três vão à Rio Branco (AC), lá, mesmo que muito rapidamente, seu Manoel conhece o Alto Santo, igreja originária do Santo Daime, e saem rumo à Vila Céu do Mapiá (AM) para o XI Encontro Internacional das Igrejas. Seu Manoel

conhece a família Mota de Melo nas figuras da Madrinha Rita, a matriarca da doutrina, e seus filhos Valdete e Alfredo Gregório de Melo, mais conhecido como Padrinho Alfredo, atual presidente do ICEFLU. A partir de então o CTS integra o conjunto de igrejas ligadas ao ICEFLU mesmo que ainda não filiada oficialmente. A amizade entre seu Manoel e seu Vaídes se solidifica.

Em Teresina, fervilham confusões e desentendimentos. Um grupo de pessoas que não concordavam com esse laço entre o CTS e o terreiro de Umbanda, encontra o despacho feito ao Seu Tranca-Rua: velas pretas, caveiras e outros símbolos ligados à magia negra. O despacho é destruído e o episódio causa grande agitação, provocando, inclusive a saída de alguns membros do CTS.

Começara uma fase de muita desarmonia na irmandade. Havendo inclusive a vontade expressa de separação por parte do grupo que estava realizando o estudo no terreiro de umbanda, liderados por Wilson Fernando, chegando mesmo a haver reunião para divisão do sacramento que a igreja tinha em estoque. Foi um período muito difícil e de grandes provações.

Seu Manoel convoca nova reunião e consegue contornar a situação, evitando que o grupo se divida, mas a relação entre seu Manoel e Wilson já não era mais a mesma. O companheirismo de antes cedeu lugar a distanciamento e frieza em determinadas ocasiões em que os diálogos estabelecidos pareciam evidenciar competição e hostilidade. Parece que administrar espaços religiosos apresenta-se como tarefa difícil mesmo quando o objetivo maior do espaço religioso é harmonizar, unir os adeptos que se cumprimentam como parte de uma mesma irmandade.

Monalisa, filha caçula de seu Manoel, em viagem ao Céu do Cerrado (TO) para participar dos festejos juninos do ano de 2007, reencontra o técnico em edificações, Tércio de Oliveira, que já conhecera em viagem à Belém (PA) no início do ano, e pelo qual se apaixona iniciando um romance que termina em casamento, passando a residir em Palmas. Seu Manoel, que é um pai muito zeloso passa a frequentar com bastante assiduidade a cidade de Palmas para visitar e acompanhar sua filha que deixara grávida de seu segundo neto. Essas idas e vindas a Palmas faz com que seu Manoel e seu Vaídes criem um laço de amizade bastante firme,

assim como a linha espiritual à qual estão filiados, a “linha do tucum⁴⁶”, ou a “linha da lealdade”.

Em março de 2008 seu Manoel e mais 10 pessoas vão a São Luiz (MA) levar o cipó e as folhas doadas por seu Vaídes Borges para a realização de um feitiço e inauguração da fornalha na igreja Estrela Brilhante, comandada por seu Daniel Serra, na ocasião firmam um feitiço em conjunto Estrela Brilhante e Céu de Todos os Santos.

Os nascimentos do ano de 2008 são: João Lúcio, segundo neto de seu Manoel, filho de Monalisa e Tércio, no mês de abril; em junho, nasce Gael Ganesha, filho de Helton Lopes e Dandara Maciel que é irmã de João Lúcio Maciel, portanto, Gael Ganesha é primo de João Yago, como também veio a ser nosso principal sujeito, ou como cunhou Malinowski (1984), nosso informante qualificado; e Luiza, filha de Ticiania Rêgo e Sergisnando em outubro do corrente ano.

Ainda no ano de 2008, no mês de outubro, Chester volta à Teresina acompanhado da família Granjeiro, antigos seguidores do Mestre Irineu e aos 14 dias do mês de outubro de 2008 realiza-se o primeiro trabalho de mata do Céu de Todos os Santos. Na ocasião, outra medicina da floresta, muito difundida entre o meio daimista, o rapé⁴⁷ chega à cidade trazido por pessoas que acompanhavam Chester nesta viagem.

Em novembro de 2008 Tércio e Monalisa passam a residir em Teresina. Wilson entrega a direção dos trabalhos e quem assume os trabalhos no CTS a partir de dezembro de 2008 é o genro de seu Manoel, Tércio de Oliveira.

No mês de março do ano de 2009, vindo de São Luiz (MA) o patrono do CTS, Chester Gontijo chega a Teresina para o pontapé inicial da construção da fornalha, batizada de “Fornalha Instrução”. Fornalha construída cria-se uma expectativa para fazer um feitiço e em julho do mesmo ano, com folhas vindas de Palmas, através da

⁴⁶ Tucum é uma palmeira da qual se extrai uma linha muito firme e muito resistente, com a qual se faz cordas, redes de pesca e artesanatos em geral. É também um ser encantado da doutrina do Santo Daime, segundo Mestre Irineu em seu hinário, a linha do tucum é a linha da verdade, a linha que “traz toda lealdade”.

⁴⁷ Uma espécie de pó feito com tabaco torrado e outras plantas medicinais como imburana, paricá (sementes de angico branco), entre outras que deve ser inalado. A aplicação é feita com um sopro nas narinas do sujeito através de um tubo oco feito de bambu onde se coloca dentro a quantidade de rapé a ser soprada.

pessoa de seu Vaídes Borges e jagube vindo do Pará, tendo seu Vaídes como feitor, realiza-se o primeiro feitio do Santo Daime em Teresina.



Construção da fornalha "Instrução" (março/2009)





I Feitio do Céu de Todos os Santos (julho/2009)

O Céu de Todos os Santos desde o início é uma igreja autônoma, sem nenhum vínculo com nenhuma outra instituição daimista, porém, apropria-se dos trabalhos firmados na linha da Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU)⁴⁸, linha essa fundada pelo Padrinho Sebastião. Apenas em julho de 2009, associa-se ao ICEFLU, pois segundo a resolução de 2004 do CONAD – Comissão Nacional Anti-Drogas que regulamenta o uso religioso da bebida, os centros devem estar institucionalmente ligados a alguma das egrégoras que comungam da bebida: ICEFLU, CICLU⁴⁹, UDV⁵⁰ ou Barquinha.

Em setembro do mesmo ano o segundo feitio de Santo Daime em Teresina se realiza com seu Nilton Caparelli como feitor, numa parceria entre o CTS e o Jardim Praia da Beira Mar (RJ) com despesas e produção divididas meio a meio. As folhas vindas de Palmas e o jagube de Belém. O daime que o senhor Caparelli produziu destinou-se ao abastecimento das igrejas da Europa, já que este é o secretário internacional do ICEFLU e responsável pelo abastecimento das igrejas europeias. Desde então foi firmada essa parceria e o daime que antes era produzido em Belém (PA) para abastecer as igrejas da Europa passa a ser produzido aqui.

⁴⁸ Entidade fundada pelo Padrinho Sebastião.

⁴⁹ Centro de Iluminação Cristã Luz Universal ou Alto Santo - linha original da doutrina do Santo Daime fundada por Raimundo Irineu Serra

⁵⁰ União do Vegetal – linha Ayahuasqueira fundada por Mestre Gabriel

Em novembro de 2009, Tércio e Monalisa voltam a morar em Palmas e a partir de então, seu Manoel resolve assumir a direção dos trabalhos. A igreja Céu de Todos os Santos passou por transformações, haja vista, a direção dos trabalhos, dentre eles, os de cunho espiritual que a partir desta data ficam sob encargo do seu Manoel.

Ainda no ano de 2009 nascem os bebês: Luana, filha de Helton Lopes com Laíssa Maia, portanto, irmã de Gael Ganesha, no mês de abril; no mês de outubro nasce Arthur, filho de Amanda Torres; e em novembro nasce Rafael, filho de Paulino Brandim com Lorena Sandes. Nesse mesmo ano realiza-se o primeiro trabalho de crianças em comemoração ao aniversário do 1º aninho de João Lúcio Barros de Oliveira no mês de abril, e, no mês de outubro, também por ocasião do aniversário do 1º aninho de Luiza Rêgo.

Em setembro de 2011 o CTS recebe a comitiva do Padrinho Alfredo, atual líder espiritual do ICEFLU num evento que marcou a irmandade e que contou com a participação de fardados de várias partes do Brasil: Belém (PA), São Luis (MA), Juazeiro (BA), Itabuna (BA), Rio de Janeiro (RJ). Realizou-se um feitiço, além de um bailado com a presença do Padrinho e sua comitiva formada por quatro de seus filhos: Soloína, Guaraciara, Alvino e Abraão Melo; dois primos: Rutilene e Roberval Melo (uma puxadora e um violeiro) e o secretário geral do ICEFLU, Fernando Nobre. Na ocasião, Padrinho Alfredo graduou a igreja e tornou-a a regional Nordeste, ou seja, o centro de produção e distribuição do Santo Daime na região.

Por ocasião da visita do Pd. Alfredo é celebrado a primeira cerimônia de batismo de crianças no CTS (antes, na passagem de Chester em 2005, realizou-se um batismo, mas a pessoa batizada já era adulta) e as crianças batizadas são: Luana Maia, filha de Helton e Laíssa e Rafael Brandin, filho de Paulino Brandin e Lorena Sandes.



I batizado de crianças realizado no CTS (setembro/2011)

Em março de 2013 dirijo pela primeira vez um trabalho de mulheres. Realizado no dia 08 de março por ocasião do Dia da Mulher, o trabalho deveria ter sido dirigido por Dona Conceição Soares, esposa de seu Manoel e “madrinha” local, no entanto, a família de seu Manoel tinha outros planos em relação à igreja: seu Manoel convoca assembleia geral extraordinária no dia 11 de março para anunciar sua renúncia como presidente e seu afastamento dos trabalhos realizados no CTS. Foi o momento de maior instabilidade e balanço (categoria êmica que significa dificuldade, provação). Ao tempo que renuncia, seu Manoel sugere o nome do bancário Francisco Gustavo para sucedê-lo.

Na semana seguinte, em mais uma assembleia extraordinária, é eleita por aclamação a nova diretoria da igreja composta pelo bancário Francisco Gustavo como presidente; o historiador Paulino Brandim como vice-presidente; a jornalista Adriana Veras secretária de articulação; a advogada Juliana Góis tesoureira e o psicólogo Anderson Monteiro como secretário geral, que, pouco tempo depois declina do cargo, que termina sendo desempenhado por mim.

Os nascimentos do ano de 2013 são: Diego Salomão, filho do advogado Diêgo Lúcio e da consultora Ranyelle Beatriz, no mês de março; a menina Khrisna Tarumim, filha da estudante Ana Patrícia com o artesão francês Yannick Chevallet, que nasce em maio; no mês de setembro é a vez de Matheus, segundo filho do casal Monalisa e Tércio; seguidos por Sebastião, filho da advogada Mariana Moura com o músico Rafael Tomaz; e Adonias Neto, filho do odontólogo Adonias Filho e da estudante Gabriela Moura, que nascem em outubro de 2013.

No ano de 2014 nascem as crianças Ágape Gabriel, segundo filho do técnico administrativo Thiago Teixeira e da professora Vera em janeiro; no mês de fevereiro nasce Rhara Luz, filha da educadora física Ana Carolina Oliveira e do assistente administrativo Gibhram Cavalcante; a menina Anna Isabel filha do publicitário Wilson Rego com a psicóloga Anne Rufino em maio; e, para encerrar o ano, o segundo filho do casal Helton Lima e Laíssa Maia, João Ulisses (irmão de Luana Maia) no mês de dezembro.

De acordo com o estatuto da entidade, o CTS deve eleger nova diretoria a cada 02 anos, por isso em maio deste ano (2015), em assembleia extraordinária e por aclamação foram eleitos o estudante Bruno Lima Lopes (presidente), o publicitário Wilson Rego (vice-presidente); a advogada Juliana Góis (tesoureira); a turismóloga Manuella Andressa Borges (secretária de articulação) e a terapeuta Camila Costa (secretária geral).

O ano mais fértil em nascimentos do meu campo empírico foi o ano de 2015 com um total de 06 nascimentos: João Beijamim, filho da bancária Natalí Veras Pedrosa e do estudante João Nery; e a menina Sofia, filha do advogado Wesley Viana e da fisioterapeuta Ianna Lima, nascidos em janeiro; Joana Clara, nascida no mês de junho, filha do casal João Lúcio e Joana Pires, portanto irmã de João Yago; o primogênito da advogada Laila Uchôa com o estudante de direito Linhares Júnior, Jorge Miguel em julho; Mariah Jasmim, filha do assistente administrativo Antônio Vitor Macedo e Emanuelle Fonseca em agosto; e aguardando a hora, esperada para meados do mês de outubro, virá Maria Flor, filha de Wellington e Erice Napoleão.

O loteamento que antes era da família do senhor Manoel, hoje é um esboço de uma comunidade daimista. Cerca de 20 fardados já possuem seus lotes, e oito famílias já fixaram residência na tímida comunidade daimista teresinense.

O grupo de jovens que se reunia curiosamente em torno do chá indígena que provocava visões e viagens astrais, conhecendo esta verdade foi buscá-la, e neste reino de esferas invisíveis em busca de conhecimento, aprimoramento e evolução espiritual resultou numa igreja de grande expansão, que conta hoje com cerca de 70 filiados com idades entre 20 e 30 anos (68,75%), com renda familiar mensal média de R\$ 4.000,00 (50%); dos quais 56,25% têm curso superior completo e profissões diversas como jornalistas, advogados, psicólogos e artesãos.

O Céu de Todos os Santos conta hoje cerca de 20 famílias com mais de 30 crianças entre as crianças nascidas e incorporadas ao contexto daimista em Teresina e 1 gestante. Uma média de 3 crianças nascidas por ano, com curiosamente 3 casos de gravidez de gêmeos numa comunidade tão pequena⁵¹!

⁵¹ Para os adeptos do Santo Daime a bebida sacramental tem íntima relação com a fertilidade.

4 “Eu sou pequenininho mas trago meus ensinós”: a visão de mundo das crianças daimistas

“As crianças não têm ideias religiosas, mas têm experiências místicas. Experiência mística não é ver seres de um outro mundo. É ver este mundo iluminado pela beleza.” Rubem Alves

Conforme Conh (2005) as crianças não são receptoras passivas dos valores e atributos sociais; elas possuem capacidades cognitivas, apenas qualitativamente diferentes da dos adultos. Conh (2005) nos permite perceber a criança como portadora de um conjunto diferente de conhecimento e saberes e que ela mesma elabora seus próprios sentidos e significados, mas não a reconhece como autônoma em relação aos adultos, ao mesmo tempo em que nos chama a atenção para a não cisão entre o mundo dos adultos e das crianças, como se fossem mundos diversos.

De acordo com a proposta inicial de buscar compreender o aprendizado da religião Santo Daime pelas crianças participantes do espaço “Céu de Todos os Santos” a partir do ponto de vista das próprias crianças, considerando-as agentes, e numa análise que leva em conta a interação adulto/criança e a não cisão do mundo infantil com o mundo adulto, neste capítulo apresentaremos a análise de encontros, conversas, vivências, desenhos e entrevistas (histórias de vida) com adultos e crianças participantes do CTS, com o propósito de apresentar sua visão de mundo, seu ethos, sua relação homem-natureza-cultura, corpo-mente-espírito e, como as crianças, em especial, significam e ressignificam sua cultura religiosa.

4.1 Gestaõ, parto e rituais de nascimento: a ingestão da ayahuasca por grávidas e recém-nascidos

Conforme crença nativa, a criança daimista já o é desde o ventre materno, pois que a mãe, durante toda gestação, ingere a bebida sagrada e acredita que há um compartilhamento da substância com o feto, e, que este, ainda no ventre, já sente os efeitos da bebida e já está trabalhando sua espiritualidade. Encontramos semelhança com o conceito de *abixé*, trabalhado por Falcão (2010) em sua dissertação “Ele já nasceu feito: o lugar da criança no Candomblé” que trata da posição de autoridade ritual da criança no Candomblé. *Abixé* é o filho que está no

ventre da mãe quando essa é iniciada na religião, isto significa que, no Candomblé, a criança, recebe no ventre materno todos os sacrifícios e obrigações que a mãe recebeu, portanto o *abixé* já nasce feito, não precisa de iniciação. No Santo Daime, o adepto deve passar pelo ritual de fardamento para ser considerado um daimista; as crianças, se geradas dentro deste contexto religioso, se ingerem a bebida desde o ventre materno, já são consideradas daimistas, embora em algum momento de suas vidas devam fardar-se (falaremos mais detalhadamente no decorrer do capítulo sobre o fardamento das crianças).

Além disso, o uso da bebida sagrada ayahuasca, durante o trabalho de parto, nesta comunidade daimista é muito difundido e utilizado como um importante veículo auxiliar para o mesmo. Este subitem versará sobre os cuidados, práticas e crenças daimistas a respeito da gestação, parto e nascimento. Três são os conceitos explorados à luz da antropologia aqui: gestação, partos e rituais.

Tema clássico da disciplina antropológica, o ritual foi discutido por diversos autores: Durkheim (1996) o definiu como uma das partes elementares (ritos, mitos, dogmas e cerimônias) formadoras de um todo mais complexo, a religião. Para o autor os ritos se diferenciam das crenças (mitos), estas eram da ordem do pensamento (representações), enquanto que os ritos eram da ordem da prática, da ação (movimento), que segundo PEIRANO (2002) “marcariam uma antinomia inerente à condição humana entre duas sujeições inelutáveis: a do viver e a do pensar”.

Mauss (2003) também aborda os ritos como sendo da ordem prática, atos que devem contemplar três características fundamentais: tradição, repetição e eficácia, ou seja, devem ser transmissíveis, fixados através da repetição e da tradição e devem, também, ter a legitimidade (crença) do grupo para serem eficazes: “são atos tradicionais de uma eficácia *sui generis*” (MAUSS, 2003, p. 57).

Ideia que Lévi-Strauss (1963) desenvolve e aprofunda no livro “Antropologia Estrutural”, conceituando como “eficácia simbólica”; o autor, utilizando um texto mágico religioso de uma cultura sul-americana que descreve um canto (encantamento) para ajudar um xamã a realizar um parto difícil, encantamento este que consiste na descrição do sofrimento da parturiente e no desdobramento de uma espécie de combate com as causas do sofrimento até a resolução do mesmo, percebe que a técnica realmente eficaz naquele processo de cura, o que de fato

tornou aquele encantamento curador, foi a “certeza” que a parturiente e toda a sua comunidade, a coletividade depositava nele. Lévi-Strauss (1963) o relaciona a uma “manipulação psicológica”, e constata: embora a técnica utilizada pelo xamã não faça parte da realidade concreta, a convicção de sua eficácia, ou seja, o fato de toda uma comunidade e seus membros acreditarem nela lhe conferem eficiência.

Para Van Gennep (2011), rituais são contextos sociais específicos que permitem uma análise das relações e posições entre os indivíduos e os grupos. Em seu “Os ritos de passagem”, Gennep (2011) os define como um período, uma fase, portanto transitório, de separação, de crise e também de transformação, de passagem de um estágio ou condição à outro de sociabilidade, demonstrando com isso o dinamismo do sistema social. Tanto Gennep (2011), quanto Durkheim (1978) e Mauss (2003) relacionaram os ritos à visão de mundo dos sujeitos praticantes.

Turner (2005) interpreta os ritos de passagem de Gennep (2011) sob duas perspectivas: os ritos seriam adaptações sociais com objetivo de dirimir os conflitos resultantes de mudanças obrigatórias dentro de um sistema social; os ritos de passagem simbolizam dramas e contradições sociais. Para o referido autor, a liminaridade seria um período de ambiguidades onde o indivíduo não é uma coisa e nem outra, é um não ser, um entre lugares, e no limite desconfortável, indesejável.

Tambiah (*apud* Rodrigues, 2014) conceitua ritual como um evento demarcado etnograficamente, ou seja, a partir da observância do etnógrafo de eventos que os nativos elegem como “especiais”, diferentes do cotidiano, mas que também tenham uma ordem que os estruture e que tenha uma perspectiva de realização coletiva.

O nascimento de uma criança é, em toda sociedade, um acontecimento rodeado por rituais e tabus e a gestação um período de adaptações físicas, emocionais, existenciais e sexuais para homens e mulheres.

Os rituais de nascimento são variados: há grupos indígenas em que a atenção ao pós-parto (resguardo) é dirigida tanto à mãe e ao bebê quanto ao pai; a atribuição do nome da criança é outro rito fundamental ligado ao nascimento; já o parto é um acontecimento de relevância na vida da mulher, uma vez que constitui momento único para o binômio mãe e filho. Por envolver aspectos psicológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais é um fenômeno bastante complexo.

Scopel (2014) em sua tese reconstrói o processo de nascimento entre os Munduruku a partir das práticas de autoatenção relativas à gestação, ao parto e ao pós-parto. Para os indígenas esse trinômio não era sinônimo de doença, no entanto,

suas práticas concernentes a ele, estavam relacionadas aos procedimentos relativos à saúde/doença, visto que combinava conhecimentos voltados ao bem estar da mãe, do pai, do feto e do recém-nascido.

Segundo Menéndez (2009, p. 48 apud Scopel, 2014, p. 45) autoatenção refere-se:

Representações e práticas que a população utiliza tanto individual quanto socialmente para diagnosticar, explicar, atender, controlar, aliviar, suportar, curar, solucionar ou prevenir os processos que afetam sua saúde em termos reais ou imaginários, sem a intervenção central, direta e intencional de curadores profissionais, embora eles possam ser os referenciais dessa atividade.

Entre os Munduruku (SCOPEL 2014), a formação física da criança no interior do útero materno é um processo social e coletivo, marcados por experiências intersubjetivas entre a gestante e familiares como o “desejo” que se expressa no afinco com que a família se dedica para satisfazer os desejos alimentares da mãe: não “passar vontade” (ter o desejo atendido) e o tipo de alimento ingerido pela mãe incidirão diretamente na produção do corpo e do caráter da criança; e o “abalo de criança” que é um sintoma gestacional que afeta o pai, é quando, para os Munduruku, o filho está “puxando mais para o pai”, na maior parte das vezes, mas nem sempre, quando se descobre que o bebê é do sexo masculino, e se manifesta causando alguns desequilíbrios no pai como prostração, magreza, fraqueza e, no entanto, não é considerado pelos indígenas como doença. O “abalo de criança” refere-se também à relação de paternidade além da construção do corpo do feto.

Na cosmologia Munduruku o sangue humano tem cheiro forte e atraente para os botos, animais que são capazes de engravidar uma mulher. O sangue menstrual e do parto constituem perigo especial para as mulheres e crianças da aldeia, já que poderiam vir a ser um “filho de boto”. O cuidado no cumprimento do resguardo é uma prática de autoatenção que se refere às mulheres na gestação.

Outra prática de autoatenção dessa etnia é o que eles denominam de “pegar barriga” que é um saber das índias mais experientes em partejar e diz respeito à anatomia do feto e serve para identificar se é um filho de bicho ou uma criança, esta teria uma consistência sólida, enquanto que filho de bicho é mole, flácido. Também serve para verificar a posição fetal e, caso não esteja na posição correta, posicioná-lo no nascedouro.

Há, ainda, práticas de autoatenção que se referem diretamente ao parto como, por exemplo, mãe e pai não devem, no período gestacional, tecer ou fazer

crochê para que o bebê não nasça com o cordão umbilical enlaçado e dificulte o parto; suportar a dor das contrações sem reclamar e alardear é outro costume e um valor para essas indígenas que demonstra força e coragem e que auxilia a ter um parto mais rápido; o parto é um acontecimento familiar, que envolve as mulheres mais experientes da família e os maridos que também participam ativamente, seja ao saírem para buscar as parteiras, levar água e/ou segurar a gestante na hora do nascimento. As posições são variadas: de joelhos, sentadas no chão ou “sentadas” em um banquinho usado especialmente para o parto e com o auxílio de alguém as apoiando pelas costas que era a posição preferida das mulheres Munduruku.

Codinho (2007) em sua dissertação sobre as crianças indígenas Galibi–Marworno localizados no norte do Amapá (RO) no capítulo que trata sobre as ideologias e práticas voltadas à infância, a autora explora as concepções adultas sobre gestação, parto e infância a partir da noção de pessoa e infância para esta população. Para esta etnia a criança é formada pela mistura do sangue da mãe com o do pai, que, complementado pelos alimentos que a mãe ingerir, formará o corpo da criança. Outra explicação dada é de que o sangue menstrual que fica retido na gravidez, também é responsável pela formação do corpo infantil no útero materno.

Diferentemente de outras populações ameríndias que acreditam haver necessidade de manter várias relações sexuais durante a gestação para a formação do corpo da criança, para os Galibi–Marworno é necessário apenas uma única relação para iniciar o processo que será complementado pela alimentação da gestante, o que leva a admitir que a criança terá apenas um pai biológico. No entanto, uma marca em seu corpo pode denunciar se a mulher teve relação com outro homem além de seu marido: se a criança nascer com “dois redemoinhos de cabelo” o que abre a possibilidade para a participação de outro pai na concepção da criança.

Para esses indígenas todos os humanos possuem alma (*nam*), mas as opiniões divergem quanto ao momento em que essa alma habita o corpo: para a maioria a criança só passa a ter alma quando nasce; os pajés, sopradores e parteiras mais antigas creem que já a partir do quarto mês de gestação, quando se forma o olho do bebê, orifício por onde a alma entra, espírito e corpo crescem juntos a partir de então; para essa etnia o espírito nessa fase da vida é “mais forte do que o dos adultos, pois é completamente puro”. Por serem puros, quando morre uma

criança, o corpo é enterrado próximo à casa dos pais, diferentemente dos adultos, pois já que a alma é pura não provocará nenhum mal aos vivos.

Segundo Codonho (2007), as gestações são acompanhadas por parteiras (oficializadas, remuneradas mensalmente por um programa do governo estadual) que mês a mês visitam a mulher e através de massagens vão encaixando o bebê e o sentindo através desse toque. Esse período é cercado por alguns tabus alimentares. A partir da confirmação da gravidez, que se dá no segundo mês (“segunda lua”) sem menstruar a mulher deve evitar uma série de alimentos, que em alguns casos também são proibidos aos pais e que dificultam o nascimento ou formação do corpo do bebê. A autora observa que a ingestão de certos alimentos como o jaboti, por exemplo, que causaria preguiça de nascer na criança já aponta para a crença, por esta população, de uma agência infantil antes mesmo do nascimento.

Codonho (2007) afirma que o nascimento é domiciliar com a presença das parteiras e suas ajudantes que servem chá de pimenta do reino para que mãe e bebê possam ter um parto e nascimento rápido; é servido também mingau de mandioca para dar força à mãe para parir. No caso de parto demorado é feita uma espécie de reza conhecida como “potás” ou “sopros”, proferidas por especialistas, os sopradores, para facilitar e acelerar o parto.

As crianças têm o cordão umbilical cortado logo ao nascer e o horário de seu nascimento determina alguns cuidados com a higiene corporal dos recém-nascidos: se de dia o bebê é banhado com água morna, sabão, anani (uma casca de árvore) e raspas de caju, também usado como antisséptico na cicatrização do umbigo; se nascer no período noturno, será limpa apenas com um pano úmido e só tomará banho três dias após o nascimento. Acredita-se que a placenta deve ser enterrada para que nenhum animal a coma e para evitar que a mulher engravide nos próximos 12 meses, período que se acredita necessário para a recuperação do útero (CODONHO, 2007).

De acordo com Codonho (2007), logo após o parto a mulher ingere novamente chá de pimenta do reino para curar o útero e deve fazer um banho de assento com anani por um período de quatro dias; período esse que a parida continua a ser assistida pela parteira e suas massagens para o reestabelecimento do útero. Já ao nascer a criança recebe adornos corporais como as pulseiras de dentes de macaco (para protegê-las de qualquer mal) como as de miçangas, que

além de enfeite serve para acompanhamento do crescimento já que são afrouxadas ou apertadas nos braços das crianças. O pós-parto dá-se tanto para as mães como para os pais. Através da couvade, crença indígena de que através de substâncias corporais compartilhadas os corpos dos filhos ligam-se aos dos pais ao tempo em que são extensões deste, os pais devem evitar a caça e trabalhos pesados para não adoecer a criança.

Na comunidade daimista “Céu de Todos os Santos” o período gestacional é um momento de liminaridade tanto para mães, quanto para os bebês/fetos. A relação corpo-mente-espírito entre mãe e filho é fortemente representada pela ingestão da bebida sagrada ayahuasca. Para as mães é importante que seus filhos sejam gerados dentro dos ensinamentos da religião, e que este se inicie já no ventre materno.

O nascimento de uma criança daimista tem se tornado nos últimos anos um importante ritual social e espiritual. A criança daimista é esperada com alegria e ansiedade por toda a irmandade, que, juntamente com a família, se envolve em cooperação mútua para a realização do que conhecemos hoje na nossa sociedade como chá baby – ritual que antecede o nascimento de uma criança onde a família oferece comidas, sucos, docinhos e os convidados levam presentes para o bebê que vai chegar -, numa versão mais recente, faz-se o chá de fraldas, caso em que os convidados devem levar apenas fraldas de variados tamanhos, já que se tornou uma das maiores despesas dos pais de recém-nascidos. No CTS tive a oportunidade de participar e cooperar no dia 21 de junho do corrente ano, com o chá de bênçãos do menino Jorge Miguel, primogênito do casal Linhares Júnior e Laila Uchôa, que nasceu em 29 de julho de 2015. O chá foi realizado no salão da igreja, numa tarde de domingo, com a participação de toda a irmandade daimista do CTS. Na ocasião, os convidados além das fraldas, deveriam também ofertar aos pais e ao bebê vindouro, algo para além do “material”: orações, mensagens positivas, músicas, poesias e até um escalda-pés⁵² foi oferecido por uma das convidadas para a mãe do bebê e os demais convidados. A madrinha da criança distribuiu a cada convidado do chá de bênçãos mini velas coloridas para acenderem em suas casas no momento em que a mãe estivesse dando à luz! Essas mensagens, orações, poesias

⁵² A convidada que ofereceu o escalda-pés preparou uma água de cheiro com água morna, ervas aromáticas que ajudam no relaxamento e diante de uma cadeira, onde os convidados sentavam, “lavava” os pés de cada um, promovendo uma gostosa e relaxante massagem.

foram colocadas dentro de uma caixinha que seria levada para a maternidade no momento do nascimento da criança para trazer boa sorte.

Outro dado importante que nos foi apresentado é que além do uso da bebida sagrada durante o trabalho de parto, esta se configura também como uma prática de cuidado com o bebê recém-nascido, como forma de primeiro alimento, ou como uma espécie de “imunização”, de uma “vacina”: logo após o nascimento, são ministradas, pelo pai da criança, com um conta-gotas, três gotas da bebida sagrada ayahuasca ao bebê, como é possível verificar no plano de parto⁵³ nos foi cedido pelos pais do bebê Jorge Miguel. Outra observação que se faz é em relação ao cordão umbilical: é solicitado pela família que este seja cortado pelo pai apenas quando para de pulsar.



Chá de bênçãos do menino Jorge Miguel (junho/2015).

⁵³ Em anexo.

As mulheres desta comunidade, em geral, utilizam a bebida sacramental durante todo o trabalho de parto como um veículo condutor de força e conforto e o parto humanizado, preferencialmente, o parto natural, é o ideal de nascimento buscado pelas famílias do CTS.

O parto é um acontecimento cercado de grandes sentimentos e emoções, e a utilização da bebida é de grande significação como nos mostra Monalisa Soares (técnica de enfermagem, 25a), moradora do CTS; fardada desde 2005 e mãe de João Lúcio (6a) e Matheus (1a e 3m) em entrevista realizada em 15 de dezembro de 2014 em sua residência, entrevista, esta, que, foi, também uma conversa descontraída onde juntas relembramos vários momentos importantes da história da igreja e de sua própria história de vida, e que nos permitiu perceber como é significativo para os adeptos que suas famílias, em especial seus filhos, mesmo que ainda no ventre materno consagram a bebida, bem como para eles, a interação e o aprendizado da religião pelas crianças acontece já na fase gestacional através da ingestão da ayahuasca. Ao nos descrever o parto de seu primeiro filho, João Lúcio:

O João nasceu só com um rim, eu vim para Teresina para ter ele e acabei tendo com um médico que eu não conhecia, que eu não tinha tido contato, e acabei tendo muito medo mesmo por falta de preparo, de conhecimento. Era muito nova, tinha 19 anos, tive complicações e acabei não tendo condições de ter um parto normal. Eu entrei em trabalho de parto por volta de 4h da manhã, veio o primeiro sinal de sangue e eu já percebi que eu tinha entrado em trabalho de parto. Eu não estava sentindo dor, só umas cólicas. Esperei o dia amanhecer, tomei um daime 3x1, que era do seu Roberto Corrente, fiz uma oração, um Pai Nosso, Ave Maria e tomei um tanto assim [fez sinal indicando a quantidade da dose], mais um pouco da segunda risca daquele copinho que a gente toma, né? Eu tomei. Tomei e já fui logo pra maternidade com a minha mãe e com ele [esposo], quando chegou lá na maternidade ele não pôde entrar. Não deixaram ele entrar e eu acabei entrando só. Quando eu cheguei na maternidade foi que a força do daime bateu! Sabe aquela pegação... e nisso eu já estava me vendo de dor! Só que enquanto eu estava no efeito do Daime estava bom, sabe? Apesar de eu estar sentindo as dores, mas eu estava me sentindo protegida. Uma sensação de proteção, eu não estava sentindo medo. Acabei entrando só, não pôde entrar ninguém comigo. Tércio [esposo] tentou, brigou com o povo lá, só que não podia porque a maternidade não tinha estrutura para receber, as mulheres ficavam todas juntas numa sala, e não podia entrar gente porque tirava a privacidade das outras. E eu acabei entrando só. E enquanto estava no efeito do daime eu ainda estava conseguindo. Só que por volta... assim... quando dei entrada lá foi por volta de umas 7, 8 horas da manhã, quando foi umas 10, 11h o efeito do Daime começou a passar e foi quando o negócio começou a pegar mesmo e começou a bater um desespero, um medo... eu vi assim umas 15 mulheres, todas se passando de dor, desesperadas... eu comecei a ficar com medo daquilo, achei que eu ia morrer. A minha sorte foi a Xênia, minha cunhada, que é técnica em enfermagem e quando ela chegou a deixaram entrar para me acompanhar. Só que o Daime não podia entrar com ela, né? Não permitiram o daime entrar.

A respeito da administração do Santo Daime ao bebê, Monalisa nos deixa perceber a crença de que há um compartilhamento da substância entre mãe e bebê, através do aleitamento:

Recém-nascido eu já dava umas gotinhas quando eu ia aos trabalhos, né? Mas ele tomava mais era mamando, por que passa todo pro leite quando a mãe toma, né? Quando ele nasceu, já dava de vez em quando, quando ia pra igreja com ele, dava uma gotinha, e ele mamava do meu peito também.

Ao indagar Monalisa se ela teve medo de tomar daime na gravidez:

Eu não tive medo de tomar daime na gravidez. Desde quando eu conheci o daime, desde o início, que já me veio essa coisa de que eu queria minha vida dentro do Santo Daime: minha família, meus filhos, que minha vida ia ser essa. Já comecei a imaginar isso, meu futuro, que eu queria casar com alguém que fosse do daime, que meus filhos nascessem dentro do Santo Daime. E aí quando eu engravidei eu queria era tomar Daime, né? Que meu filho se gerasse dentro do Daime. E a gente mora praticamente dentro da igreja, na chácara que é da igreja, eu participava de todos os trabalhos que tinha. De hinário a missa; concentração; trabalho de cura (risos) todo trabalho que tinha! Minha gestação, inteira, inteira, inteira eu tomei Daime! Durante a gestação do João só tomei daime nos trabalhos. Era só no trabalho. Durante o dia a dia eu não tomava, mas nos trabalhos eu tomava. Eu gostava, a sensação era boa, apesar do enjoo, do início da gravidez, por conta do gosto do daime. No início era meio difícil assim de conseguir segurar, quando tomava logo vinha aquela ânsia de vômito, mas depois foi mudando, quinto mês, sexto mês, eu tomava e não sentia mais aquela coisa, né? E quando eu tomava ele mexia muito dentro da minha barriga, sabe? Toda vez que eu tomava, quando eu ia bailar, parecia eu ele estava era bailando também. Mexia pra caramba na minha barriga, toda vez que eu tomava Daime, ele mexia muito, mexia muito mesmo.

Para Mauss (2003) “o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem” (MAUSS, 2003, 407). Para Le Breton “O homem não possui seu corpo, ele é seu corpo”. (LE BRETON, 2011, 375). É nele e através dele que se dá primeiramente as experiências da cultura. Ele significa e é significado de acordo com o mundo, as experiências vivenciadas, o capital simbólico compartilhado.

Tradicionalmente, existe uma maneira, imposta pela cultura, dos homens servirem-se de seus corpos, de expressarem seus sentimentos, que nada mais são do que técnicas corporais. Mauss compreende a técnica como “um *ato tradicional eficaz* [...] Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não há tradição” (MAUSS, 2003, 407). As técnicas se dividem e variam por sexos e por idades: como há uma sociedade de homens e uma sociedade de mulheres há instruções específicas para cada gênero e etapas da vida.

Mauss (2003) classifica as técnicas corporais de acordo com as idades do homem e o que lhes é ensinado em cada fase da vida: i) técnicas do nascimento e

da obstetrícia: relacionam-se às posições de parto (em pé, deitada sobre as costas, de quatro); as técnicas de parto referem-se tanto à parturiente, como aos auxiliares, para a retirada da criança; técnicas para a ligadura e secção do cordão; para os cuidados com a mãe e com a criança; ii) técnicas da infância referem-se à criação e alimentação da criança: está ligada à mãe e ao bebê (sucção, transporte; desmame; uso do berço; a criança após o desmame), deve ser ensinada a comer, beber, andar, exercitar a visão, a audição, ritmo, forma, movimento. A criança adotará determinadas maneiras e formas de comportar-se e apresentar-se corporalmente, que reiteradamente lhe são impostas; iii) técnicas da adolescência: período em que geralmente ocorre a separação por gênero – há uma educação diferenciada entre meninos e meninas; iv) por fim das técnicas da idade adulta: técnicas do sono; vigília – técnicas do repouso; técnicas da atividade, do movimento; técnicas de cuidados corporais; técnica do consumo; técnicas da reprodução; etc.

Na comunidade daimista “Céu de Todos os Santos” a utilização do sacramento ayahuasca é bastante difundida como uma importante técnica de parto, mas também como auxiliar nos processos de gravidez, como facilitador da fertilidade. De acordo com a advogada Juliana Góis, 33a, moradora do CTS em entrevista realizada em sua residência em 16 de maio de 2014, à época gestante de 04 meses:

Então eu sempre tomava daime fora do calendário, eu tomava daime em casa, com meu companheiro, fazia o terço e meu médico disse que eu teria que fazer tratamento para engravidar, até que não precisei fazer o tratamento, só tomando daime curiosamente eu engravidei e estou aqui grávida, eu tive um pequeno descolamento de placenta bem no começo da gravidez, mas hoje já estou bem, não tive mais sangramento e assim, nunca deixei de tomar daime.

O aprendizado da religião do Santo Daime pelas crianças, de acordo com os adeptos se dá a partir do período gestacional e é de grande relevância para as famílias que seus filhos comunguem não apenas da ingestão da bebida sacramental, mas também dos preceitos doutrinários que estão intimamente ligados à saúde e bem-estar. Ao indagar Monalisa porque ela ministra ayahuasca aos seus filhos, ela nos responde:

Por que eu dei? Pela minha experiência que eu tive com o daime desde o início. Sempre foram experiências boas, até hoje ele sempre me mostrou, me proporcionou coisas boas em minha vida, mudanças de comportamento, de sentir Deus dentro de mim. Quando eu tomava, sentia sempre muito perto de Deus. Então isso fez com que eu não temesse dar para os meus filhos, justamente pelo que eu sentia. Sentia só coisas boas, só me trazia coisa boa: alegria, bem estar, então eu imaginava que se comigo era assim,

imagine uma criança, um ser puro né? Para ele ia ser muito mais divino, muito mais... E sempre que eu dava ele ficava bem calminho. Dormia a noite quase toda, só acordava mesmo para mamar e eu achava importante até mesmo para ele já ir conhecendo, já sentir o gosto da bebida. De já ir educando, dele já ir conhecendo, né? Por que meu pensamento sempre era esse: meus filhos crescerem dentro do Santo Daime. Desde pequeno, já ir conhecendo, já ir aprendendo e ter certeza que fazer mal não ia fazer, com certeza só ia fazer bem a ele. No aniversário dele de um ano a gente fez um trabalho de criança e ele tomou daime também e sempre cresceu nesse meio, né?

O tema parto e nascimento na comunidade daimista em questão é um tema fértil e de relevada importância dado o número de gestantes e nascimentos ocorridos nos últimos 10 anos. Esta temática rendeu um fecundo debate na Universidade Federal e um dia de campo extraordinário!

4.1.1. I Roda de Conversas sobre Ciências, Tradições e Espiritualidades: Corpo e Parto

Como um dos exemplos daquilo que se tem discutido sobre gestações e rituais de nascimento aqui em Teresina, na tarde de 27 de novembro de 2014, sob a coordenação da minha orientadora Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante, o NUPEC – Núcleo de Pesquisa e Estudo sobre Crianças e Adolescentes promoveu o evento intitulado: I Roda de Conversas sobre Ciências, Tradições e Espiritualidades: Corpo e Parto - que discutiu sobre a humanização do parto, movimento que busca empoderar as mulheres no seu momento mais íntimo, pessoal e por que não dizer intrasferível (?) que é o momento de parir.

Humanizar no sentido literal é tornar humano; no que se refere ao ato de parir, humanizar foi, a partir do início do século XX, um termo utilizado inicialmente para justificar a técnica sobre o sofrimento. A medicina, com todo o seu aparato, livrava as mulheres da sua condição natural de fêmeas e as tornavam seres civilizados, modernos, evoluídos, evidenciando a clássica antinomia antropológica natureza x cultura (DINIZ, 2005), bem como também, evidencia “as relação de poder na tecnologia do parto” (MARTIN, 2006).

Nos séculos XVII e XVIII o corpo passa a ser visto como máquina e como tal, instrumentos mecânicos tornam-se úteis no momento do nascimento (fórceps), “Através da pelvimetria ‘base da ciência obstétrica’ a pélvis feminina é esquadrihada com base na física e na matemática, com o desenvolvimento dos pelvímetros, compassos, ângulos e cálculos” (DINIZ, 2005).

Segundo Martin (2006), nos manuais obstétricos ainda vigentes o útero é descrito como uma máquina e que a expressão “trabalho de parto” remete a um trabalho mecânico subdividido em estágios e subestágios marcados por índices de progressão, mais conhecidos por curva de Friedman, médico obstetra norte americano que produziu um gráfico do que viria a ser um trabalho de parto ideal; fator que contribuiu para um aumento da medicalização do parto, já que quando um parto não correspondia à tal curva, os manuais obstétricos tinham as soluções mais indicadas para a situação: do fórceps à cesariana.

O uso irracional de tecnologias no parto, que causam desnecessário sofrimento físico e emocional, nos levou ao atual paradoxo, que impede que muitos países reduzam a morbimortalidade materna e perinatal. A crítica a esse modelo de assistência constituiu-se no movimento que hoje conhecemos como humanização do parto e que propagou-se a partir de múltiplos pontos de vista (DINIZ, 2005).

Para Diniz (2005), humanizar o parto significa redefinir as relações humanas na assistência e uma melhor compreensão da condição e dos direitos humanos.

A qualidade de humano que se quer aqui revelar envolve os processos inerentes ao ser humano, os processos pertinentes ao ciclo vital e a gama de sentimentos e transformações que a acompanham. O processo de nascimento, as passagens para a vida adolescente e adulta, a vivência da gravidez, do parto, da maternidade, da dor, da morte e da separação são experiências que inevitavelmente acompanham a existência humana e por isso devem ser consideradas e respeitadas no desenrolar de um evento natural e completo como é o parto. (MORAES, 2015).

1ª RODA DE CONVERSAS
SOBRE CIÊNCIAS, TRADIÇÕES E ESPIRITUALIDADES:
CORPO E PARTO

COORDENAÇÃO:
 Profª Drª Francisca
 Verônica Cavalcante

DATA: 27/11/14
 LOCAL: Sala Camilo Filho
 HORÁRIO: 15h às 18h



PARTICIPANTES

MÉRCIA BRITO – Enfermeira e diretora da maternidade Wall Ferraz (CIAMCA)
 ALCINEYA MENDES – Gerente de Enfermagem da maternidade Wall Ferraz (CIAMCA)
 NAYRA CIBELE RODRIGUES - Cientista Social, Instrutora de Yoga e Doula
 (Maternidade Dona Evangelina Rosa e Maternidade Santa Fé)
 ANNE RUFINO – Psicóloga, Terapeuta Comunitária, Practitioner de Bach
 JAYNNA FELJÃO – Cientista Social e mestranda em Antropologia PpgAnt - UFPI

Apoio: PPGANT

REALIZAÇÃO

NUPEC



Mesa da I Roda de Conversas sobre Ciências, Tradições e Espiritualidades: corpo e parto (novembro/2014)

O evento contou com a participação de Mércia Brito, enfermeira e diretora da maternidade Wall Ferraz (CIAMCA)⁵⁴; Alcineya Mendes, gerente de enfermagem da referida maternidade; Nayra Cibele Rodrigues, cientista social, instrutora de Yoga para gestantes e doula nas maternidades Dona Evangelina Rosa (MDER)⁵⁵ e Santa Fé⁵⁶; Anne Rufino, psicóloga, terapeuta comunitária⁵⁷, Practitioner de Bah⁵⁸, e daimista da igreja Céu de Todos os Santos; e eu, que apresentei alguns resultados desta pesquisa, tais como o trabalho do Céu de Todos os Santos relativos aos

⁵⁴ Inaugurada em cinco de agosto de 1995 é uma maternidade mantida pela Prefeitura Municipal de Teresina, está localizada no bairro Dirceu Arcoverde, bairro periférico e populoso da cidade. O CIAMCA possui 42 leitos, sendo 24 leitos obstétricos, 7 de UTI neonatal e 3 leitos de berçário.

⁵⁵ Inaugurada em 15 de julho de 1976 foi a primeira maternidade pública de Teresina. Está localizada na região sul da cidade. A MDER conta com um total de 248 leitos obstétricos, 167 leitos neonatais. É a maior maternidade do estado responsável por 63% dos nascimentos ocorridos na cidade. Apresenta em média 1200 internações por mês das quais 900 são partos.

⁵⁶ Unidade ambulatorial materno infantil da rede privada, inaugurada em 1988, conta com serviços especializados como fertilização humana e realiza hoje, em média, 450 partos mensais.

⁵⁷ A terapeuta comunitária atua dentro de uma comunidade auxiliando no contexto de uma situação de crise junto às lideranças e os participantes, contribuindo para o reestabelecimento dos laços afetivos pessoais e coletivos, integrando os interesses comuns, que são os objetivos de um ambiente comunitário.

⁵⁸ Uma practitioner de Bach trabalha como educadora da filosofia dos Florais de Bach, seguindo os princípios pregados por Edward Bach do cura-te a ti mesmo por meio das essências florais que trabalham harmonizando aspectos da personalidade com a finalidade de curar um padrão negativo de comportamento no nível da alma.

cuidados e ensinamentos às crianças sobre a religião; a utilização de determinadas técnicas para a promoção de um parto seguro e saudável para a mãe e o bebê como, por exemplo, a ingestão da bebida sagrada, que configura-se como uma técnica de parto, pois, segundo as mães daimistas, ajuda a suportar a dor e dá força para parir de modo natural, além de ser também, uma técnica de nascimento, e, por vezes, considerado um primeiro alimento que previne doenças. A bebida sagrada é também utilizada pelos adeptos, mães e crianças no tratamento de enfermidades como dor de ouvido, cólicas, resfriados, e até mesmo ministrado em casos em que o bebê está muito agitado, chorando bastante, sem que a mãe saiba a causa, para acalmá-lo.

Inicialmente houve uma apresentação dos participantes da mesa e foi enfatizada a atuação profissional de cada um. Posteriormente os profissionais abordaram os cuidados com a gestação e as diversas técnicas utilizadas atualmente para a feitura do parto, essa estratégia de abordagem das temáticas da gestação e rituais de nascimento, incitou a participação não só da mesa, composta por profissionais das áreas de Psicologia, Enfermagem, Ciências Sociais e Antropologia, como dos ouvintes participantes, que, em sua maioria, eram estudantes de cursos de graduação e pós graduação no Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI. A roda de conversas em questão debateu sobre as seguintes questões: sobre a marcha pela humanização do parto⁵⁹; que foi promovida pelo COREN – Conselho

⁵⁹ Para a antropóloga norte americana e ativista do parto natural, Robbie David-Floyd em entrevista à Carmem Tornquist (2002), humanização do parto é um “modelo holístico” de atenção ao parto; Segundo Diniz (2005) a expressão humanizar é utilizada desde o início do século XX com significados diversos: para a Igreja Católica o sofrimento e as dores do parto eram penitência pagas pelo pecado original e, portanto, qualquer assistência que aliviasse os riscos e as dores do parto era ilegal. A medicina obstétrica postula como sua função a “preocupação humanitária” de livrar a mulher desse sofrimento já que a mulher, na verdade, é vítima da sua natureza e o parto uma agressão inerente, oferecendo amparo científico para o padecimento feminino “a obstetrícia cirúrgica, masculina, reivindica sua superioridade sobre o ofício feminino de partejar, leigo ou culto” (DINIZ, 2005, p. 628). O desenvolvimento do pensamento científico e médico ocidental passa a ver o corpo como máquina e combina instrumentos mecânicos como o fórceps no que se refere à obstetrícia (MARTIN, 2006) e já na segunda metade do século XX a hospitalização do parto torna-se popular em diversos países e o “trabalho de parto” é visto como um trabalho fabril fracionado em diversos estágios e o útero a máquina que trabalha eficientemente; a mulher, apenas “hospedeira passiva do útero que se contrai” (MARTIN, 2006, p. 114). Além disso, difundiu-se que a experiência do parto natural também seria traumática para o bebê que torna-se o foco principal, o produto dessa máquina. Tudo isso ignora algo importante para a mulher: “a natureza de sua própria experiência com o nascimento” (MARTIN, 2006, p. 120). “(...) há cerca de 25 anos inicia-se um movimento internacional por priorizar a tecnologia apropriada, a qualidade da interação entre parturiente e seus cuidadores, e a des-incorporação de tecnologia danosa. O movimento é batizado com nomes diferentes nos diversos países, e no Brasil é em geral chamado de humanização do parto”. (DINIZ, 2005, p. 629). Folder da marcha promovida pelo COREN em anexo

Regional de Enfermagem⁶⁰. Foram discutidas também a relação entre o parto humanizado e o respeito às escolhas e espiritualidade das gestantes. Vários depoimentos sobre o parto humanizado foram apresentados pelos profissionais, como por exemplo, as técnicas do parto humanizado como o uso da bola, da barra; a importância do acompanhante e da própria sala de parto que apresenta-se como um espaço diferenciado se comparado com o espaço destinado a parturientes em hospitais e maternidades que não trabalham com o parto humanizado; houveram, ainda, relatos e depoimentos das participantes sobre seus próprios partos que apontam as diferenças entre parto normal e parto cesárea, houveram intervenções dos participantes, questionamentos, relatos e indagações e discutiu-se sobre como as nossas maneiras de ser, de agir, de cuidar do nosso corpo e a própria técnica do parto que é construída social e culturalmente, construções essas que não se dão de uma hora para outra: é necessário desnaturalizar algo que já foi natural, bem como houve depoimento de parto humanizado e do uso da bebida sagrada por uma das participantes que compunham a mesa, que é daimista e terapeuta comunitária:

Pari no Ciamca. Foi um parto maravilhoso, tive a sorte de cair nas mãos da doutora Das Dores, todo mundo aqui a conhece, ela é muito amiga da minha irmã. Por que assim, a minha história começou desde muito criança. Eu sou filha de obstetra, irmã também de obstetra, quando meu pai vinha da maternidade eu perguntava “quantos *cunhê* você pegou hoje?”, porque ele dizia que era *cunhê* né? Eu tinha uma fascinação por bebê, por nascimento, por parto. Então começou daí. Acabei fazendo psicologia e dentro da psicologia a área da saúde foi muito forte. E depois descobri que eu queria trabalhar com o parto, não como parteira, mas depois eu descobri que era como doula. Ai veio a especialização em saúde da família, pesquisei a shantala na comunidade da Vila Maria que é uma micro área da Vila Bandeirante, com a enfermeira Maria de Jesus, que foi quem trouxe introduziu a shantala na prefeitura. Uma pessoa maravilhosa né? [as representantes do Ciamca concordaram]. Eu tive essa sorte de ter esses guias no meu caminho, todos nós temos. E daí eu comecei a fazer as instituições da shantala, mas faltava algo, que era a experiência de parir. Passei muito pelo que a Naira [a doula] estava falando [sobre trabalhar com mães, parto, crianças e não ter vivido ainda a experiência na prática], ela narrando aí e eu identificando. Sempre quando as pessoas começavam a vincular comigo ai perguntava, durante a instrução “mas você é mãe?”, ai eu falava “não, não sou” [um ar de desanimo], e dentro do atendimento também, da clinica, “você é mãe?”, “ah, mas...”, como quem diz que a gente... o amor da gente pela profissão não importa. A vocação é o que nos move, realmente é a vocação. Foi ai quando eu tive que parar para me dedicar, pra realmente engravidar, eu já estava com trinta e poucos anos e depois descobri ano passado, que eu tinha uma dificuldade para engravidar,

⁶⁰O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e os seus respectivos Conselhos Regionais (CORENs) foram criados em 12 de julho de 1973, por meio da Lei 5.905. O COFEN existe para normatizar e fiscalizar o exercício da profissão de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Em Teresina localiza-se na Rua Magalhães Filho, Centro/Sul.

então fui procurar um médico que me falou que eu tinha uma aderência em uma das trompas e que eu precisaria uma fertilização em vitro. Logo eu que era toda naturalista, imagina aí o desafio! Vamos lá! [risos] fiz a tal da fertilização e engravidei da primeira vez. Que é considerado assim um milagre. Quem já fez sabe que é muito difícil na primeira vez, aí eu já fiquei... meu Deus... já mexeu comigo... gente, como assim?, eu que prego tanto a coisa natural, é um médico que vai colocar um embrião dentro de mim, e foi a coisa mais linda que eu já vivi, eu e meu marido, foi lindo, foi o amor mais lindo que nós já fizemos! Porque foi lindo, foi lindo, foi lindo, quando o médico falou “a gente vai colocar a estrelinha lá dentro” , foi incrível, incrível, incrível, por que realmente é verdade, aconteceu, tá aqui [se referindo a filha, Anna Isabel que estava em seu colo] e aí eu comecei na minha saga do parto humanizado, falei com a minha irmã que me disse “Anne, é o seguinte, eu não tô mais na obstetrícia – ela agora tá fazendo doutorado em sexualidade, é outra área – e vou te colocar para quem com certeza vai te levar pra onde você quer ir que é a doutora Maria das Dores, lá do Ciamca, uma pessoa muito importante, uma das defensoras do parto humanizado aqui, é uma pessoa muito boa, muito humana, tem muita experiência: de fazer parto de criança com circular de cordão, criança com 4, 5 quilos.... nada para ela é problema! Você chega lá e ela diz “não, mas eu faço desse jeito”, enquanto outros médicos tudo é pra cesariana, ela não [elogiando]. E aí comecei a fazer meu pré-natal com ela. Já conhecia a Das Dores antes e sempre brincava com ela: você ainda vai fazer meu parto! deu tudo certo. Pré-natal foi maravilhoso, preparei uma fisioterapia, foi tudo muito bacana, mas no final da minha gestação eu tive um desafio, já quase quarenta semanas, que foi a ultrassonografia que eu fiz. Aí eu falo pra todo mundo, muito cuidado quem for ter seus filhos, prestem bem atenção para o que dizem os seus laudos, que nem sempre corresponde à verdade. De última hora eu fiz a ultrassonografia com outra medica, que não era a que eu fazia, e ela me disse que eu estava... que a neném estava com duas circular de cordão, a menina o tempo inteiro na posição cefálica, encaixada, lado esquerdo, tudo perfeito, de uma hora para outra mudou tudo, tudo bem, isso pode acontecer, mas ela disse que a neném tava com aproximadamente 3 quilos e 800, resumindo, isso influenciou no meu vínculo com a minha obstetra, mexeu, né? só que nós duas, muito vinculadas, não permitimos que isso acontecesse, fomos em frente, ela disse: “Anne, e agora, a medica disse que o liquido estava diminuindo”, claro, com quarenta semanas o liquido tem que ir diminuindo, né? tudo ok. Falei com meu pai e com a minha irmã, perguntei a opinião deles como obstetras e eles me disseram “Anne, confie na sua médica, confie na Das Dores!”, e foi o que eu fiz... só que eu fiquei tão mexida que aí ela disse “Anne, e aí, o que que você vai fazer? Eu disse “Das dores eu ia fazer 40 semanas dia 29 de maio, isso era dia 27,falei pra ela induzir [mostrou contrariedade na voz], eu fiquei influenciada, que era uma coisa que eu dizia que eu não queria fazer, que era induzir o meu parto. Nem queria anestesia, nada disso. Induzi. Ela [a médica] foi até lá em casa, só fui na maternidade bem na hora, fiz a minha pratica espiritual antes, rezei o meu terço, eu e meu esposo, ele me acompanhou, tomamos o Santo Daime, para me dar força e conforto para parir e ajudar no trabalho de parto. Ela foi lá na minha casa, fez tudo direitinho e eu fiquei aguardando. Rapidamente respondeu, porque já estava pertinho, se eu tivesse esperado um pouco mais eu não precisava ter induzido, hoje eu tenho mais maturidade, depois a gente fica vendo o que a gente pode fazer melhor num outro.

É importante destacar que essas falas, parte das entrevistas e pesquisa de campo, ilustram a presença dos cuidados com a gestação e rituais de nascimento do Santo Daime, não são falas isoladas, de fato há essa ênfase no cuidado com o

corpo da mulher e da criança na doutrina daimista e que se expressa na ingestão da bebida sagrada por gestantes e recém-nascidos.





Parto humanizado da menina Anna Isabel (maio/2014). Fotos cedidas pela família.

4.2 Batismo, aniversários e fardamento – os ritos sociais e religiosos e o aprendizado da religião santo daime por crianças no “Céu de Todos os Santos”.

O batismo é um dos ritos sociais e sacramentais carregado de simbologias e onde também, é utilizado o chá sagrado com as crianças. Na cerimônia de batismo, na doutrina do Santo Daime a criança fica acompanhada dos padrinhos, escolhidos como protetores da criança e que devem ajudar os pais a orientá-las nos caminhos da vida; na falta destes, os padrinhos devem amparar a criança; eles seguram velas acesas e se posicionam em torno da mesa eucarística durante a cerimônia; o celebrante se posiciona ao centro da mesa. São utilizados três elementos: o chá sagrado ayahuasca ou Santo Daime, que simboliza a nova revelação de Cristo, o chamado para a vida espiritual; o sal que significa a transformação da matéria em espírito; e a água que simboliza a purificação, que ficam em cima da mesa em pequenas vasilhas, juntamente com chumaços de algodão que servirão para passar os três elementos utilizados para o batismo na criança.

Ao início da cerimônia o celebrante lê as seguintes palavras:

O batismo simboliza a passagem para uma nova vida. São João batizava nas águas do rio Jordão aqueles que tinham se convertido. Nos tempos antigos, os adultos que aderiam à Doutrina do Cristo eram batizados. Depois que o cristianismo se firmou, este costume se estendeu às crianças. (NORMAS DE RITUAL)

Em seguida a leitura do texto bíblico São Mateus, capítulo 28, versículo 16:

E os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhe tinha designado. E quando o viram, o adoraram, mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus falou-lhes dizendo: “é me dado todo poder no Céu e na Terra. Portanto, ide e ensinai todas as nações batizando-as em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado e eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. Amém. (NORMAS DE RITUAL)

Então o celebrante inicia o batismo e utiliza os elementos na seguinte ordem:

1) Santo Daime (embebido em algodão e passado na testa da criança) chama a criança por seu nome completo dizendo: “Eu te batizo com o Santo Daime que é Luz para te guiar na vida espiritual em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”; 2) Sal (também colocado num chumaço de algodão e passado nos lábios da criança) novamente diz o nome completo do batizando proferindo as seguintes palavras: “Eu te batizo com o sal para teres força de lutar contra as adversidades em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”; 3) Água (que embebida em algodão é passada no

peito da criança) mais uma vez chama-se o nome completo da criança e diz: “Assim como São João batizou Jesus do Rio Jordão, eu te batizo com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

A primeira cerimônia de batizado de crianças no CTS foi realizada em setembro de 2011, pelo comandante espiritual do ICEFLU, Padrinho Alfredo Gregório de Melo, e foram batizadas as crianças Rafael Brandim, filho do então feitor de daime da casa, Paulino Brandim Neto e da advogada Lorena Sandes, que embora não seja adepta da doutrina, em respeito à escolha do pai da criança, o batizou no santo daime, no entanto, a criança também foi batizada, em outra ocasião na igreja católica, fato que é até muito comum, entre as famílias do espaço pesquisado, o que aponta para um “continuum religioso” (CAMARGO, 1961) que, segundo o autor tem como caráter se amoldar harmoniosamente às expectativas religiosas e culturais do país. Além de Rafael Brandim, a menina Luana Maia Lima, filha do auxiliar administrativo Helton Lima Lopes com a bacharel em direito Laíssa Maia também foi batizada na ocasião.



Batizado Rafael Brandim (setembro/2011)

Outra cerimônia de batismo à qual presenciei no Céu de Todos os Santos foi em dezembro de 2014, da menina Rhara Luz, à época com 10 meses de idade, filha da educadora física Ana Carolina Oliveira com o assistente administrativo Gibhran Cavalcante, que na ocasião também celebravam seu casamento no religioso, no caso, na religião santo daime. Na oportunidade, veio um celebrante de outra igreja, o professor doutor em sociologia, José Erivam Bezerra de Oliveira, que é dirigente da

igreja “Céu da Flor do Cajueiro” em Fortaleza (CE), e que na cerimônia, ao invés de ministrar o sacramento em algodão, como até então eu havia presenciado, ofereceu uma dose pequena da bebida sagrada à criança que, após sua ingestão, estendeu os bracinhos, num gesto que mostrava seu desejo de tomar mais um pouco da bebida sagrada.



Batizado Rhara Luz (dezembro/ 2014)

Um importante rito social em nossa cultura, os aniversários tornaram-se, no CTS, mais uma forma de aprendizagem da religião pelas crianças participantes da referida igreja. O primeiro trabalho de crianças executado no CTS foi por ocasião do aniversário do primeiro ano do menino João Lúcio, já apresentado anteriormente nesta pesquisa, em abril de 2009. Como não conhecíamos o formato do trabalho de crianças, a família, juntamente com um músico da casa, pesquisaram em sites na

internet, e encontraram um caderno contendo a “oração do Anjo da Guarda”; a “oração de uma criança” e uma seleção de 13 hinos que remetem ao universo infantil. O trabalho iniciou-se com as orações “Pai Nosso”; “Ave Maria”; “Chave de Harmonia” e as orações contidas no caderninho. Em seguida foi servido uma dose da bebida sagrada, em quantidades diferenciadas para adultos e crianças, estas tomaram em menor quantidade. Após todos tomarem, foram organizados nas filas de bailado e deu-se início ao hinário. Ao término do trabalho os convidados dirigiram-se a uma mesa de guloseimas para cantar os parabéns e partirem o bolo.

Meses depois, em outubro do mesmo ano, um segundo aniversário, desta vez da menina Luiza Rego, que completava seu primeiro ano de vida, foi festejado na igreja, nos mesmos moldes do aniversário do menino João Lúcio, também com um trabalho de crianças, utilizando o mesmo caderno de hinários⁶¹ citado, o qual foi distribuído pela família aos convidados como uma das lembrancinhas da festa.

Outra situação de campo que diz respeito aos aniversários das crianças daimistas em Teresina foi vivenciada por mim em outubro de 2014. A igreja estava em feitiço e poucos dias antes havia sido realizado um trabalho de crianças, por ocasião comemorativa ao dia das crianças. Na oportunidade foi encenada uma adaptação da peça teatral “A Escola da Rainha da Floresta” e utilizou-se como cenário um painel pintado por alguns membros daimistas do CTS (falarei detalhadamente sobre este trabalho no subitem 3.3.1). A criança aniversariante, o menino Adonias Neto, filho do odontólogo Adonias Filho e da estudante Gabriela Moura, moradores do CTS, comemorava também seu primeiro aniversário. A festinha foi realizada em sua residência no dia 18 de outubro às 17h com a participação de toda a irmandade e utilizou o painel pintado para o cenário da peça como decoração, compondo assim, o tema da festa. Exemplo de como a religião santo daime está inserida no cotidiano das crianças e é parte fundamental da sociabilidade familiar.

⁶¹ Em anexo.



Painel cenário da peça "A Escola da Rainha da Floresta"

Em junho de 2015, por ocasião do seu sétimo aniversário, Gael Ganesha, filho de Dandara Maciel e Helton Lima Lopes, como já citado, nosso principal informante, por ser uma das crianças mais participativas do CTS, fez questão de comemorar esta data na igreja com a realização de um trabalho para toda a irmandade, tendo ele próprio escolhido quem iria dirigir a sessão e o hinário a ser cantado ("O Livrinho do Apocalipse", do Pd. Valdete Mota, filho do Padrinho Sebastião, mais alguns hinos selecionados pelo aniversariante, hinos ofertados a ele e hinos recebidos por ele). O hinário foi bailado e o caderno de hinário, com a foto do aniversariante na capa foi distribuído como lembrancinha. O tema da festa foi alusivo à doutrina, nas cores dos balões que decoravam o salão, verde, azul e branco, cores da bandeira daimista, que também foi estampada no bolo.

Gael é a primeira e única criança do CTS até o momento a ter recebido hinos. O recebimento de hinos é considerado pelos daimistas como uma revelação mediúnica, não se tratando de uma composição ou criação, mas, como creem os adeptos, de um aparelhamento, enviados diretamente do astral.

Como é possível perceber, os hinos recebidos por Gael Ganesha enfatizam valores da doutrina daimista, como a firmeza, o amor e a aprendizagem; remetem a

figuras símbolos importantes da religião, como o Beija-flor, São João, Padrinho Sebastião e, é claro, os próprios elementos da natureza tão presentes na cosmovisão daimista; além de que reforçam o princípio de fé e respeito para com o santo daime.

1. A força

O papai Sebastião
Que traz a força das ondas do mar
Faz chover
Faz trovejar
E com a força do Santo Daime
Não se deve brincar

O papai Sebastião
Ele vem nos ensinar
Que juntos com o Santo Daime
É que temos que caminhar

Gael Ganesha 27.10.14

2. Amor de São João

Beija-Flor beija-flor beija-flor
Segue o teu amor

Segue
Segue
E segue
Me segue até São João



Os parabéns ao aniversariante Gael Ganesha (junho/2015)



Com a mãe e convidados. (junho/2015)



Bolo com a bandeira da religião santo daime (junho/2015).

O fardamento é a cerimônia de conversão à religião santo daime. É o momento onde o adepto recebe a estrela e passa a ser efetivamente um daimista. Embora as crianças, geradas neste contexto, conforme crença nativa, já nasça daimista, em algum momento, que geralmente acontece entre os seis, sete anos de idade, fardam-se, recebendo suas estrelas. João Yago, já apresentado anteriormente como primo de Gael, filho de João Lúcio Maciel e Joana Pires, uma das primeiras crianças geradas na religião aqui em Teresina, foi, também, a primeira criança a se fardar. Nos festejos juninos do ano de 2013, no dia de São João, João

Yago, aos seis anos de idade, colocou a estrela, símbolo que representa o ingresso no Batalhão da Rainha da Floresta, em seu peito cheio de orgulho.

No mês de abril de 2014, logo após um trabalho de concentração, Gael (à época com seis anos) e sua mãe disseram que queriam conversar comigo e sentados em frente ao Santo Cruzeiro, com seu jeitinho tímido quando quer expressar carinho, Gael me fez um convite que me deixou muito emocionada: explicou-me que iria se fardar no trabalho de São João daquele ano e que queria que eu fosse sua madrinha de farda, ou seja, que eu lhe colocasse a estrela em seu peito! Aceitei o convite com muita lisonja e, na noite de São João do ano de 2014, tornei-me sua madrinha, com o compromisso de zelar por seu bom seguimento no caminho espiritual!

As outras duas crianças, além de João Yago e Gael, a fardarem-se no CTS até o momento em que redijo esta dissertação, são Luana Maia, irmã de Gael; e Amèlie, filha da designer de interiores Lise Mariane; ambas fardaram-se nos festejos juninos de 2015, Luana aos seis anos de idade no dia de São João Batista e Amèlie aos sete anos no dia de São Pedro.



Amèlie recebendo sua estrela (junho/2015).



Consagrando o Santo Daime (junho/2015).



Luana, Gael e Amèlie (junho/2015)

4.3 As crianças do “Céu de Todos os Santos” e seus ensinamentos: os trabalhos de crianças; feitos; significações e ressignificações

Neste subitem descreveremos dias específicos de campo, a fim de, através dos dados empíricos e de uma descrição densa, revelar as maneiras de ser, agir e pensar das crianças do CTS, evidenciando suas concepções a respeito da relação saúde-doença-cura, corpo-mente-espírito, seu ethos e sua visão de mundo acerca de sua religião, e como elas aprendem a ser daimistas e o que isso significa para elas.

4.3.1 O Trabalho de crianças

O interesse pelo trabalho de crianças, no Céu de Todos os Santos, e a sua incorporação ao calendário litúrgico, surgiu a partir da nova realidade que transformava a rotina do CTS: o nascimento de muitas crianças nos últimos anos, sementes das famílias que se formavam na construção desta casa espiritual, engendrava mudanças não só dentro das famílias e da irmandade, como também no calendário ritualístico, posto que se fazia necessário inclui-las não só dentro do contexto social como também no contexto espiritual desta casa. A chegada das crianças mudava não só a “paisagem” do CTS, mas alterava profunda e significativamente as demandas desta escola espiritual, já que bem específicos eram os novos alunos que surgiam.

Os poucos trabalhos de criança já realizados no CTS (o primeiro foi realizado em abril de 2009 em comemoração ao primeiro aniversário do menino João Lúcio), seguiam a ritualística proposta por outras igrejas daimista, que consistia na abertura do trabalho com um Pai Nosso e uma Ave Maria, seguidos da leitura da “Oração ao Anjo da Guarda”, “Oração de uma criança” e a seleção de 13 (treze) hinos (em sua maior parte, desconhecidos por nossas crianças), finalizando o trabalho com um Pai Nosso, uma Ave Maria e a Salve Rainha, como já fora dito antes.

Assim como os trabalhos de hinários oficiais a proposta do trabalho de criança também havia sido elaborado para ser cantado e bailado. No entanto, na realização do trabalho de crianças no dia 12 de outubro 2013, houve pouco

envolvimento dos pais, o que acabou levando à ausência da maior parte das crianças na ocasião. Naquela oportunidade, apenas cinco crianças estiveram presentes: os irmãos Gael, Luana e Joao Ulisses (ainda no ventre materno – Laíssa⁶² encontrava-se no sétimo mês de gestação); o primo, João Yago; além do filho de uma ex fardada da casa, o que não representava a quantidade mais expressiva de crianças que já compunham o espaço. Além disso, a falta de familiaridade das crianças com os hinos que faziam parte dessa seleção, fez com que as crianças presentes não se envolvessem efetivamente com a execução do mesmo, inibidas, inclusive, pela grande quantidade de adultos, que em verdade foram quem executaram o trabalho, cantando e bailando os hinos propostos.

Em 2014, em função do envolvimento de poucas famílias no trabalho de 2013, e preocupadas com a necessidade de desenvolver outras atividades de cunho espiritual específicas para as crianças (que as envolvessem e as empoderassem), Laíssa e eu, em reunião do Conselho Doutrinário onde definiríamos o calendário litúrgico do trimestre em questão – outubro a dezembro – propusemos uma atividade diferente: onde as próprias crianças pudessem selecionar os hinos que seriam cantados no trabalho, ou seja, que os hinos executados fossem escolhidos por elas, a partir daqueles que elas já conheciam, ou que tinham mais afinidade (afinal, no dia-a-dia elas já demonstravam seus interesses, quando elegiam hinos como prediletos, ou quando se diziam zeladores⁶³ dos mesmos, por exemplo); além disso, visando o interesse pessoal na realização desta pesquisa, propus que, na sequência, logo após o trabalho, fosse distribuído às crianças material para desenho, realizando assim a primeira oficina de desenhos da minha pesquisa; foi neste momento que Daniell Rangel⁶⁴ e eu, vimos aí a oportunidade de apresentarmos a peça que escrevemos para o projeto “Gira gira criancinha⁶⁵”: “A Escola da Rainha da Floresta”, visando, não só apresentá-la à irmandade, como também, por ser uma forma lúdica de ensinar as crianças do CTS sobre o Santo Daime; e por fim, como toda festa infantil uma farta mesa de guloseimas com bolos, doces e distribuição de lembrancinhas.

⁶² Conselheira Doutrinária e mãe da Luana e do Joao Ulisses

⁶³ Zelador é uma categoria êmica que diz respeito àquele que é responsável pelo aprendizado de um hinário, ou seja, zelar por sua boa execução musical. O Joao Yago, sempre faz referência ao Flor das Aguas hino nove do Hinário “Nova Dimensão” do Pd. Alfredo, dizendo que é seu zelador.

⁶⁴ Fardado da casa há 04 anos, advogado e autor da peça “A Escola da Rainha da Floresta”.

⁶⁵ Projeto já mencionado na introdução do presente trabalho.

A partir de então, Laíssa e eu fomos conversando - na expectativa de envolver a todos - com cada criança, mães e alguns pais, além das “tias” e “madrinhas”. Eu conversei com as crianças – pedi a cada criança, à medida que as encontrava – que escolhessem um ou dois hinos entre os que eles mais gostavam para cantarem no dia do trabalho das crianças, e que, além disso, ensaiassem, por que seriam eles que iriam cantar, pois não teria nenhum adulto no trabalho, só a puxadora para ajuda-los a cantar, e, se eles quisessem, um violeiro, para tocar pra eles. Enquanto isso, Laíssa, como mãe, tratou de envolver as outras mães e pais.

Então, no dia 12 de outubro de 2014 às 17h as famílias do CTS estavam reunidas na igreja para juntos celebrarmos o dia das crianças com muita alegria e encantamento. Os pequenos presentes à ocasião foram: os irmãos Gael Ganesha (6a); Luana Maia (5a) e João Ulisses (10 meses); o primo João Iago (7a); os irmãos Manoel Neto (7a) e Maria da Conceição (4a); seus primos, os irmãos João Lúcio (6a) e Matheus (1a); Luiza (6a); Namíbia (7a); João Beijamim (2a); Sebastião (1a); Adonias Neto (1a); Ana Isabel (5 meses); e Sofia (ainda no ventre materno, com 7 meses de gestação); a tarde contou ainda com a participação de alguns adultos, pais, mães e “tios”: Dandara Maciel (Gael); Laíssa Maia (Luana e João Ulisses); Talita Soares (Manoel e Maria); Monalisa e Tércio (João Lúcio e Matheus); Mariana Moura e Rafael Tomaz (Sebastião); João Lúcio e Joana (João Iago); Márcia e Vinícius (João Beijamim); Anne Rufino e Wilson Rêgo (Ana Isabel); Gabriela Fontenele (Adonias Neto); Ticiane (Luiza) com o companheiro Márcio e sua enteada, Maria Eduarda; Wesley Viana e Iana Lima (“grávidos” de Sofia); a puxadora Vanessa Viana, tia paterna de Sofia; Bruno Lima tio paterno de Gael, Luana (da qual é também padrinho de batismo) e João Ulisses; além dos tios de coração de todas as crianças: os casais Linhares e Laila e Emanuely e Antônio Victor (padrinhos de batismo de João Ulisses); Adriana Veras (madrinha de batismo de Maria da Conceição); eu (madrinha de fardamento de Gael Ganesha); minha orientadora, Francisca Verônica; Daniel Rangell; Diógenes Macêdo; Adalberto Magalhães e o dirigente da casa Gustavo Teixeira.

O Trabalho Espiritual deu início a uma tarde de muitas atividades interessantes. Posicionados ao redor da mesa eucarística, abriram o trabalho com as orações: 1 Pai Nosso; 1 Ave Maria e a Chave de Harmonia; em seguida, as crianças começaram a formar a fila para o despacho. Enquanto “tio” Bruno servia o

daime, Vanessa, Wesley (violão), Tércio (violão) e Rafael (sanfona) tocavam e cantavam o hino⁶⁶ recebido por Wesley e ofertado⁶⁷ ao seu bebê, que ainda estava no ventre materno, Sofia. Todas as crianças, inclusive as de colo, tomaram uma pequena quantidade de daime - quanto menor a criança, menor era a dose servida - , e, à medida que iam saindo da fila do despacho, iam sentando-se em torno da mesa, respeitando a separação de gênero: homens e meninos do lado esquerdo, enquanto as mulheres e as meninas sentavam-se do lado direito, com exceção das crianças de colo, estas sentavam-se sempre no colo de suas mães, já que os pais presentes estavam todos tocando algum instrumento, aliás, o bebê Beijamim também apresenta-se com seu tambor, de brinquedo, claro, mas já expressando sua preferência frente aos instrumentos musicais que lhes são apresentados em cada sessão espiritual dessa doutrina que é musical.

O trabalho teve uma duração de cerca de quarenta minutos: o primeiro hino⁶⁸ executado foi o hino “Casa de Oração” hino de nº 56 do Hinário “Louvores e Agradecimentos do dirigente da “Casa de Oração São Francisco de Assis” (Juazeiro – BA) Tony Jarbas – mais conhecido como “TJ” -, um querido amigo da irmandade teresinense desde a realização dos primeiros feitiços⁶⁹ do CTS: o daime produzido aqui abastece algumas igrejas do NE, como no caso em questão, e TJ sempre se faz presente, muito cativante, alegre e disponível, seus hinos são cantados sempre nos feitiços e nas rodas de conversa no dia a dia da comunidade, o que permite que as crianças aprendam e se familiarize, elegendo como um de seus hinos favoritos. Na sequência, o hino “É bom”, de seu Daniel Serra, sobrinho do Mestre Irineu, falecido em outubro de 2011 e dirigente do Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante – Raimundo Irineu Serra (CICEBRIS); em seguida cantou-se o hino “Tatum, dem-dum” do hinário “Daime Sorrindo” de Odemir Raulino, primo do atual dirigente espiritual do ICEFLU, Pd. Alfredo, e dirigente da igreja “Trono das Estrelas” em Rio Branco (AC); o hino “Pena de Prata”, hino de número 48 do hinário “Firmado na Luz” de Sônia Palhares de Alverga, esposa de Alex Polari de Alverga, dirigente do “Céu da Montanha” em Mauá (RJ); logo após a execução desse hino, no espaço de silêncio até a execução do próximo é possível ouvir a menina Maria dizer: “eu

⁶⁶ Letra em anexo.

⁶⁷ Sobre oferta de hinos ler OLIVEIRA.

⁶⁸ Todas as letras dos hinos executados nesta ocasião encontram-se em anexo.

⁶⁹ Já foram realizados mais de 14 feitiços com uma média de 02 feitiços ao ano.

quero tomar daime de novo!”, no entanto, sua mãe não permite, visto que o trabalho teria uma pequena duração e o ideal é que ao final de cada sessão, todos já não estejam mais sob o efeito do chá.

O próximo hino selecionado pelas crianças foi “Beijamim”, segundo hino de Maria Damião, um dos quatro companheiros do Mestre Irineu, seu hinário “O Mensageiro” compõem os hinários basilares da doutrina; na oportunidade cantaram ainda o hino “Vinga segura” também de Odemir Raulino, mas de seu outro hinário “Quadro Azul”; as crianças escolheram ainda um hino (“Perguntei aos meus irmãos”) do Pd. Paulo Roberto - dirigente do “Céu do Mar” - , provavelmente ainda influenciadas pela viagem feita a Juazeiro (BA) no mês de setembro de 2014, quando da inauguração da nova sede da “Casa de Oração São Francisco de Assis” e aniversário de seu dirigente Tony Jarbas, ocasião em que Pd. Paulo Roberto esteve presente, como patrono da casa e padrinho do então dirigente TJ.

Por conta dos fortes laços de amizade entre TJ e o CTS, nós fretamos um micro ônibus e com uma caravana de cerca de quarenta pessoas, compostas por adultos e crianças, fomos até Juazeiro prestigiar e comemorar juntamente com a irmandade baiana esse momento de muita alegria e prosperidade.

Enquanto o trabalho acontecia com as crianças sentadas ao redor da mesa e os bebês no chão, dentro da grande roda, com muitos brinquedos à sua disposição, Vinícius, pai de Beijamim, soltava bolhas de sabão por sobre as crianças, que claro, encantadas com as luzes, cores e a divertida brincadeira que é soltar bolhas de sabão, vibravam a cada bolha que caía sobre suas cabeças.

Enfim, deu-se o encerramento do trabalho com a execução dos hinos do Pd. Sebastião, “Brilho do Sol” do hinário “A Nova Jerusalém” e o hino “Eu Vivo na Floresta”, do hinário “Lua Branca” da Md. Rita, segundo as normas de ritual, os trabalhos da linha do ICEFLU devem ser encerrados com os últimos hinos recebidos pelo patriarca e matriarca fundadores dessa linha. Para encerrar, antes das orações, foi dado um “Viva” às crianças, seguido de 1 Pai Nosso, 1 Ave Maria, 1 Salve Rainha e a jaculatória final: “Louvado seja Deus”, ao que todos respondem “Para que sempre seja louvada nossa Mãe Maria Santíssima sob toda a humanidade”, e por fim, o sinal da cruz.

Antes do encerramento do trabalho, distribuí, no chão da igreja, papéis A4, muitos lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas, a fim de realizar a primeira oficina de desenhos objetivando os interesses da presente pesquisa. Muitas crianças foram atraídas pelo material, especialmente os bebês. Conteí com a ajuda dos pais e “tios”: ao final, cerca de 20 minutos após ter disponibilizado o material e convidado as crianças para sentarmos no chão e desenhar, pedi a eles que perguntassem às crianças o que elas haviam desenhado, ou que contassem a estória do desenho e para que anotassem no verso de cada desenho a descrição dada pelas crianças, expliquei que eles não deveriam interferir no que cada uma delas desenhasse e nem no que contassem sobre o próprio desenho, pois o objetivo seria verificar as representações e o ponto de vista delas, e não que elas atendessem às nossas expectativas. Trabalhei com desenho livre e busquei conhecer as representações das crianças como a autora PIRES (2007).

A esta atividade, que durou, em média, vinte minutos, chamei de “oficina de desenhos livres”. Na ocasião foram recolhidos 19 dezenove desenhos, cujos temas mais representados foram (1)⁷⁰ Elementos da natureza [8]⁷¹; (2) casas (sempre desenhadas com portas), uma delas a criança disse ser a casa do índio [2]; (3) Seres encantados como fadas e gnomos [2]; (4) A família [1]; (5) Meninas com flores [2]; (6) Além de alguns rabiscos feitos pelos bebês [4], que não utilizamos aqui como representação gráfica, mas tão somente para registrar a presença dessas crianças, que, por causa da pouca idade, e não domínio da coordenação motora, não fazem desenhos propriamente ditos, mas fazem parte do nosso universo de pesquisa.

⁷⁰ Os numerais entre parênteses indicam a categoria ou as representações desenhadas.

⁷¹ Os numerais entre colchetes indicam a quantidade de desenhos.



I oficina de desenhos livre (outubro/2014)



O sol, a lua, as estrelas e a floresta. Manoel Neto, 7a (12.10.14)



O sol, as flores e a criança. Namíbia, 7a (12.10.14)



A floresta encantada. Luana, 5a (12.10.14)

Enquanto isso, a roda de cantorias continuou com músicas do cancioneiro popular (“alecrim dourado”, “atirei o pau no gato”, “ciranda, cirandinha”), e outros hinos do cancioneiro daimista que dialogam diretamente com o público infantil (Passarinho Amarelinho – Sônia Palhares e Animais Sagrados – Pd. Paulo Roberto, letras em anexo).

Para que as crianças não se dispersassem fui me preparar para a apresentação da peça “A Escola da Rainha da Floresta”, atividade que viria na sequência, ainda a ser realizada dentro do salão da igreja.

A apresentação, que teve duração de 40 minutos, foi, na verdade, um resumo da peça homônima de autoria de Daniell Rangel e minha co-autoria, e, que, desde que a escrevemos, tentávamos ensaiar com um grupo de teatro, mas até o momento não tinha sido possível realizá-la. Então, vimos na festa comemorativa ao dia das crianças a grande oportunidade de apresentá-la à irmandade. Pensando em um espetáculo que prendesse a atenção das crianças e que pudesse dialogar diretamente com elas, selecionamos alguns trechos do texto para que a encenação não ficasse muito longa; para o cenário um painel de feltro, pintado à mão; e os personagens feitos de cartolina com velcro no verso, possibilitando “colar” os personagens, à medida que iam aparecendo no texto, no cenário de feltro.

Para tal empreendimento contamos com a colaboração de alguns “tios”, “pais” e até das crianças: Silvio Copem, Paloma Suassuna, Emanuely Fonseca, Manuella Andressa, Daniell Rangel e Antônio Aglildo foram os artistas que pintaram a 12 mãos o painel; Silvio também desenhou alguns personagens (Nossa Senhora da Conceição, a fardada e o fardado), enquanto Dandara Maciel e o filho Gael Ganesha desenharam os outros personagens e elementos que comporiam o cenário (a Lua, a Águia, o Rei Jagube, a Rainha Chacrona, a estrela do fardado, o maracá, o cajado do Mestre Irineu – que representaria sua graduação pela Rainha da Floresta como o professor dessa escola espiritual fundada por ela, e as flores – que representam na peça, o “Jardineiro do jardim de belas flores”, ou seja, o próprio Mestre Irineu).

Daniell e eu éramos os atores e nosso figurino foi a farda branca (farda usada nos trabalhos de hinários), que ia sendo composta à medida que o texto avançava e

à medida que a escola ia sendo formada⁷², íamos colocando os adereços: coroa, estrela, alegrias, terno...a peça, também tem trechos de hinos do hinário “O Cruzeiro Universal” do Mestre Irineu que contam a sua trajetória espiritual, contam como a Rainha da Floresta o entregou essa missão. Para a execução desses hinos na apresentação contamos com a presença dos músicos da casa: Vanessa Viana, a puxadora no canto, Wesley Viana no violão e Rafael Tomaz na sanfona.

Durante a encenação, adultos e crianças assistiam com muita atenção, as crianças interagiam durante toda a peça, especialmente na hora que eram executados alguns hinos, onde eles cantavam, batiam palmas, bailavam...os bebês aproximavam-se do painel querendo tocar nos personagens... foi uma grande festa! Ao final, algumas crianças quiseram levar os personagens pra casa, como foi o caso da menina Luiza que encantou-se com a Águia e não teve jeito: tivemos que dar a ela, que a colocou no seu quarto, sobre sua cama.

Para finalizar as atividades da deliciosa e divertida tarde, uma festa com distribuição de bolos, doces, cachorro quente, pipoca e todas as guloseimas de festas infantis, além de lembrancinhas para todas as crianças presentes e as ausentes também (que foram guardadas ou enviadas por alguém mais próximo da criança ausente): sacolinhas cheia de balas, bombons, chocolates e brinquedos. Obviamente toda essa produção contou com a participação dos adultos presentes que levaram as guloseimas e as lembrancinhas a serem distribuídas. Além dos desenhos produzidos, também foram recolhidas imagens fotográficas (algumas delas encontram-se no presente trabalho) e fílmicas, para posterior produção de um vídeo.

⁷² A doutrina foi sendo formada paulatinamente, com o passar dos anos, a farda, o bailado, os instrumentos musicais, entre outros elementos foram sendo incorporados aos rituais.



Painel cenário



Encenação peça teatral "A Escola da Rainha da Floresta" (outubro/2014).



Público da peça teatral (outubro/2014)

4.3.2 Os Feitios

São nos feitios que as crianças e adultos têm a oportunidade de aprender mais sobre a doutrina e o sacramento, ou como afirma Oliveira (2008, p. 19): “por ser nos feitios que a performance enquanto ação de transmissão de conhecimentos mais se efetiva”. A participação das crianças no feitio é sempre estimulada e, de forma lúdica as crianças aprendem sobre sua religiosidade.



Anna Isabel brincando dentro de uma panela de cozimento de daime.

Os rituais de feitiço, em geral, têm a duração de 4 (quatro) ou mais dias, é o momento em que se produz a bebida sacramental. As práticas ritualísticas, aqui, assim como nos outros rituais da referida doutrina, são marcadas por uma separação de gênero. Em espaços separados, as mulheres lidam exclusivamente com a cozinha no preparo dos alimentos de todos os participantes do ritual e no salão da igreja, separadamente dos homens, com as folhas “rainha”, princípio feminino da bebida, na colheita, separação e limpeza destas. Os homens no espaço denominado “casa de feitiço”, um espaço eminentemente masculino, lidam com o cipó, princípio masculino, com as seguintes atividades: raspagem (raspagem do cipó para retirada de impurezas), bateção (maceração do cipó com marretas que pesam em torno de 7 quilos e num processo que dura horas), fofalha (alimentação do fogo com lenha) e panelas (principalmente no que diz respeito à manipulação e deslocamento das mesmas, que montadas [com folhas, cipó e água] pesam cerca de 100kg). É importante ressaltar que tais atividades demandam muita força física.

As crianças têm certa “liberdade”, sendo-lhes permitido tráfegar livremente pelos espaços masculinos e femininos delimitados para os participantes adultos neste ritual: casinha de bateção e catação de folhas: há a circulação livre das crianças, porém elas já identificam a separação de gênero e já “encontram” seus lugares.

Num desses momentos em que eu estava no campo não exclusivamente para a pesquisa, mas como uma adepta do local - um ritual de feitiço realizado no mês de julho de 2013, pude ouvir do menino Gael, ao levar um primo seu, Lucas (11a), que não conhecia um ritual de feitiço, o aviso: “folhinha é coisa de mulherzinha”, numa clara significação dos papéis sexuais.

Inferimos também que, a partir desta fala, mesmo possuindo essa licenciosidade de tráfego pelos espaços demarcados como femininos e masculinos, Gael pareceu expressar uma visão de mundo (Geertz, 1978) em que um “homem” não deve se misturar, pois assim, diminuiria sua condição de homem, já que a expressão “coisa de mulherzinha” é utilizada frequentemente como uma gíria que significa fragilidade, inferioridade, impotência, aquilo que é próprio da mulher, “coisa” de mulher.



Luana e o pai na casinha de feitorio (setembro/2011).



Meninas limpando folhas de chacrona.



João Yago raspando jagube (julho/2009).



João Yago na casinha de bateção.



Gael batendo jagube (fevereiro/2015)



Crianças coando e engarrafando o daime.

No mês de outubro de 2014 realizou-se um feitió entre os dias 15 e 20, ocasião em que aproveitei para recolher mais alguns desenhos, que eu chamei de I oficina de desenho temático, pois desta vez ao invés de desenharem livremente o que desejassem, pedi que desenhassem sobre sua religião. Embora eu sempre esteja envolvida com a cozinha - minha missão em todos os feitiós, que eu faço com muito carinho e dedicação, é preparar o alimento da irmandade - tarefa que

consome quase todo o meu dia e termina por limitar meu tempo na realização do campo.

Entretanto, nesse feitiço, organizei escalas de revezamento na cozinha, o que me deu maior liberdade e disponibilidade de tempo para estar com as crianças. E no dia 19 de outubro, feriado da independência do Piauí, estávamos eu, João Yago e Gael Ganhesha na igreja com papéis, lápis de cor de variadas cores, canetas hidrográficas, enfim, material suficientemente atraente para uma tarde de desenhos e bate papo, e foi realizada assim a I Oficina de desenhos temáticos, e o tema sugerido foi o “santo daime” e/ou “a sua religião”.

Nessa oportunidade eu resolvi ligar a câmera do celular e gravar a fala deles enquanto desenhavam. Propus que eles imaginassem que estavam falando para outras crianças de outras religiões e fui abordando alguns temas como saúde; o que é ser criança; como eles significam o Santo Daime; corpo; masculino e feminino e a relação deles com a religiosidade; João Yago, mais falante e descontraído, tomou a atenção do vídeo, ao passo que Gael, preferiu ficar desenhando e só ao finalzinho eu consegui que ele me falasse um pouco.

Nossa tarde de desenhos e vídeos foi interrompida por um colega pesquisador, graduando em Geografia que à época também estava a fazer pesquisa de campo e aproveitou que estávamos reunidos e aproximou-se, com sua câmera a postos e também fez perguntas alusivas ao Santo Daime.

Mais do que uma oficina de desenhos que objetivava construir dados para a presente pesquisa, foi também um momento de descontração, interação e intimidade partilhado com as crianças.



I Oficina de desenhos temáticos (outubro/2014)

João Yago desenhava um arco-íris quando eu propus que ele falasse para a câmera, fazendo de conta que estava falando para crianças de outras religiões, e perguntei: o que é ser criança para você?

Criança é uma coisa muito importante pra nossa vida. Que é para os nossos pais cuidar da gente. Mesmo eles brigando muito, eles são muito importantes pra nossa vida. Adeus e tchau!

E agora você pode me dizer o que é o feminino e o masculino pra você?

Porque homem não consegue criar filho, mulher consegue e homem só da trabalho, por isso que tô falando ao vivo aqui pra igreja, pro tio Bruno [que acabara de entrar na igreja] e todas as pessoas.

E como é que diferencia homem e mulher?

Porque mulher consegue ficar buchuda quando cresce e o homem não. Porque homem não consegue ter filho, homem não consegue ficar buchudo, então, o homem também é muito importante pra cuidar dos filhos e da mulher.

Continuamos a brincadeira e pedi: agora eu quero que você diga para mim e para as crianças que estão nos assistindo o que é saúde?

A saúde é uma coisa muito importante pra gente não sofrer, se a gente tiver com alguma doença a gente pode pegar mais ainda essa doença, passar pro outro que tá melhor. Por isso que o arco-íris é uma força de energia pra gente não pegar doença. O arco-íris também é muito importante pro dia lindo se ver, adeus tia Jaynna e a tia Jaynna é que vai merecer esse arco-íris, adeus e tchau!



Arco-íris, força de energia para gente não pegar doença. João Yago, 7a (19.10.14)

A cada resposta ele se despedia, ríamos bastante e entre alguns, pedidos de atenção, íamos conversando sobre suas concepções a cerca de sua religião e o sacramento. Mais uma vez pedi: Yago, agora explica pra uma criança de outra igreja o que é o Santo Daime?

O Santo Daime é muito importante pra nossa vida, por que ele deixa a gente entrar no espirito da gente, por que se a gente ficar doente, santo daime cura, ele tem toda força que cura, entendeu, criança? Porque o Santo Daime é tão forte, tão forte que faz curar nossas feridas, mesmo assim, se o Santo Daime for ruim, for amargo, pode servir pra alguma coisa, que é a nossa saúde, pode melhorar o nosso coração, pode melhorar a nossa mente que é Deus e é muito importante pra nossa vida.

Neste momento o geógrafo nos interrompe e pede que Yago diga seu nome completo, série e escola que estuda e sobre sua relação com o santo daime:

Meu nome é Joao Yago Pires Maciel, a série que eu fiz é primeiro ano e o Santo Daime é muito importante, é tão importante, mas tão importante que o sol agradece ele e o Deus, por que o Santo Daime tem uma força de calor que vai lá... esse calor vai lá pro coração que deixou um pouquinho quente, aí o coração agindo e a pessoa fica relaxada, mas pelas crianças, não consegue, as crianças, elas não tomam daime tanto assim como os homens, por isso que todas as crianças ficam um pouquinho mais agitadas e o homens não, então é de costume que não consegue acreditar que a criança tem força para movimentar seu corpo quando tá tomando daime, ai os adultos tão enganado, que a criança consegue fazer isso, só ter fé, confiança e muita confiança em Deus!

O geógrafo novamente pergunta: “João Yago, o que você acha da floresta aqui”?

A floresta é muito importante, porque dá pra gente ver um monte de coisa que a gente nunca viu. Espinho de tucum. Muitas pessoas nunca viram, mas tem outras que assim já viram em terreno, em mato, mata tropical.

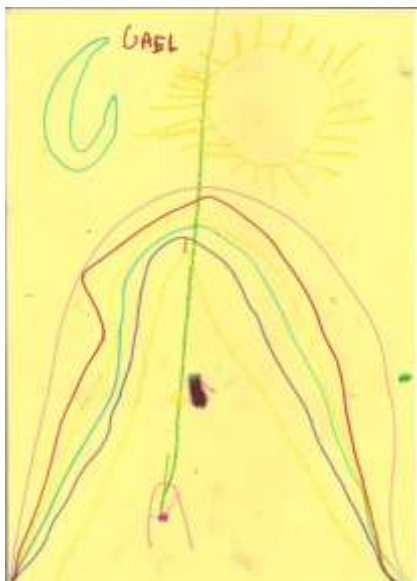
Desta vez sou eu quem interrompe e pergunto: você falou que as crianças conseguem movimentar seus corpos. O que é o corpo?

O corpo é uma fonte de energia que dá para as crianças se movimentarem, os adultos, lá dentro mesmo tem uma coisa que chama osso de constelação. Esse osso que fica lá no meio consegue movimentar a criança para caminhar nos cinco sentidos. Os cinco sentidos que é mais importante, que dá pra gente falar, ficar em pé, ouvir, ver e tocar. Se a gente não tiver os cinco sentidos a gente pode até morrer sem sangue, por isso que o sangue vem lá do Santo Daime que é a fonte que deixa as pessoas com mais calor, com mais agitação pras crianças. Foi bom tia?

Encantada com a pureza e a inteligência de João Yago, respondo com os olhos brilhando de contentamento e orgulho: Foi ótimo! Tá lindo!! Você tomou daime agora? Você tomou daime hoje? Não? João fez que não, sinalizando com a cabeça.

Viro-me para Gael, que permanecia caladinho desenhando e observando minha conversa com João Yago e pergunto: Você quer falar Gael? Me responde um não com a cabeça. Insisto: Nem um pouquinho?

Tava fazendo é o daime aqui [mostrando desenho]: o arco-íris, o Santo Daime, a lua, o sol, a porta que chega lá onde está o Santo Daime, nosso irmão.



Arco-íris, lua, sol, Santo Daime e a porta que leva ao Santo Daime, nosso irmão. Gael, 6a (19.10.14)

O geógrafo interrompe novamente: “Gael você gosta de tomar daime? Porque você gosta de tomar daime”?

Gosto porque ele deixa a pessoa mais melhor. Mais melhor! Daime é que pode curar a gente. Na hora que tiver com dor de garganta toma um copo de daime que ele cura a gente, é por isso que eu gosto do daime, que ele cura a pessoa.

Dessa vez sou eu quem pergunta: E o que é ser um daimista para você Gael?

Ah, um daimista é uma pessoa que bebe muito daime, ai também bebe uma copada, já já daqui uma hora bebe outra. É isso.

Então ser daimista é uma pessoa que bebe muito daime?

Hum rum.



Santo Daime e criança ajoelhada em frente ao Santo Cruzeiro. Gael, 6a (19.10.14)

E o que é ser menino? O que é ser criança pra você?

Oh, ser criança é uma criança agitada, que não consegue se controlar. Fica agitada, na hora que brinca fica agitado, igual essa daqui oh [apontado para o Yago].

Rimos muito os três: eu, Yago e Gael e por fim pergunto: E as crianças têm conhecimento ou elas aprendem só o que os adultos ensinam?

Oh, tem vez que a criança aprende uma coisa que os adultos não sabem, aí a criança diz pro adulto pra ele saber logo.

Em entrevista realizada no dia treze de maio de 2014 com moradora do CTS, 45 anos, jornalista e produtora de eventos em sua residência sobre os mesmos temas que tratei com as crianças, encontramos as seguintes respostas. Sobre o que é ser criança:

Eu me sinto às vezes uma criança. Ser criança é, mesmo na fase adulta, você saber sorrir, saber brincar se transformar numa criança quando está perto das crianças, é sentir o eu das crianças, viver o momento delas, dá atenção a elas, olhar nos olhinhos delas! Ser criança é muito lindo, é muito verdadeiro, é muito sensível.

Sobre o que é o feminino e masculino:

O feminino tem que ser muito feminino né? Em relação a tudo, o feminino tem o lado do cuidar, do receber, cantar, tentar aprender, tentar passar humildade, amor eu vejo muito isso no feminino transmite amor,

transmite paz. Você se dedicar, ser mulher mesmo, tá no batente, tem hora q eu olho pra aquela igreja ali, que é a nossa igreja, o CTS e digo nossa pra uma pessoa penetrar nela não é fácil não, tem que passar por umas provações, principalmente do lado feminino. E o masculino da doutrina é a força bruta, pra mim né? Em relação da doutrina é a força bruta porque a gente vê um trabalho que se chama feitio que é um dos trabalhos mais importantes, um momento muito importante que faz o sacramento e o homem, ele trabalha assim tipo como um escravo mesmo sabe? E a mulher é aquele lado feminino mesmo, tá na cozinha, tá ajeitando, tá fazendo a comidinha, temperos, catando folha, aquela coisa bem feminina. A doutrina tem isso mesmo: o lado as mulheres, o lado feminino, o lado masculino, o homem. Não pode tá cruzando essa coisa. Acho muito lindo, acho muito perfeito isso, essa estória do feminino e do masculino. E quando a gente tá fazendo o sacramento também né? As mulheres não se misturam com os homens cada uma no seu lugar, cada uma se respeitando.

Ao perguntar o que significa o Santo Daime a informante logo nos remeteu aos seus processos de cura:

Pra mim o Santo Daime é uma bebida santa que cura, que sara, que transforma, que doutrina, tudo o que há de necessário no nosso organismo. Eu sinto curas mesmo físicas, mentais e de tudo na minha vida através da consagração da bebida do Santo Daime.

Quando o tema abordado foi o significado de saúde/doença:

Você procura Deus na dor ou no amor! Quando eu cheguei na doutrina do Santo Daime, eu cheguei com meu corpo totalmente mazelado. Porque eu procurei na dor! Era uma dor muito forte, era uma dor muito profunda! Então eu trabalhei o meu corpo pra poder obter minha saúde mental, espiritual e física. É a relação da cura né? A relação corpo/saúde/cura é uma sequência de consequência dentro dos rituais, dentro da sua crença, dentro daquela saúde mesmo da floresta que são não só a doutrina do Santo Daime em si, mas como o kambô também, foi uma cura muito forte pra mim. A maioria dos daimistas faz a consagração, porque pra mim também é uma consagração. Tem o rapé também. Como eu era uma pessoa que usava muita droga química e usava cocaína, o rapé me ajudou muito e o kambô me ajudou muito nessa cura sabe? Do meu corpo, da minha alma e da minha mente.

Em entrevista, com a advogada Juliana Teixeira e Góis, 33 anos, também moradora do CTS, realizada em 16/05/14, abordamos os mesmos temas e sobre o significado de saúde/doença/cura para advogada Juliana Góis:

A doença é aquilo que impede você de realizar as atividades da qual você veio para a terra. Se você, se seu espírito ou o seu corpo está acometido de doenças você não consegue progredir, fechar as portas que você deixou aberta, você não consegue fazer o seu plano reencarnatório. E também, a doença serve como um instrumento de elevação na medida em que isso não impede de você fazer os reencontros que são necessários. Porque se você tem uma doença, não trabalha; não vive em família; não se confraterniza ou se congrega na religião; e vive um turbilhão de dor como eu vivia, na questão da minha depressão, a sua estada aqui na terra, ela não é uma estada progressiva. Ela é uma estada que paralisa. Então pra mim a cura foi exatamente esse momento que eu me deparei com a minha dor e que eu pude tocar nela e eu pude realizar as outras atividades que eu não conseguia mais: estudar, me relacionar, produzir, construir laços. Eu não conseguia mais ter uma caminhada que uma pessoa comum tinha,

então a cura pra mim é eu poder ter uma vivência que me possibilite a eu me reencontrar com o meu ser eterno, que sou eu, e via de consequência é a saúde, que quando eu me curo eu tenho saúde, eu tenho vida em abundância, eu tenho prosperidade, eu consigo trabalhar, eu consigo produzir, eu consigo ajudar na comunidade na qual eu vivo, eu consigo ajudar os meus amigos, eu consigo me satisfazer enquanto ser, porque eu tenho prazer em estar aqui na vida, então eu penso que uma coisa não pode estar fora da outra, a cura está intimamente ligada com a saúde.

Sobre o que é o Santo Daime e como ele se realiza em sua vida, a advogada nos responde:

O Santo Daime, o que ele consegue realizar dentro da minha vida, é mais do que uma religião ou uma ciência, uma filosofia, ele é a própria vida! Porque ao tempo em que é uma religião, porque a gente toca o divino, ele é filosofia porque não tem como você tomar daime e não se questionar o que você está fazendo aqui; quem é você; qual o seu papel aqui; e ele é ciência porque não tem como não ser ciência, porque você questiona o universo, você questiona o que é Deus, quem quer que tome daime vai sentir as sensações do divino onde quer que ele esteja! Então o experimento mais fenomenal, mais espetacular, que existe!! Porque não existe esse ser humano que não toque no daime e ele não consiga se despertar de alguma maneira. E ele é vida, porque quando você tem o contato com o daime e escuta os hinos, ele te dá uma forma de vida que as escrituras que já vinham trazendo, o Cristo trouxe, e ele [Santo Daime] consegue colocar de uma maneira usual, do senso comum, para a prática, nada mais é do que isso. Não existe outra maneira de você viver a não ser perdoar, ser perdoado, não julgar, não caluniar, viver com saúde, viver com bem estar, é o que diz o Santo Daime. Então pra mim ele é tudo o que eu busquei até hoje, porque ele preenche o meu espírito e preenche a minha matéria, porque a minha matéria precisa de saúde e quem me dá é o Santo Daime. Além do meu espírito, porque sem ele eu não teria todas as respostas que o meu espírito que é tão investigativo busca. E ele consegue lidar. Talvez eu não encontrasse nem nos livros o que eu tanto busquei e ele consegue porque a expansão é tão gigante que você vai a locais que normalmente você não viaja, não contempla. Então o Santo Daime pra mim é a minha própria vida, ele se confunde, o Santo Daime e a minha caminhada são a mesma coisa.

A II Oficina de desenhos temáticos com as crianças do CTS fora realizada no dia cinco de julho de 2015. Por ocasião das férias escolares e a necessidade de desenvolver atividades de recreação, e, também, a pedido dos pais, que fosse pensado em algo que pudesse instruí-las sobre a doutrina, como uma espécie de evangelização, encontramos aí, Daniell Rangel, parceiro no projeto “Gira gira criancinha”, e eu, a oportunidade de colocar a escola dominical em prática, ou seja, proporcionar às crianças do Céu de Todos os Santos um momento que englobasse a educação religiosa (evangelização) e atividades artísticas, culturais e educacionais com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento espiritual, intelectual, motor, cognitivo, sensorial e social das nossas crianças.

Na primeira semana do mês de julho, juntamente com outros participantes da igreja que abraçaram a causa do projeto, montamos algumas oficinas para o primeiro dia de funcionamento da nossa escolinha: eu ministrando as aulas de evangelização; Daniell Rangel com contação de histórias (no caso Daniell leu para as crianças parte da peça “A Escola da Rainha da Floresta”) e, ao final, sob a coordenação da “tia” Lise Mariane, mãe de Amèlie, a II Oficina de desenhos temáticos: foram distribuídos papéis, lápis de cores, canetas hidrográficas coloridas e solicitado às crianças que desenhassem sobre o que tinham aprendido naquela tarde. As crianças haviam aprendido, nesta ocasião, as orações que abrem os trabalhos espirituais da religião santo daime e sobre o a vida e encontro de Mestre Irineu com a Rainha da Floresta (mito fundador do Santo Daime). Nos domingos subsequentes passaram a acontecer além das aulas de evangelização, outras oficinas como educação ambiental (onde as crianças aprendem a fazer mudas de chacrona), artes plásticas, musicalização infantil e reciclagem (com garrafas pets e caroços de feijão as crianças confeccionaram seus próprios maracás!).



Aula de evangelização (julho/2015)



Oficina de musicalização infantil (julho/2015).



Oficina de artes plásticas (julho/2015)



Oficina de educação ambiental (julho/2015)



Sol, a fada, a floresta e a laranjeira carregada de laranjas boas. Luana, 6a (05.07.15)



Sol, lua, estrela, Jesus na cruz e o sangue derramando. Gael, 7a (05.07.15)



O trabalho do Santo Daime na igreja. Namíbia, 8a (05.07.15)



Sol, lua, estrelas, a Rainha da Floresta e o Santo Cruzeiro. Amèlie, 7a (05.07.15)

Outra forma de coleta dos desenhos utilizados aqui aconteceu, como já adiantei no primeiro capítulo, de forma totalmente despreziosa. Foi procurada por Alba Magalhães, fardada do CTS, pedagoga, 31a, tia de Arthur Magalhães, 6a, filho da irmã gêmea de Alba, Amanda Magalhães, que por questões de trabalho, teve que mudar-se para a cidade de Brasília (DF) e deixou o garoto aos cuidados da avó aqui em Teresina, motivo pelo qual Arthur pouco frequenta a igreja CTS. Arthur tem como passatempos prediletos desenhar e jogar xadrez.

Binha, como é mais conhecida na irmandade daimista me trouxera alguns desenhos que Arthur havia feito em casa em vários momentos distintos de lazer e que contemplavam os interesses de minha pesquisa: representações das crianças sobre a religião santo daime.

Como é possível observar, Arthur, mesmo sem estar presente nas oficinas do “Gira gira criancinha”; trabalhos espirituais e atividades diárias do CTS, em seus momentos de diversão está ligado, conectado à religiosidade daimista e seus símbolos: Padrinho Sebastião, sol, lua, estrelas, e o cruzeiro.



Pd. Sebastião e sua barba longa. Arthur Magalhães, 6a (desenho feito em casa e cedido pela família)



Xadrez daimista. Arthur Magalhães, 6a (desenho feito em casa e cedido pela família)

A partir das falas, de crianças e adultos, e dos desenhos, interpretados pelas próprias crianças, é possível afirmar que no processo de ensino/aprendizagem que se dá em torno da ingestão da bebida sagrada ayahuasca: como a inserção das crianças pela família na religiosidade damista; a participação tanto nos trabalhos espirituais, feitos e ensaios, como em convivência cotidiana como irmandade; existe uma íntima relação entre os processos de saúde e cura, que estão diretamente conectados ao trinômio corpo-mente-espírito; a afirmação de valores próprios da cultura damista: como amor, união, irmandade, fé, firmeza, bem-estar; a representação dos símbolos ligados ao santo daime, como cruzeiro, elementos da natureza, a Rainha da Floresta, Padrinho Sebastião, entre tantos outros; evidenciam o aprendizado da religião pelas crianças e como elas a significam e ressignificam.

5 Considerações finais

A presente dissertação abordou o aprendizado da religião Santo Daime pelas crianças participantes do espaço “Céu de Todos os Santos” em Teresina Piauí, e a ingestão da bebida ayahuasca por crianças e gestantes. A problematização é em torno do consumo da ayahuasca por crianças.

Meu objetivo geral é compreender como uma criança torna-se daimista e, como objetivos específicos, procuro investigar como se dá a inserção da criança na doutrina do Santo Daime no CTS; como aprendem a ser daimistas; e como as crianças representam-se a si mesmas e à sua religião.

Adotei uma pesquisa de cunho qualitativo e para uma melhor observação e compreensão dos dados utilizei a técnica da observação participante, com minha presença em campo desde os trabalhos espirituais como no dia-a-dia do universo daimista, participando integralmente de várias atividades desenvolvidas no espaço daimista Céu de Todos os Santos tais como ensaios, mutirões, entre outras. A partir do método etnográfico e utilizando técnicas como entrevistas, relatos de vida, vídeos, desenhos, fotografias buscamos apreender sobre como as crianças do referido espaço aprendem sobre sua religião e como a ressignificam.

No capítulo 1 foi possível conhecer a partir da observação participante e da nossa condição de religiosa bem como do diálogo com os autores (SILVA 1983; MACRAE, 1992; TEXEIRA, 2004; LABATE, 2004, 2008; OLIVEIRA, 2008; ASSIS, 2013;) como o Santo Daime tem sido compreendido nas pesquisas em Ciências Sociais.

No capítulo 2 a presente pesquisa apresentou a religião do Santo Daime em Teresina e o espaço CTS com seus sujeitos, dentre eles as crianças, alvo do nosso olhar mais apurado na busca por entender como os participantes desse espaço religioso produz uma cultura religiosa atentando para as peculiaridades da cultura local, apontando uma classe média que nos anos 2000 e que ao longo desta década e meia constituíram famílias e sedimentaram uma cultura religiosa do Santo Daime que cotidianamente ensinam, repassam para suas crianças as quais aprendem e apreendem esses ensinamentos por várias vias: nas conversas com os pais, nos rituais específicos para crianças, nos rituais ordinários da doutrina, a partir da

ingestão da bebida sagrada desde as suas tenras idades mostrando uma cultura religiosa que vem a tona quando interagimos com as mesmas através das técnicas da pesquisa e da experiência pessoal de religiosa que somos.

No capítulo 3 exploramos via as técnicas deste estudo como as crianças também sujeitos produtores de cultura e conhecimento internalizam , incorporam, compreendem , criam e recriam, representam, maneiras de ser do Santo Daime. Buscamos com as técnicas do desenho corroborando com as ideias de (PIRES, 2007; 2008; BARBOSA & MARTINS FILHO, 2009; DUARTE, 2009; TRAGANTE, 2014) e do vídeo e fotos ancorados nas perspectivas dos autores (cita autores) compreender como é engendrado o conhecimento, a aprendizagem das crianças do CTS sobre o que é ser criança e como é ser daimista.

Por fim, conhecemos um pouco sobre a religião do santo daime e como as crianças apreendem, aprendem e representam a religião.

Referências Bibliográficas

ALVES JÚNIOR, Antônio M. **Tambores para a Rainha da Floresta**: a inserção da umbanda no santo daime. 2007. 272p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC. São Paulo – SP. Em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5712. Acessado em 27.04.11.

ARAUJO, Felipe Silva. **A Antropologia dos usos da ayahuasca em três perspectivas**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, NEIP, 2011. Em: www.neip.info. Acessado em 10.03.14.

_____. **A autoria etnográfica na validação de uma antropologia dos usos da ayahuasca**: primeiros apontamentos de pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, NEIP, 2011. Em www.neip.info. Acessado em 10.03.14.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1981.

ASSIS, Glauber Loures. **Encanto e desencanto**: Um estudo sociológico sobre a inserção do Santo Daime no cenário religioso contemporâneo. 2013. 115p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) UFMG. Belo Horizonte – MG. Em: http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/assis_daime_encanto_desencanto_2013.pdf. Acessado em 03.05.11.

BARBOSA, Maria do Carmo Silveira; MARTINS FILHO, Altino José. **Metodologias de pesquisa com e sobre crianças**. In.: Simposio Internacional: Encuentro etnográficos con niñ@s y adolescentes en contextos educativos. Buenos Ayres, 2009. Em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/METODOLOGIAS%20DE%20PESQUISAS%20COM%20E%20SOBRE%20CRIAN%20C3%87AS.pdf>. Acessado em 26/11/14.

BADINTER, Elisabeth. **O Amor ausente**. In.: *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERGER, Peter L., BERGER, Brigitte. **Socialização**: como ser um membro da sociedade. In.: Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia (compilação de textos por) Marialice Mencarini Foracchi (e) José de Souza Martins. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1983.

BRAZ e SILVA, Angela. **Planejamento e fundação da primeira cidade no Brasil império**. *Cadernos do PROARQ* (UFRJ), v. 18, p. 216-236, 2012. Em: http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18_Planejamento_AngelaSilva.pdf. Acessado em: 28.05.14.

BUSS-SIMÃO, M. **Antropologia da criança**: uma revisão da literatura de um campo em construção. In.: *Revista Teias*, v. 10, n. 20. Rio de Janeiro: ProPed/ UERJ, 2009.

Em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/issue/view/33>.
Acessado em 18.03.13.

CAMARGO, Candido P. F., **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CAVALCANTE, Francisca V., SOUSA, Helder F. **Teresina, expressões antigas e contemporâneas de religiosidade**. In.: VASCONCELOS, J.G, ADAD, S.J.H. (org). Coisas de Cidade. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

CAVALCANTE, Francisca Verônica. **Os Tribalistas da Nova Era**. Teresina: Fundação Quixote, 2009.

CAVALCANTE, Francisca V. **Terapias alternativas e cuidados paliativos em Teresina**. Anais XVII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina. GT 3. Terapias alternativas y religión em Latinoamérica: itinerários y flujos entre salud, bienestar y enfermedad. Porto Alegre: UFRS, 11 a 14 de novembro, 2013.

CEFLURIS. **Normas de Ritual**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1997.

CODONHO, C. G. **Aprendendo entre pares**: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno (Amapá, Brasil). 2007. 133p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFSC. Florianópolis- SC.

COHN, C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COUTINHO, A. M. S. **Infância e diversidade**: as culturas infantis. Santa Catarina: UFSC, 2001. Em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/pangela>. Acessado em: 18.03.13.

COSTA, Jurandir Freire. **Adultos e Crianças**. In.: *Ordem Médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

DIAS JÚNIOR, Walter. **O culto ao Santo Daime**: um paradoxo da modernidade. Trabalho apresentado no III Seminário sobre "A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil", 1994, Brasília. Ed. Paulus. 1994. Em: <http://ceudovale.com.br/images/O-Culto-ao-Santo-Daime.pdf>. Acessado em 14.02.11.

DINIZ, Carmem S. G. **Humanização da assistência ao parto no Brasil**: os muitos sentidos de um movimento. In.: *Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (3): 627-637, 2005. Em: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n3/a19v10n3.pdf>. Acessado em 20.11.14.

DONZELOT, Jacques. **A Conservação das crianças**. In.: *A Polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª ed., 1986.

DUARTE, Maria L. B. **Desenho infantil e pesquisa**: fundamentos teóricos e metodológicos. In.: Congresso Latinoamericano e Caribenho de Arte/Educação, 2009, Belo Horizonte. Anais do Congresso Latinoamericano e Caribenho de Arte/Educação, Belo Horizonte, 2009.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia**: Saberes e

Práticas. In.: ILLUMINURAS, V. 09, n. 21, 2008. Em: <http://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/9301>. Acessado em 24.11.14.

FALCÃO, Cristiane Rocha. **“Ele já nasceu feito”**: O lugar da criança no candomblé. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 2010.

FEIJÃO, Theresa J., CAVALCANTE, Francisca V. **Crianças e psicoativos**: a ingestão e a relação corpo saúde nos rituais do Santo Daime. Comunicação apresentada no I Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2013, São Paulo. Diversidades e (In) Tolerâncias Religiosas, 2013.

FONSECA, Cláudia; RIBEIRO, Fernanda B; SCHUCH, Patrice. **Infâncias e crianças**. Saberes, tecnologias e práticas. In.: Civitas, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 205-220, maio-ago. 2013. Em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16467/1082>. Acessado em 06.07.14.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2ª. ed., Trad. Mariano Ferreiro. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOULART, Sandra. **As raízes culturais do Santo Daime**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo: 1996.

LABATE, BEATRIZ C., ARAÚJO, WLADIMYR S.(orgs.), **O uso ritual da ayahuasca**. Ed. Mercado de Letras, 2ª. ed., Campinas, 2004

LABATE, Beatriz C., PACHECO, Gustavo. **As origens históricas do Santo Daime**. In.: Álcool e drogas na história do Brasil/Renato Pinto Venâncio, Henrique Carneiro – São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005. Em: http://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2010/10/Labate_Pacheco_Origens_Historicas_Santo_Daime_20052.pdf. Acessado em 10.09.13.

LABATE, Beatriz C., LIMA, Edilene C. **“Remédio da Ciência” e “Remédio da Alma”**: os usos da secreção do kambô (*Phyllomedusa bicolor*) nas cidades. In.: Campos, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 71-90, 2007. Em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/viewFile/9553/6626>. Acessado em 14.11.12.

LABATE, Beatriz C., ROSE, Isabel S., e SANTOS, Rafael G. **Panorama da bibliografia sobre as religiões ayahuasqueiras**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto-Seguro Bahia. 2008. Em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2006/isabela%20santana.pdf. Acessado em 10.09.13

LABATE, Beatriz C. **Consumo da ayahuasca por grávidas**. 2008. Em: <http://www.bialabate.net/news/consumo-da-ayahuasca-por-gravidas>. Acessado em: 12.09.13.

LABURTHE-TOLRA, Philippe. **A Pesquisa**. In.: Etnologia – Antropologia / Philippe Laburthe-Tolra, Jean-Pierre Warnier. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEMOS, José Augusto; POLARI, Alex. **Céu do Mapiá 20 ANOS: Uma comunidade espiritual no coração da floresta**. Amazonas, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1963.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1971.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MARTIN, Emily. **Metáforas médicas do corpo da mulher: parto**. In.: A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MAUSS, M. **As técnicas corporais**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU, 1974.

NERI, Marcelo Côrtes. **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Em: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. Acessado em 05.10.13.

NUNES, A. **Brincando de ser Criança: Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância**. Lisboa, Portugal: Departamento de Antropologia do ISCTE, 2003. 341 f. Tese de doutoramento. Em: [www.<http://hdl.handle.net/barr10071/684>](http://hdl.handle.net/barr10071/684). ISBN 978-989-8154-32-3. Acessado em 18.03.13

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra. **SANTO DAIME – O Professor dos Professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos**. 2008. 233f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008. Em: http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2394. Acessado em 20.04.11.

PEIRANO, Mariza. **Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica**. In.: O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais/ Mariza Peirano (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PIRES, Flávia. **Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2007, v. 50 nº 1.

_____. **Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças**. Cadernos de Campo, v. 17, p. 133-151, 2008a

_____. **O que as crianças pequenas pensam sobre religião – reflexões a partir do trabalho de campo em Catingueira/PB**. Encontros do Religares, v. 4, p. 14-48, 2008b. Em: http://www.ce.ufpb.br/ppgcr/arquivos/producoes/producao_6.pdf. Acessado em 18.03.13.

_____. **Quem tem medo de mal-assombro?** In.: *Etnográfica*, 13 (2): 291-312, 2009. Em: <http://etnografica.revues.org/1321>. Acessado em 18.03.13.

_____. **O que as crianças podem fazer pela Antropologia?** In.: *Horizontes Antropológicos*. vol.16 no.34 Porto Alegre, 2010. Em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000200007&script=sci_arttext. Acessado em 18.03.13.

_____. **Tornando-se adulto:** Uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. In.: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(1): 143-164, 2010. Em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n1/a08v30n1>. Acessado em 18.03.13

RAMOS, Maria F. H. A. **SANTO DAIME:** A colônia cinco mil e a contracultura (1977-1983). 202.113f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2002. Em: http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/ramos_cinco_mil_contracultura.pdf. Acessado em 10.06.13

REGINATO, A.D.A. **Regulamentação de uso de substância psicoativa para uso religioso:** o caso da ayahuasca. In: *TOMO*, São Cristóvão – SE, V01, Nº 17, 2010. Em: < http://200.17.141.110/pos/sociologia/down/Revista_TOMO-n17.pdf >. Acessado em 10. 07.13.

RIBEIRO JR, Juscelino; MARANHÃO, Natacha. **Boa noite Teresina adota horários mais flexíveis.** Portal O Dia, Teresina, 02/07/2010. Piauí. Em: <http://www.portalodia.com/noticias/geral/boa-noite-teresina-adota-horarios-mais-flexiveis-82183.html>. Acessado em: 17.02.14.

RODRIGUES, Ronaldo O. **Ritual em Tambiah:** trajetória, conceitos e reflexões. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VII, n. 20, Setembro 2014 - ISSN 1983-2850 – Dossiê Mídias, Religiões e Religiosidades. Em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/index>. Acessado em 05.03.15.

SCOPEL, Raquel P. D., **A cosmopolítica da gestação, parto e pós-parto:** práticas de autoatenção e processos de medicalização entre os índios Munduruku. 2014. 211p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2014. Em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129172>. Acessado em 20.01.15.

SILVA, Clodomir M. **O PALÁCIO DE JURAMIDAN SANTO DAIME:** um ritual de transcendência e despoluição. 1983. 194f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1983. Em: <http://www.neip.info/downloads/clodomir/teseClodomir.pdf>. Acessado em 20.04.13

SOUSA, Emilene L. **As crianças e a etnografia:** criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.140-164, jan./jul. 2015. Em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/57434/34489>. Acessado em 16.07.15.

TASSINARI, A. **Concepções indígenas de infância no Brasil.** In: *Tellus*, no 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007 Campo Grande – MS. Em: ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus13/1_Antonella.pdf. Acessado em 18.03.13.

TEIXEIRA, Mara R. C. **EM RODA DOS MENINOS**: Um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá / AM - 2003. 2004. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação – CED, Florianópolis. 2004. Em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87022>. Acessado em 01.06.14

TOREN, Christina. **Uma Antropologia além da cultura e da sociedade**. (Entrevista). In.: Revista Habitus, IFCS - UFRJ Vol. 11 - N.1 - Ano 2013. Em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/revistahabitus/article/.../202>. Acessado em 20.03.13.

TORNQUIST, Carmem S. **Humanização do Parto**: entrevista com Robbie Davis-Floyd. In.: Rev. Estud. Fem. vol.10 no.2 Florianópolis July/Dec. 2002. Em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000200008&script=sci_arttext. Acessado em 20.01.15.

TRAGANTE, Christiane A. **O desenho na pesquisa com crianças**: reflexões a partir da educação em arte. In.: II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança. Porto Alegre, 2014. Em: http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407548487_ARQUIVO_TRAGANTE,C.A.Odesenhonapesquisacomcriancas.pdf. Acessado em 03.11.14.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In.: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Outras fontes:

Entrevista: Robert Rios moderniza segurança para proteger sociedade. Portal Vermelho, Teresina, 08/06/2007. Em: http://www.vermelho.org.br/pi/noticia.php?id_noticia=18314&id_secao=95. Acessado em 17.02.14.

HISTÓRIA DAS RAVES. Em: <http://www.psynation.com/historia-das-raves/>. Acessado em 05.10.11

ANEXOS

COLABORADORES

AESPI SENAC CEUT COLÉGIO ACADÊMICOS ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMAGEM (COLÉGIO AGRICOLA) COLÉGIO BRASIL CIERP COLÉGIO SAORA COLÉGIO VIBÃO FACID FACULDADE ALIANÇA FACULDADE CET INSTITUTO DE ENSINO PROGRESSO UINOVAFAP PREMISA S.L. FBA FACIME-UESPI UFPI UNESC COLÉGIO TERESINA SUNDECT FACULDADE CARLOS FILHO CEPROSC	SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DE TERESINA FAMEP FAV COLÉGIO TERESINA IFPI CENTRO UNALUNESC FRANCA ESCOLA TÉCNICA FACULDADE MAURÍCIO DE NASRAJ ABEN-PI MINISTÉRIO DA SAÚDE FATESP FMS FHT CONREGAÇÃO IOREJAS EVANGÉLICAS MATERNIDADES: M.D.E.R. PROMOTORAR SATELITE SANTA FE SENATEPI UNDESPI MATERNIDADE WALL FERNAZ CLINICA DELICATA
--	---

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OBSTETRIZES E ENFERMEIRAS
OBSTETRIZAS - ABEMIO-PI

MARCHA PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO



EU APOIO

DIA: 29/11/2014
SAÍDA: PONTE ESTAIADA
HORÁRIO: 16h

Patrocinador:


MARCHA PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO

Procure apoio na Rede Cegonha que é um novo modelo de atenção ao parto e nascimento proposto pelo Governo Federal para estimular a realização do parto normal humanizado, reduzir o número de cesarianas e as taxas de mortalidade materno-infantil. A Rede Cegonha resgata o prazer e a dignidade na vivência da gestação, do parto e do nascimento.

**NÃO PODEMOS TRANSFORMAR ALGO NATURAL EM
EVENTO CIRÚRGICO DESNECESSÁRIO**

NORMAL É TER PARTO NATURAL E VOCÊ TEM MOTIVOS PARA ISSO:

- Terá direito ao acompanhante da sua escolha (Lei nº 11.108/2005);
- Será orientada sobre o trabalho de parto com direito de: alimentar-se, caminhar, tomar banho morno, receber massagens, fazer exercícios na bola e no cavalinho;
- Poderá escolher a posição que desejar parir: semi-sentada, na lateral, de quatro e ou de cócoras junto com seu acompanhante, assistido por médico ou enfermeira obstetra;
- O bebê deverá ficar em contato direto com a mãe logo após o nascimento, antes do corte do cordão umbilical;
- A amamentação deve ser iniciada logo nos primeiros 30 minutos após o parto;
- A amamentação se torna mais fácil e diminui os problemas respiratórios para o bebê;
- Sem corte no perineo a recuperação pós-parto se tornará mais rápida, segura e mais confortável;
- Com o parto natural as complicações são menos frequentes além de ser menor o tempo de internação.

Folder Marcha pela Humanização do Parto

PLANO DE PARTO

Parturiente: Laila Naiane da Mota Uchôa

Doula: Márcia Silva

Médica (G.O.): Dra Maria das Dores

Acompanhantes: Edimar Linhares Junior (marido)

Maria Bernadete da Mota Lima Uchoa (mãe)

"Estamos cientes de que o parto pode tomar diferentes rumos. Abaixo listamos nossas preferências em relação ao parto e nascimento do nosso filho, caso tudo transcorra bem. Sempre que os planos não puderem ser seguidos, gostaríamos de ser previamente avisados e consultados a respeito das alternativas."

Trabalho de parto:

- presença de meu marido, da doula, minha família (mãe, irmãs e pai) e da médica ginecologista obstetra.
- sem tricotomia (raspagem dos pelos pubianos) e enema (lavagem intestinal).
- sem perfusão contínua de soro e ou oxitocina.
- sem o uso de pitocina.
- liberdade para beber água e sucos enquanto seja tolerado.
- liberdade para caminhar e escolher a posição que quero ficar.
- liberdade para o uso ilimitado da banheira e/ou chuveiro, banqueta e bola.
- monitoramento fetal: apenas se for essencial, e não contínuo.

- analgesia: peço que não sejam oferecidos anestésicos ou analgésicos. Eu pedirei quando achar necessário.
- sem rompimento artificial de bolsa.
- liberdade para escutar músicas que acalmam o bebe, tais como mantras, sons ambiente e os hinos daimistas.
- ingestão do sacramento do Santo Daime sempre que meu marido entender ser necessário para o bom prosseguimento do parto.

Parto:

- prefiro ficar na posição que mais me convir de acordo com o prosseguimento do parto e do meu bem estar.
- prefiro fazer força só durante as contrações, quando eu sentir vontade, assim como quando guiada pela G.O., respeitando sempre minhas possibilidades. Gostaria de um ambiente especialmente calmo nesta hora.
- não vou tolerar que minha barriga seja empurrada para baixo.
- episiotomia: só se for realmente necessário. Não gostaria que fosse uma intervenção de rotina.
- gostaria que as luzes fossem apagadas (penumbra) e o ar condicionado desligado na hora do nascimento. Gostaria que meu bebe nascesse em ambiente calmo e silencioso.
- durante a expulsão do bebe gostaria que a Doula Márcia Silva cante os hinos da Doutrina do Santo Daime.
- gostaria de ter meu bebe colocado imediatamente no meu colo após o parto com liberdade para amamentar.
- gostaria que o pai cortasse o cordão após o mesmo ter parado de pulsar.

Após o parto:

- aguardar a expulsão espontânea da placenta, sem manobras, tração ou massagens. Se possível ter auxílio da amamentação.
- ter o bebê comigo o tempo todo enquanto eu estiver na sala de parto, mesmo para exames e avaliação.
- liberação para o apartamento o quanto antes com o bebê junto comigo. Quero estar ao seu lado nas primeiras horas de vida.
- alta hospitalar o quanto antes.

Cuidados com o bebê:

- administração de nitrato de prata ou antibióticos oftálmicos apenas se necessário e somente após o contato comigo nas primeiras horas de vida.
- quero fazer a amamentação sob livre demanda.
- em hipótese alguma, oferecer água glicosada, bicos ou qualquer outra coisa ao bebê.
- alojamento conjunto o tempo todo. Pedirei para levar o bebê caso esteja muito cansada ou necessite de ajuda.
- gostaria de participar do banho no meu bebê e fazer as trocas (ou eu ou meu marido ou minha mãe).
- Ingestão de 03 (três) gotinhas do Sacramento do Santo Daime ministrado por meu marido.

Caso a cesárea seja necessária:

- exijo o início do trabalho de parto antes de se resolver pela cesárea.
- quero a presença da doula e de marido na sala de parto.

- anestesia: peridural, sem sedação em momento algum.
- na hora do nascimento gostaria que o campo fosse abaixado para que eu possa vê-lo nascer.
- gostaria que as luzes e ruídos fossem reduzidos e o ar condicionado desligado.
- após o nascimento, gostaria que colocassem o bebê sobre meu peito e que minhas mãos estejam livres para segura-lo.
- gostaria de permanecer com o bebe no contato pele a pele enquanto estiver na sala de cirurgia sendo costurada.
- também gostaria de amamentar o bebê e ter alojamento conjunto o quanto antes.

Agradeço muito a equipe envolvida e a ajuda para tornar esse momento especial e tão importante para nós em um momento também feliz e tranquilo como deve ser.

Muito obrigada.

Teresina, 09 de junho de 2015.

Assinatura dos pais

Assinatura do médico obstetra

Marcelo L. D. dos Santos

Assinatura do pediatra

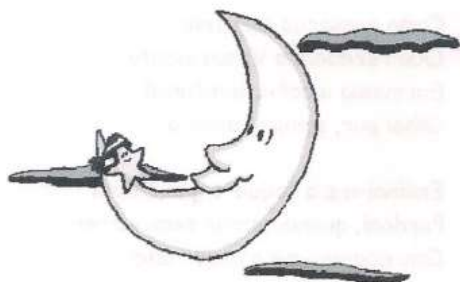
**Lembrança
do meu 1º aninho**

07/10/2009



Luiza

**Hinário
das Crianças**



Oração ao Anjo da guarda

*Santo Anjo do Senhor,
meu Zeloso Guardador,
se a Ti me confiou
a Piedade Divina
sempre me Rege,
me Guarde,
me Governe
e me Ilumine.*

Amém.

ORAÇÃO DE UMA CRIANÇA

Senhor, ensina-me a rezar
E aceita a minha oração
Vós que estais em todo lugar
Ouví meu coração

Como pássaros com frio
Que recebem o Vosso alento
Em minha inocência infantil
Olhai por, sempre atento

Ensina-me a seguir o que é bom
Perdoai, quando errar sem querer
Concedendo-me o maior dom

Servir a vós enquanto viver

01 - São João

(Mestre Inheú)

São João era menino
Só vivia nas Campinas ☆
Pastorando as suas ovelhas
Pregando as Santas Doutrinas

Pregando as Santas Doutrinas ☆
O amor Ele empregou
Atrás dele veio Jesus
Toda verdade afirmou

Toda verdade afirmou
Gravou no coração
Ambos foram batizados:
No Rio de Jordão

No Rio de Jordão
Ambos tiveram em pé
Um é filho de Maria ☆
E o outro é filho de Isabel

Jesus estava vestido
Com sua roupa cor de cana ☆
Dando viva ao Pai Eterno
Viva a Senhora Santana ☆



02 - São João na Terra

(Pad. Sebastião)

Quando ouvir falar
De São João na terra
É sinal de guerra
Em todo lugar

É fora
De confusão
Chegou São Pedro
Com seus dois irmãos

Os anjinhos do céu
É quem vem colher
Para ajuntar
Em um só lugar

Louvar
A meu Pai Eterno
Feliz daquele
Que bem trabalhar



03 - Eu sou pequenininho

(Maria Damão)

Eu sou pequenininho
Mas trago os meus ensinios
Eu canto é bem baixinho
Em roda dos meninos

Canta cantia os meninos
Para todos se alegrar
Que nós todos somos filhos
E é preciso nós rezar

É de grande a pequenos
É para todos dar valor
Que nós estamos na doutrina
Do nosso Pai Criador.



04 - Os pequeninos

(Paulo Roberto)

Eu peço à Santa Estrela que nos guia
Força para as crianças trabalhar

Abençoa a todos pequeninos
Os meninos e as meninas do astral

São João, o Santo Justiceiro
Te dê coragem, te dê força, te dê fé
Para quando tu crescer ser um guerreiro
Do Nosso Mestre Jesus de Nazaré

São João te dê a espada da paz
São José, o capacete da esperança
Eu peço à Virgem Santa Mãe
Que abençoe a todas as crianças



06 - Criancinha

(Pad. Alfredo)

Mais uma vez eu vou dizer
Que Jesus Cristo está certo ☆

O espírito é forte vós meu Pai
Mas a carne também é a Terra

Dai só o Santo perdão ☆
Para totalmente ficar perto
Para totalmente ter firmeza ☆
É preciso totalmente ficar certo

Como Santo filho de Maria ☆
Inocência de uma criancinha
Sois bondade, sois beleza, vós meu Pai
Minha Mãe, vós sois pureza e sois Rainha



05 - Papaizinho e Mamãezinha

(Pad. Alfredo)

Papaizinho e Mamãezinha
Que seguram a minha vida ☆

Como é bom estar com vós
E com a minha Mãe querida

Sou eu firmado no Mar
Fonte de sabedoria ☆
Que beleza conhecer
Este oceano um dia

Jesus Cristo Redentor ☆
Nos ensina e nos amostra
Aqui eu vou beirando o Mar
Beirando a Terra, estou na rocha



07 - Estrelas pequeninas

(Pedro Malheiros)

As estrelas pequeninas ☆
Resplandecem no astral
Consagrando nossa festa
Nesta noite de natal ☆

As estrelas pequeninas ☆
O seu reino é de amor
Estão formadas na verdade
De Jesus Cristo Redentor ☆

As estrelas pequeninas ☆
São luzes desta corrente
Trabalhando nesta casa
Do nosso Deus onipotente ☆



08 - Passarinho amarelinho

(Sônia Palhares)

Passarinho amarelinho
Que só voa sozinho

Eu tenho companhia
É de noite, é de dia

Tenho o sol e as estrelas
E o Menino Jesus

O Menino Jesus
Vive no meu coração

Brilha no ar que eu respiro
Reluz nesta imensidão

**09 - Meu Pai é o Sol**

Meu pai é o Sol
Meu pai é o Sol
Sua bandeira é a floresta
Ao meu redor

Minha Mãe é a Lua
Minha Mãe é a Lua
É a Virgem que me ensina
A ser pura

As Estrelas são
Os meus irmãos
Que me ajudam
Neste mundo de amargura

**10 - Nova Vida**

(ofertado por Lucia Farias)

Nova vida, novo dia
Recebo com alegria

Graças a Deus, graças a Deus
Um novo dia Ele me deu

Nesta casa tudo nasce
Tudo cresce e floresce
A Deus eu louvo, a Deus eu louvo
Que me fez nascer de novo

Nova flor de esperança
Brotou em meu coração
Vem, oh! Vem Jesus criança
Vem trazer transformação

**11 - Mensagem de Mamãe Yemanjá**

(ofertado por Daniela Soares)

Sou um guerreiro ☆
Da Rainha um Mensageiro ☆
Balanço a espuma que vem das ondas
do mar
Trago alegria, amor e esperança
Sou filho da Lua Branca ☆
E com Mamãe eu quero estar ☆

Meu Rei Ogum, tão brilhante cavaleiro
Traz mensagem de Mamãe Yemanjá
Que pra seguir no caminho direito
Por nosso Mestre aonde estar ☆

E finalizo lembrando os meus irmãos
Que se esforcem na hora de trabalhar
Que não tem perto e nem longe
Com todos na Nova Era ☆
Eu quero me encontrar ☆



12 - Brilho do Sol

(Pad. Sebastião)

Eu sou brilho do sol ☆
 Sou brilho da lua ☆
 Dou brilho às estrelas ☆
 Porque todas me acompanham

Eu sou brilho do mar ☆
 Eu vivo no vento ☆
 Eu brilho na floresta ☆
 Porque ela me pertence



Isto eu digo é porque sei
 Pois estou examinando

É o tempo do apuro
 Do meu Senhor São João

Já foi dito e lembrado
 Todos prestem atenção
 O começo da história
 Vem do rio de Jordão.



13 - Eu vivo na Floresta

(Mad. Rita)

Eu vivo na floresta
 Aprendendo a me curar

Eu convido os meus irmãos
 Vamos todos se cuidar

Estou dentro da batalha
 Sofrendo mas sou feliz
 Nela estou aprendendo
 O que eu ainda não sabia

Eu não vou enganar
 Eu vim e vou dizer
 Quem quiser passar nas provas
 É começar do ABC

Examinar a consciência
 É a primeira lição
 Ter firmeza e ter amor
 E amar os seus irmãos



LETRAS HINOS TRABALHO DE CRIANÇAS DIA 12.10.2014.

1. **Ponto de luz** (Wesley Viana ofertado à filha, Sofia Viana)

Um dia desses um grande Deus
 Abençoou a minha vida
 Plantou semente e agou
 Segue em frente que vai pra corrente

Ó minha Senhora das Graças
 O que eu fiz para merecer?
 Tanta riqueza, olha que beleza!
 Um ponto de luz me apareceu!

Diante disso vou agradecer
 Respirando, afirmo meu ser
 Que gratidão, é a Nova Era!
 Seja bem-vinda, papai te espera

2. **Casa de Oração** (Hinário “Louvores e Agradecimentos”, Tony Jarbas, Juazeiro – Bahia)

Voou
 Da floresta encantada meu beija flor
 Pousou
 Nesta terra semiárida e ficou
 Firmou
 O amor do meu São João
 E do meu Mestre Ensinador.
 Eu disse ao Padrinho Paulo
 Que queria o Santo Daime
 Na terra onde nasci, para curar
 Ele me perguntou:
 — Filho meu tu tens coragem, de segurar esta missão?
 Disse ainda que era preciso
 Ser guerreiro e se humilhar
 E ter amor no coração, para lutar
 Contra os maus fazejos
 E as forças negativas que vem da escuridão.
 Comecei quase sozinho
 Encontrei outros irmãos
 E bem devagarinho
 Fez a Casa de Oração.
 Realizou, o sonho que eu sonhei
 Realizou
 A plantinha que plantei desabrochou
 Cresceu

Em cada flor uma estrela
 Um guerreiro do amor
 Realizou o sonho que eu sonhei
 Realizou
 A plantinha que plantei desabrochou
 Cresceu
 Em cada flor uma estrela
 Uma guerreira do amor.

3. **É bom** (Hinário “O Tesouro”, Daniel Serra, São Luiz – Maranhão)

“É bom, é bom, é bom
 E rico o meu tesouro
 Onde está todas as Estrelas
 Bem Chuviscadas de ouro.”

4. **Tá tum, dem dum** (Hinário “Daime Sorrindo” Odemir Raulino, Céu do Mapiá – Amazonas)

Neste planeta do meu Pai
 Tem a linha do Tucum
 Tem tá-tum, tem dem-dum
 Um um um, um, um, um

Tá-tum, dem-dum
 Um um um um um

E pra seguir nesta linha
 É preciso conhecer
 Nunca passar dos limites
 Do que se pode fazer

Tá-tum, dem-dum
 Um um um um um

E somente é liberado
 Nesta terra cada um
 Destrinchando os mistérios
 Destas palavras comuns

Tá-tum, dem-dum
 Um um um um um

O meu Mestre me chamou
 Confiei em minha sorte
 Só existem dois caminhos
 Um é vida e outro é morte

Tá-tum, dem-dum
Um um um um um

E quando o nosso Mestre chega
Todo salão estremece
Dando viva a todos corpos
Quem é fraco esmorece

Tá-tum, dem-dum
Um um um um um

Eu confio no Reis fortes
Jesus Cristo e são João
Quem não souber o que é
Nunca prestou atenção

Tá-tum, dem-dum
Um um um um um

Para por aqui parar
Nesta doutrina de Mamãe
Afastar todas doenças
Deste povo de Jesus

Amém, amém
Vem, Vem, Vem

5. **No alto da montanha** (Hinário “Firmado na Luz”, Sônia Palhares, Mauá – Rio de Janeiro)

No alto da montanha
Lá no alto muito além
Tem um palácio de gelo tão sublime
Que vira água também

A água vai pra mata
Mãe Jurema abençoou
Uma cabocla de pena cor de prata
Que Pai Oxalá criou

O Sol brilha na Terra
E dá luz aos que sofreram
E põe um Ser Divino em cada folha
Pra curar os filhos Seus

Minha Mãe, minha Rainha

Quero as almas iluminar
 Com esse cristal tão puro e verdadeiro
 Que veio me acompanhar

6. **Beijamim** (“O Mensageiro”, Maria Damião, Rio Branco – Acre)

Tu Beijamim
 Flor de amor
 Da onde vem
 Todos primores

Tu Beijamim
 Flor de amor
 Foi Deus do Céu
 Quem nos mandou

A Virgem Mãe
 Lhe acompanhou
 Oh! Beijamim
 Flor de amor

Quem nos mandou
 Foi o Criador
 Oh! Beijamim
 Flor de amor

7. **Vinga segura** (Hinário “Quadro azul”, Odemir Raulino, Vila Céu do Mapiá – Amazonas)

Depois de tanto sofrer
 Encontrei um médico que me cura de graça
 De graça, de graça, dou graças
 Este doutor é o meu Jesus
 Livrai-me da má fumaça
 Uma boa fumaça da Luz

O Bom doutor vem dizer ao doente
 O desprezo não ajuda ninguém
 Se alguém lhe deseja o mal
 Retribua fazendo o bem
 E se contarmos as vingas seguras
 Quase não aparece ninguém

8. **Perguntei aos meus irmãos** (Hinário “Nova Aliança”, Paulo Roberto, Rio de Janeiro- Rio de Janeiro)

Perguntei aos meus irmãos
 Para saber o que está acontecendo
 Alguns me responderam: Padrinho Nós também não sabemos
 Mas a verdade é Que estamos esmorecendo
 E é por isso que Nós estamos sofrendo
 Se esmorecem é porque não obedecem
 Os mandamentos desta Santa Doutrina
 Aí, é peia, aiiii! Como dói a disciplina
 Se não doer, não vai aprender
 Se não sofrer, não consegue se humilhar
 A este poder de Jesus
 Que só quer o nosso bem
 Que nos protege e nos perdoa
 Mas do jeito que Lhe convém

9. **Brilho do sol** (Hinário “Nova Jerusalém”, Pd. Sebastião, Vila Céu do Mapiá – Amazonas)

Eu sou brilho do sol
 Sou brilho da lua
 Dou brilho as estrelas
 Porque todas me acompanham
 Eu sou brilho do mar
 Eu vivo no vento
 Eu brilho na floresta
 Porque ela me pertence

10. **Eu vivo na floresta** (Hinário “Lua Branca”, Madrinha Rita, Vila Céu do Mapiá – Amazonas)

Eu vivo na floresta
 Aprendendo a me curar
 Eu convido os meus irmãos
 Vamos todos se cuidar
 Estou dentro da batalha
 Sofrendo mas sou feliz
 Nela estou aprendendo
 O que eu ainda não sabia
 Eu não vou enganar
 Eu vim e vou dizer
 Quem quiser passar nas provas
 É começar do ABC
 Examinar a consciência
 É a primeira lição
 Ter firmeza e ter amor
 E amar os seus irmãos
 Isto eu digo é porque sei
 Pois estou examinando

É o tempo do apuro
 Do meu Senhor São João
 Já foi dito e lembrado
 Todos prestem atenção
 O começo da história
 Vem do rio de Jordão

11. Animais sagrados (Hinário “Nova Aliança”, Paulo Roberto Rio de Janeiro- Rio de Janeiro)

Eu chamo a águia
 Eu chamo o urso
 Eu chamo a tartaruga
 Eu chamo os golfinhos
 Eu chamo as baleias para celebrar a vida
 E me dar os seus ensinamentos e me dar os seus ensinamentos
 Eu chamo a águia que me ensina a voar
 Eu chamo o urso que me ensina a ser forte
 Chamo a tartaruga que me ensina a caminhar
 Na calma, bem devagar, na calma, bem devagar
 Chamo o beija-flor que me ensina a curar
 Eu chamo o jaguar que me ensina a caçar
 Eu chamo a cobra grande que me ensina a esperar
 E ter uma longa vida, e ter uma longa vida
 Chamo a borboleta que me ensina a renascer
 Eu chamo a aranha que me ensina a meditar
 Eu chamo as abelhas que não me deixam esmorecer
 E me ensinam a fazer mel, mel que me leva no céu

12. Passarinho amarelinho (Hinário “Firmado na luz”, Sônia Palhares, Mauá – Rio de Janeiro)

Passarinho amarelinho
 Que só voa sozinho
 Eu tenho companhia
 É de noite, é de dia
 Tenho o sol e as estrelas
 E o Menino Jesus
 O Menino Jesus
 Vive no meu coração
 Brilha no ar que eu respiro
 Reluz nesta imensidão